

John Dewey

Impressões sobre a China

Tradução: Carlos Lucena



IMPRESSÕES SOBRE A CHINA

John Dewey

IMPRESSÕES SOBRE A CHINA

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais
Navegando Publicações
2022



Navegando Publicações



NAVEGANDO

www.editoranavegando.com

editoranavegando@gmail.com

Uberlândia – MG,

Brasil

Direção Editorial: Navegando


Projeto gráfico e diagramação: Lurdes Lucena

Arte da Capa: Alberto Ponte Preta

Copyright © by autor, 2022.

J654 – DEWEY, J. Impressões sobre a China. Tradução Carlos Lucena. Uberlândia: Navegando Publicações, 2022.

ISBN: 978-65-81417-59-8

 10.29388/978-65-81417-59-8

1. China 2. Política internacional 3. Filosofia I. John Dewey. Navegando Publicações. Título.

CDD – 100

Índice para catálogo sistemático

Filosofia

100

Navegando Publicações



www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com

Uberlândia – MG

Brasil

Pesquisadores Nacionais

Afrânio Mendes Catani – USP – Brasil
Anderson Brettas – IFIM – Brasil
Anselmo Alencar Colares – UFOPA – Brasil
Carlos Lucena – UFU – Brasil
Carlos Henrique de Carvalho – UFU, Brasil
Cilson César Fagiani – Uniupe – Brasil
Dermeval Saviani – Unicamp – Brasil
Elmiro Santos Resende – UFU – Brasil
Fabiane Santana Previtali – UFU, Brasil
Gilberto Luiz Alves – UFMS – Brasil
Inez Stampa – PUCRJ – Brasil
João dos Reis Silva Júnior – UFSCar – Brasil
José Carlos de Souza Araújo – Uniupe/UFU – Brasil
José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil
Larissa Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Livia Diana Rocha Magalhães – UESB – Brasil
Mara Regina Martins Jacomeli – Unicamp, Brasil
Maria J. A. Rosário – UFPA – Brasil
Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp, Brasil
Paulino José Orso – Unioeste – Brasil
Ricardo Antunes – Unicamp, Brasil
Robson Luiz de França – UFU, Brasil
Tatiana Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Valdemar Sguissardi – UFSCar – (Apos.) – Brasil
Valeria Lucilia Forti – UERJ – Brasil
Yolanda Guerra – UFRJ – Brasil

Conselho Editorial Multidisciplinar

Pesquisadores Internacionais

Alberto L. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires – Argentina.
Alicia Maria de Castro Martins – (I.S.M.T.), Coimbra – Portugal
Alexander Steffanell – Lee University – EUA
Ángela A. Fernández – Univ. Aut. de St. Domingo – Rep. Dominicana
Antonino Vidal Ortega – Pont. Un. Cat. M. y Me – Rep. Dominicana
Armando Martínez Rosales – Universidad Popular de Cesar – Colômbia
Artemis Torres Valenzuela – Universidad San Carlos de Guatemala – Guatemala
Carolina Crisorio – Universidad de Buenos Aires – Argentina
Christian Cwik – Universität Graz – Austria
Christian Hauser – Universidad de Talca – Chile
Daniel Schugurensky – Arizona State University – EUA
Elizet Payne Iglesias – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Elsa Capron – Université de Nimès / Univ. de la Réunion – France
Elvira Aballi Morell – Vanderbilt University – EUA.
Fernando Camacho Padilla – Univ. Autónoma de Madrid – Espanha
Francisco Javier Maza Avila – Universidad de Cartagena – Colômbia
Hernán Venegas Delgado – Univ. Autónoma de Coahuila – México
Iside Gjergji – Universidade de Coimbra – Portugal
Iván Sánchez – Universidad del Magdalena – Colômbia
Johanna von Grafenstein, Instituto Mora – México
Lionel Muñoz Paz – Universidad Central de Venezuela – Venezuela
Jorge Enrique Elías-Caro – Universidad del Magdalena – Colômbia
José Jesus Borjón Nieto – El Colegio de Vera Cruz – México
José Luis de los Reyes – Universidad Autónoma de Madrid – Espanha
Juan Marchena Fernandez – Universidad Pablo de Olavide – Espanha
Juan Paz y Miño Cepeda, Pont. Univ. Católica del Ecuador – Equador
Lerber Dimas Vasquez – Universidad de La Guajira – Colômbia
Marvin Barahona – Universidad Nacional Autónoma de Honduras – Honduras
Michael Zeuske – Universität Zu Köln – Alemanha
Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal
Pilar Cagiao Vila – Universidad de Santiago de Compostela – Espanha
Raul Roman Romero – Univ. Nacional de Colombia – Colômbia
Roberto Gonzales Aranas – Universidad del Norte – Colômbia
Ronny Viales Hurtado – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Rosana de Matos Silveira Santos – Universidad de Granada – Espanha
Rosario Marquez Macias, Universidad de Huelva – Espanha
Sérgio Guerra Vilaboy – Universidad de la Habana – Cuba
Silvia Mancini – Université de Lausanne – Suíça
Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal
Tristan MacCoaw – Universit of London – Inglaterra
Victor-Jacinto Flecha – Univ. Cat. N. Señora de la Asunción – Paraguai
Yoel Cordoví Núñez – Instituto de Historia de Cuba v Cuba

Editores

Carlos Lucena – UFU, Brasil
José Claudinei Lombardi – Unicamp, Brasil
José Carlos de Souza Araújo – Uniupe/UFU,
Brasil

SUMÁRIO

BREVES COMENTÁRIOS DO TRADUTOR Carlos Lucena	7
O PESADELO CHINÊS	11
A FILOSOFIA DE VIDA CHINESA	19
OS HÁBITOS SOCIAIS CHINESES	35
O CRESCIMENTO DO SENTIMENTO NACIONAL CHINÊS	49
AS CONDIÇÕES PARA A CHINA SER UMA NAÇÃO	69
O DIREITO E A JUSTIÇA NA CHINA	78
A ANTIGA E A NOVA CHINA	92
A NOVA CULTURA CHINESA	112
A TRANSFORMAÇÃO DA MENTALIDADE CHINESA	133
OS ESTADOS UNIDOS E A CHINA	146
O PERIGO BRANCO	167

BREVES COMENTÁRIOS DO TRADUTOR*

Carlos Lucena

O livro aqui traduzido resulta das reflexões de John Dewey sobre a China no final dos anos 19 e início dos anos 20 do século XX, período marcado pelo crescimento do imperialismo em nível mundial e seus processos de partilha do mundo em busca de matérias-primas e mercados consumidores.

Ocorriam profundas transformações internas no país que se apresentavam desde a tentativa de restauração do governo imperial até a constituição de uma República em Pequim. O processo de divisão e fragmentação era notório no país. A constante ebulição social fomentava a ação de “senhores da guerra” que atuavam como chefes militares controlando o poder e a arrecadação nas zonas de sua influência.

O final da Primeira Grande Guerra Mundial e os desdobramentos do Tratado de Versalhes, cujos desdobramentos motivaram John Dewey a realizar um conjunto de viagens em zonas de influência e centros geopolíticos colocaram questões que debilitavam a China. O Japão obtivera vantagens sobre a China com os desdobramentos das negociações. A costa de Shandong, até então controlada pelos alemães, foi cedida aos japoneses, causando perplexidade aos chineses que desconheciam os termos de acordo negociados pelo governo de Duan Qirui que estivera no poder até 1918. O que se via até então foi o Tratado de Versalhes transferir

*DOI - 10.29388/978-65-81417-59-8-f.7-10

para os japoneses os direitos econômicos que até então eram alemães, prejudicando a China. Uma onda de protestos ocorreu em Pequim em maio de 1919, denominada como Movimento 4 de maio. Professores e estudantes das principais universidades do país aderiram ao movimento, pautado em denúncias de traição e corrupção governamental.

Pequim se transformara em um palco de conflitos e disputas resultando, em outubro de 1924, em um golpe de Estado que colocou a cidade sob controle de um senhor da guerra cujo nome era Wu Peifu. Uma guerra civil entre os senhores da guerra apontou a transferência do poder para Zhang Zuolin, até então, o senhor da Manchúria. A debilidade chinesa em lidar com o assédio das potências estrangeiras imperialistas aumentou a simpatia da população com ideias revolucionárias. O crescente descontentamento da população com as concessões econômicas ofertadas como resposta à pressão internacional ocasionou protestos no país, merecendo destaque a greve de maio de 1925, com a morte de onze manifestantes resultante dos disparos de armas de soldados chineses e ingleses que objetivavam sufocar o movimento.

Esse contexto motiva John Dewey a investigar as questões internas existentes na China. Fazendo uma análise que transcende a questão do imperialismo, busca nas relações internas históricas expressas na cultura e política a origem dos conflitos chineses, em um esforço para recuperá-los a partir da ótica local.

A obra demonstra um processo de disputas internas e externas à China, algo com o que Dewey denomina como os

conflitos e a Antiga e a Nova China. Processos modernizantes entram em conflito com a persistência de uma cultura milenar datada de mais de 4 mil anos. A luta pela construção de uma nova China e choca com preceitos já existentes, colocando aos chineses os desafios de mudança social sem perda de sua identidade.

É nesse sentido que Dewey se esforça em mostrar a China a partir do olhar dos próprios chineses. Suas interpretações culturais são recuperadas como forma de demonstrar suas diferenças com a cultura ocidental, demonstrando que os conflitos internos ali existentes constituem em grande desafio de compreensão para os observadores e interessados internacionais.

Os conflitos entre o novo e o velho se apresentam na luta imposta por novos atores, merecendo destaque o movimento estudantil, em uma denúncia aos processos de corrupção política e institucional imperantes no país e a necessidade veemente de sua superação. A luta pelo novo passaria pela negação do velho sem, contudo, perder a identidade milenar. O novo seria construído tendo como referência as mudanças globais da acumulação do capitalismo em curso no período em questão e a continuidade da soberania da China.

Dewey recupera as forças políticas que estão em disputa no período histórico em questão. As relações conflituosas com o Japão, as disputas com a Rússia e a tentativa de influência dos Estados Unidos e demais nações imperialistas e a resistência dos chineses.

Este livro é um convite ao leitor para a interpretação do conturbado período após o final da Primeira Grande Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes e seus impactos na China.

O PESADELO CHINÊS¹

I

O mundo está tão saciado com eventos extraordinários nos últimos anos, que o que seria um milagre há cinco anos agora dificilmente atrai a atenção. Qual sensação se criou pelo anúncio ao qual a Rússia abriu mão de interesses na China sem qualquer compensação. Todo o interesse russo na Ferrovia Oriental Chinesa, todas as concessões de mineração e madeira na Manchúria ou em outro território chinês; renunciar a todos os direitos extraterritoriais, bem como a todos os pagamentos adicionais da conta de indenização Boxer²! Faça todo o desconto que desejar, com base na oferta

¹ Publicado originalmente em a Revista New Republic em 30 de Junho de 1920.

² O Levante dos Boxers aconteceu na China entre 1899 e 1900. Os boxers eram pessoas que se opunham ao domínio e influência estrangeira, acreditando que seria possível combater essas forças através do treino adequado do boxe chinês (Kung Fu), pois para eles essa prática era capaz de vencer os ocidentais que usavam armas de fogo. Esse movimento foi justamente isso, o conflito entre boxers e estrangeiros. O movimento tinha suas raízes na pobreza rural e no desemprego, que era um problema atribuído aos estrangeiros. Os boxers então começaram a atacar as missões e estabelecimentos estrangeiros, missionários cristãos, até mesmo aqueles que possuíam bens. O movimento ganhou o apoio da imperatriz chinesa Cixi e em 17 de Junho de 1900, os boxers tomaram conta da cidade de Pequim. Nessa época, no ponto mais alto da revolta, mais de 230 estrangeiros e milhares de chineses cristãos haviam morrido. A resposta dos outros países foi dura e arrasadora. Foi organizado um exército internacional, uma tropa composta de 20 mil soldados russos, americanos, ingleses, franceses, japoneses e alemães. Ela foi enviada para ocupar a sede do império, e em 14 de agosto de 1900, ocuparam a capital. O imperador e sua esposa Cixi conseguiram fugir disfarçados. A monarquia chinesa foi obrigada então, pelas forças internacionais, a assinar o Protocolo Boxer, na qual garantia a liquidação das sociedades secretas, o pagamento de uma indenização de guerra e a proibição de importar armas. O fim da Guerra dos Boxers teve como consequência para a China, a penetração estrangeira em seu território, que até então não havia, e a diminuição considerável do poder e autoridade da monarquia, representada pela dinastia Qing. In: DANTAS, Tiago. "Levante dos boxers"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasile斯科>

do governo soviético, e a transformação ainda é tão extraordinária como se os alemães sem guerra tivessem oferecido à França a devolução voluntária da Alsácia-Lorena³ e da indenização de guerra de 1870. Em muitos aspectos, a proposta é ainda mais sensacional do que seria; mais indicativo da incrível leveza da história. Vinte anos atrás, ninguém duvidava da intenção da Rússia de controlar toda a parte norte da China e a costa marítima asiática, pelo menos até o sul de Tsingtao; e até a derrota da Rússia pelo Japão, poucos duvidaram do sucesso de seus planos.

Leia quase todos os livros sobre a China escritos há vinte anos e você descobrirá que precisa substituir apenas a Rússia pelo Japão, a fim de obter uma descrição precisa da situação atual, no que diz respeito ao seu espírito. Os detalhes geográficos variam, mas os objetos e a técnica geral de exploração são os mesmos. Lord Beresford visitou a China em uma missão comercial em 1898. Seu relatório está contido em seu livro *The Break-up of China*. Nele, ele diz: "Quase nunca fiz uma sugestão a qualquer importante funcionário chinês, que pensei que poderia tender à segurança do comércio e do comércio britânico, de que não recebi a pergunta, 'Mas o que a Rússia diria sobre isso? Cinco ou mais palavras nesse sentido. A ideia que ganha terreno em toda a Chi-

la.uol.com.br/guerras/levante-dos-boxers.htm. Acesso em: 11 fev. 2022. Nota do Tradutor

³ A Alsácia-Lorena foi um território de população germânica, originalmente pertencente ao Sacro Império Romano-Germânico, tomado por Luís XIV da França depois da Paz de Vestfália em 1648, mas devolvido pela França à Alemanha recém-unificada, conforme o Tratado de Frankfurt (10 de maio de 1871), que encerrou a Guerra Franco-Prussiana, e em seguida retomado pela França após a Primeira Guerra Mundial, nos termos do Tratado de Versalhes de 1919. Foi anexoado pelo Terceiro Reich alemão em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, e retomado pela França em 1945. Nota do tradutor.

na é que a Grã-Bretanha tem medo da Rússia. "Nas cartas de Willy-Nicky encontram-se os parabéns do Kaiser ao Czar por ter se estabelecido como o poder dominante em Pequim. Na biografia de John Hay, há um relato das negações de Cassini, então Ministro russo em Washington, do relatório de demandas feitas pela Rússia à China, às custas de outras nações e da própria China. As negações foram positivas. Ao mesmo tempo, Hay, como Secretário de Estado, estava em posse de três maiúsculas e diferentes transcrições das demandas. Pode-se facilmente imaginar que ele estava lendo a história diplomática das vinte e uma demandas, os críticos do Japão e seus apologistas provavelmente mudariam de tom se percebessem o quão similar está o imperialismo do Japão após o czarismo da Rússia.

A capacidade imitativa japonesa é notória. Há algo de surpreendente que o Japão tenha seguido na esteira da Rússia nessa característica da política externa que é mais vital para ela no controle da China? Não tenho a menor dúvida de que grande parte dos militaristas e burocratas que ditaram a política chinesa acreditam, sinceramente, com o padrão da Rússia sempre diante de seus olhos, que estão em conformidade estrita com os modelos adequados de diplomacia ocidental. Suborno, sigilo, força e fraude eram partes regulares da diplomacia oriental da Rússia. É natural que as autoridades japonesas acreditem que os protestos da América e da Inglaterra contra métodos semelhantes por parte do Japão sejam puramente hipócritas ou, por sua vez, parte do jogo diplomático regular.

Quanto mais minuciosamente se estuda a história das relações internacionais da China nos últimos vinte anos,

mais aparente é que o Japão tem sido o herdeiro dos objetivos e métodos russos, bem como das conquistas russas, desde a grande guerra. Foi a Rússia que desenvolveu a técnica de conquista através das ferrovias e do controle bancário. Ela não se originou totalmente a esfera da influência política com seu favoritismo e suas táticas “dog-in-the-manger⁴”. A Rússia descobriu o valor dos postos policiais como um meio de insinuar o controle administrativo semi-militar e semi-civil no território sobre o qual suas reivindicações legítimas eram puramente econômicas.

Muitas das vinte e uma demandas são cópias quase verbais de pedidos anteriores da Rússia, como o direito exclusivo de treinar o exército, etc. A Rússia desenvolveu ao máximo a doutrina da ocupação militar como um meio de proteger seus interesses nacionais. Ela se apresentou como protetora da China contra as potências “ocidentais” e se orgulhava (estranhamente, com mais razão e sucesso que o Japão) ao entender a psicologia chinesa e saber como administrá-la. No protocolo secreto da Cassini feito em São Petersburgo em 1896 com Li Hung Chang (o protótipo de estadistas chineses comprados com dinheiro estrangeiro), será en-

⁴ Metáfora utilizada para demonstrar a ação intencional egoísta de alguém que não deixa alguém possuir algo à qual lhe tem a menor importância. As passagens a seguir exemplifica esta afirmação.

Um Cão adormecido numa manjedoura cheia de feno, foi acordado pelo Gado, que chegou cansado e faminto do trabalho no campo. Mas o Cachorro não os deixou chegar perto da manjedoura e rosnou e mordeu como se estivesse cheia da melhor carne e ossos, tudo para ele. O Gado olhou para o Cão com desgosto. "Como ele é egoísta!" disse um. "Ele não pode comer o feno e, no entanto, não nos deixará comê-lo, pois estamos com tanta fome!" Agora o fazendeiro entrou. Quando ele viu como o Cão estava agindo, ele pegou uma vara e o expulsou do estábulo com muitos golpes por seu comportamento egoísta.

Fonte: <https://read.gov/aesop/081.html> Nota do tradutor

contrado a carta magna da subsequente diplomacia japonesa. Inclusive inclui uma provisão condicional para a ocupação naval e militar russa da Baía Kiaochou.

No período anterior das relações China-Rússia-Japão, que é até o tratado de Portsmouth em 1905, o Japão poderia usar de boa fé a reivindicação de legítima defesa em suas relações com a China. Certamente a Rússia, com seu enorme território não desenvolvido, tinha muito menos desculpas para agressão à Coreia e o norte da China do que o Japão. Além disso, cada novo passo agressivo da Rússia na China foi seguido de imediato por demandas, concessões e esferas compensadoras por outras potências, especialmente pela Grã-Bretanha e a França. Há todas as razões para pensar que a reivindicação da Alemanha a Kiaochou foi estimulada pela Rússia a dar um pretexto para a reivindicação de Port Arthur e Dalny, enquanto a ação da China em ambos os assuntos foi imediatamente seguida por demandas da Grã-Bretanha na região de Yangtse e da França no sul.

Este foi o período que deu ao livro de Beresford o título de “Break-up”, embora ele próprio fosse um fervoroso expositor da doutrina de abertura. E foi essa situação que permitiu ao Japão, de boa fé razoável, estabelecer-se como defensor da integridade e soberania da China contra a agressão europeia. Tais sentimentos e reivindicações têm uma inércia histórica notável. Não é de surpreender que eles ainda persistam entre a massa do povo japonês e forneçam as condições que permitem ao Japão continuar uma política de exploração agressiva da China com apoio e sanção popular. Houve um tempo em que os japoneses tinham todos os motivos para sentir que seu futuro dependia de obter energia

suficiente para controlar a China como a única maneira de impedir que ela caísse nas mãos dos europeus. Os tempos mudaram; o sentimento do povo japonês fica atrás da mudança de fatos e ainda pode ser explorado pelo partido militarista. Enquanto isso (especialmente após o início da grande guerra), a política do Japão se tornava cada vez menos defensiva e cada vez mais ofensiva.

Se houvesse nos Estados Unidos um conhecimento adequado dos métodos diplomáticos russos em seu aspecto oriental e em sua influência sobre as riquezas do Japão e seus objetivos e métodos asiáticos, a credulidade americana nunca teria sido uma vítima fácil da propaganda japonesa para o consumo ocidental. Por assim dizer, a ignorância americana garantiu uma aprovação quase universal para o tratado de Portsmouth⁵ com suas “cláusulas suplementares” que, apesar de sua aparência inocente, significavam que o acordo era realmente uma trégua concluída às custas dos direitos da China na Manchúria.

Um publicitário estrangeiro na China está inclinado a responsabilizar o presidente Roosevelt pelos males internacionais no país desde 1905. Ele defende que, uma vez que a guerra havia sido praticamente travada no território chinês, a China deveria ter participado do acordo, e que a conferência de paz foi a única grande oportunidade para a proteção externa eficaz da China contra ambos agressores. De fato, o resultado real foi certamente fazer com que a Rússia e o Japão se interessassem em negociar entre si às custas da China. Se

⁵Este tratado, assinado em 5 de setembro de 1905, marcou o fim da Guerra entre a Rússia e o Japão ocorrida entre 1904 e 1905. As negociações se deram no Estaleiro Naval de Portsmouth, perto de Portsmouth, New Hampshire, Estados Unidos. Nota do tradutor

não fosse a marinha da Grã-Bretanha, o entendimento russo-japonês definitivo sobre a divisão do norte da China teria levado muito mais tempo. Mas, a retrospectiva é proverbialmente fácil, e deve-se duvidar de que o presidente Roosevelt seja o culpado pela falta de previsão que ninguém mais possuía naquela data.

Toda essa questão consiste apenas em esboçar o pano de fundo da próxima época importante nas relações externas chinesas. Não é provável que a China aceite a oferta soviética da forma como está. Não é provável que os Aliados o permitam, mesmo que a China queira assumir os riscos de tal curso. Porém, a oferta simboliza a abertura de uma nova era. Mesmo que o atual governo russo seja derrubado, qualquer novo governo que tomar seu lugar terá todos os motivos para chegar a um bom entendimento com a China. Afinal, seus territórios são contíguos por três mil milhas. Ambos os países estão em escala continental.

O Japão, quando tudo está dito e feito, é uma ilha, e a história das conquistas insulares em um continente não oferece um bom augúrio para o futuro sucesso do Japão na Ásia. A situação da Sibéria ainda está confusa. Mas, sob todas as aparências, o partido militarista japonês que favorece uma política de aventura na Sibéria é por enquanto dominante. A China pode mais uma vez rir da Providência que sempre aparece em seu socorro quando as coisas se agravam. Os russos não são pacifistas; eles ainda são expansivos e têm uma enorme fome de terra, devido à sua história agrária. Quanto mais os japoneses se envolvem na Sibéria, o mais seguro, na opinião da China, é seu último xeque-mate, embora por alguns anos ela consiga virtual posse da Sibéria

Oriental até o lago Baikal. Há muito a dizer sobre a crença de que o futuro das relações internacionais da China será decidido na Sibéria. A situação muda rapidamente

A ideia, já abordada em particular, de um conflito armado entre o Japão, de um lado, e a Rússia, Coreia e China, de outro, pode não dar em nada. Contudo, se a Rússia retornar à monarquia ou se estabelecer como uma república, parece uma profecia segura de que as relações russas da China serão o fator decisivo em seu status internacional. O desvio do Japão da China para a Sibéria provavelmente marcará o culminar de sua influência na China. Não é improvável, como a história conta anos, que em breve, os últimos cinco anos sejam vistos como o pesadelo da China.

A FILOSOFIA DE VIDA CHINESA⁶

I

Há um ditado frequentemente citado de Chesterton de que a filosofia de um homem é o que ele tem de mais importante. Ele ilustra o argumento dizendo que é mais importante que uma senhoria conheça a filosofia da vida de um pretenso inquilino do que conhecer sua situação financeira. O último pode decidir sua capacidade de pagar, mas o primeiro decide sua vontade de fazer representações falsas ou verdadeiras e executar seus acordos. O falecido Morgan despertou muito interesse quando disse em Washington que dava mais importância ao caráter dos solicitantes de crédito aos serviços bancários do que aos títulos materiais que eles possuíam. As observações de Chesterton e Morgan atestam a importância prática do que em tempos de guerra aprendemos a chamar de imponderável areia, resistência, lealdade, fé em comparação com coisas tão tangíveis que podem ser contadas e medidas.

O que é verdade, a esse respeito, dos indivíduos, é verdadeiro dos povos. O espírito que os países trazem para as negociações em Washington em que procederão para executar as decisões da Conferência é mais importante do que está escrito nas decisões. Aqueles que são cínicos sobre a Conferência o são porque não acreditam na boa fé subjacente dos governos envolvidos. Eles assumem que as negociações são simplesmente uma cobertura hipócrita de uma

⁶Publicado com o título “Como pensam os Chineses – As the Chinese Think em janeiro de 1922

série de idiotas e suas manobras para obter vantagens especiais, e que as profissões de respeito à paz, à justiça e à humanidade são apenas parte da parafernália tradicional de uma brincadeira secreta para tirar o melhor de alguém. Eles desconfiam, em resumo, da filosofia subjacente aos governos existentes.

Se aprofundarmos, perceberemos que muitas fontes de discórdia e atrito na Ásia têm sua raiz no fato de que os povos têm diferentes filosofias arraigadas em seus hábitos. Eles não podem se entender e se entendem mal. Hoje está na moda supor que as causas de todas as dificuldades entre as nações são econômicas. É útil fixar a atenção nessas causas econômicas e ver o que pode ser feito para ajustá-las. Mas o atrito gerado pela competição e conflito econômico não irromperia nas chamas da guerra se as condições atmosféricas não fossem favoráveis.

A atmosfera que torna os problemas internacionais inflamáveis é o produto de profundos mal-entendidos que têm sua origem em diferentes filosofias da vida.

Se devemos tomar medidas para atenuar esta atmosfera e carregá-la de elementos que protegerão as relações internacionais, devemos começar com uma tentativa de uma compreensão honesta da filosofia de vida uns dos outros. A dificuldade é maior entre os povos orientais e ocidentais. Existem grandes diferenças nas disposições mentais dos povos europeus e americanos; as filosofias da vida até dos ingleses e americanos são muito mais diferentes do que geralmente se supõe.

Mas, todas essas diferenças empalidecem em insignificância em comparação com as diferenças entre as civiliza-

ções do Ocidente e da Ásia e as filosofias às quais essas civilizações deram à luz. É proporcionalmente difícil garantir a compreensão e o respeito mútuos e proporcionalmente fácil, de ambos os lados, criar suspeitas e medos que se transformam em ódio quando chega a hora.

Atualmente, a crença comum de que o Pacífico será o cenário da próxima grande catástrofe mundial, a crença fatalista de que o conflito entre a raça branca e a raça amarela é predestinada são realmente expressões da sensação de uma fenda profunda e subjacente que torna impossível a compreensão mútua. Mas, em vez de tentar diminuir a fenda com o esforço de nos entendermos, falamos de um conflito irreprimível de forças além do controle humano, ou ainda da competição pelo controle dos recursos naturais da China e dos trópicos. Eu não minimizaria o perigo nesta competição, mas é ridículo supor que ela é tão grande que faz do Pacífico o cenário de uma guerra inevitável. Se conseguirmos realmente entender um ao outro, pode ser encontrada alguma maneira de cooperação para fins comuns. Se negligenciarmos o papel desempenhado por mal-entendidos fundamentais no desenvolvimento de uma atmosfera de combustão, qualquer dispositivo atingido para diminuir o atrito econômico provavelmente se tornará tão superficial que, mais cedo ou mais tarde, eles entrarão em colapso.

Uma razão pela qual o mal-entendido é tão perigoso é que pessoas tendem a se julgar com base em seus próprios hábitos de pensamento e sentimento. O Sr. Wells recentemente apontou uma instância específica. Ele disse que os japoneses, por causa de sua docilidade e obediência, tendem a superestimar o poder do governo britânico de regular os

sentimentos e atos do povo inglês, enquanto os ingleses, por hábitos contrários, tendem a exagerar o controle sobre a população japonesa e o sentimento sobre a classe dominante no Japão. A aplicação prática que ele fez tem relação com a Aliança Anglo-Japonesa. Os japoneses tendem a ignorar o fato de que a Aliança pode desmoronar em virtude da pressão oriunda do sentimento popular, o que tornaria o governo incapaz de realizá-lo em caso de problemas com os Estados Unidos. Os ingleses, por outro lado, ignoram o perigo da Aliança, porque imaginam que em uma crise a classe governante japonesa seria receptiva a uma opinião pública alerta e inteligente.

Seria fácil preencher as páginas com exemplos desses mal-entendidos devido à imputação a outras pessoas dos motivos e objetivos que deveríamos ter se realizássemos o ato que as outras pessoas executaram. A diplomacia japonesa, por exemplo, é centralizada, quase ditada, em Tóquio.

A nossa é comparativamente frouxa. Se, por conseguinte, um cônsul americano no Oriente fizer um discurso por conta própria, é natural que os japoneses suponham que ele esteja deliberadamente agindo sob ordens de Washington, seguindo alguma política nacional. Os americanos, por outro lado, provavelmente negligenciarão a compacidade e a continuidade da diplomacia japonesa. Ou, quando tomam conhecimento de algum resultado desagradável da diplomacia, consideram-no um golpe repentino e traiçoeiro, em vez do culminar de uma série de etapas que, do ponto de vista japonês, já foram aceitas e sancionadas, ainda que tacitamente. Então os japoneses ficam perplexos, por sua vez.

Tais incidentes e outros que podem ser mencionados parecem triviais, tomados um a um. Mas, o efeito total não é de modo algum um detalhe trivial. O resultado líquido é desconfiança mútua, suspeita, pavor. Episódios desse tipo ilustram a importância de uma melhor compreensão de cada nação da psicologia de outras nações. Os meios físicos de relação entre as nações por meio de comércio, correios e telegramas ficaram muito à frente das agências de relações psicológicas e morais. Após milhares de anos de isolamento, o Oriente e o Ocidente foram jogados em íntimo contato político e comercial. Durante o período de separação, cada lado do globo desenvolveu suas próprias maneiras peculiares de pensar e sentir. Não é de admirar que, em tais circunstâncias, o contato do Oriente e do Ocidente seja tão amplamente materialista e econômico. É um acidente, um subproduto da invenção de máquinas a vapor e elétricas e, como qualquer acidente, pode resultar em uma catástrofe.

II

Existem muitas questões de natureza prática que não podem ser entendidas ou tratadas adequadamente, a menos que os antecedentes maiores sejam levados em consideração.

Por que os chineses estão tão imperturbáveis com as circunstâncias às quais um estrangeiro pode extinguir o seu país? Como eles podem permanecer tão calmos quando seu país é dividido por dentro e ameaçado de fora? A atitude deles é de indiferença insensível, de ignorância estúpida? Ou é um sinal de fé nas realidades arraigadas que os povos oci-

dentais negligenciam na pressa de obter resultados? No que diz respeito às negociações diplomáticas, incluindo as da Conferência de Washington, a política chinesa de espera vigilante, com mais espera do que vigilância do ponto de vista ocidental, implica indiferença ao destino ou fraqueza que os torna incapazes de lidar com isso? Ou é evidência de que eles estão apostando na operação de forças lentas que no final trarão as coisas do seu jeito? Certamente a resposta certa para essas perguntas é, pelo menos, de igual importância com as decisões particulares da Conferência. A longo prazo, é mais importante; pois controlará a maneira como funcionam as decisões.

Mais uma vez, há a questão da longa e obstinada resistência da China aos métodos modernos da indústria, às máquinas, ferrovias e produção em larga escala e sua falta de vontade de abrir seu país, exceto por pressão de uma potência estrangeira. Essa recusa, tomada em conexão com o desejo de estrangeiros de utilizar os recursos naturais da China e encontrar mercados entre seus milhões, é a fonte de muitas das dificuldades mais agudas da China. Surge uma pergunta natural: por que a China não assumiu a liderança no desenvolvimento de seus próprios recursos? Por que ela não avançou tanto quanto os Estados Unidos, emprestando capital estrangeiro, mas mantendo o controle político e, principalmente, econômico em suas próprias mãos? O curso dela é uma inércia estúpida, um apático e obstinado apego ao velho só porque é velho? Ou mostra algo mais profundo, uma aversão sábia, mesmo que amplamente inconsciente, a admitir forças hostis a todo o espírito de sua civilização?

A resposta certa para essas perguntas faz grande diferença no tratamento de muitos problemas práticos concretos. Se o curso da China é cego e inerte, há muito o que dizer sobre uma combinação de nações, uma espécie de consórcio político-econômico que forçará o industrialismo moderno sobre a China, superando sua obstinação para seu próprio bem, não permitindo considerações sentimentais ficar por demais no caminho. Contudo, se existe algo profundamente valioso na cultura chinesa, e se o industrialismo como existe no mundo ocidental é uma ameaça ao que é mais profundo e melhor na cultura chinesa, então a resposta prática é bem diferente. Talvez chegue um momento em que os historiadores dirão que o curso da China evidenciou um profundo instinto. Talvez eles digam que foi melhor para o mundo e para a China que ela resistiu à introdução do industrialismo ocidental feito à máquina até que o mundo e ela própria pudessem controlar seu funcionamento. Nesse caso, os emaranhados e perplexidades que a China temporariamente obteve não serão um preço muito alto a pagar - o resultado finalmente alcançado. Somente aqueles que estão completamente satisfeitos com o funcionamento do atual sistema capitalista podem negar dogmaticamente essa possibilidade.

III

É muito mais fácil levantar essas questões do que respondê-las. Mas o conhecimento da civilização chinesa e da filosofia de vida nela expressa torna as questões mais reais e mais pertinentes. Duas grandes filosofias da vida estão inti-

mamente ligadas à atitude chinesa em relação às questões políticas e sociais, como as de Laotze e Confúcio.

Talvez um terço deva ser adicionado à de Buda. Mas o último não era indígena, e os dois primeiros eram. Embora ninguém possa negar o imenso estímulo à arte e ao pensamento chinês que veio com a introdução do budismo na Índia, ainda assim, no final, sua influência parece ter sido transformada pelo taoísmo e pelo confucionismo.

O ensino de Laotze não se tornou clássico e oficial da maneira como o da escola confucionista. No entanto, obtém-se uma forte impressão de que fundamentalmente sua influência sobre o povo é maior que a do confucionismo, uma vez que coloriu a maneira como o confucionismo foi recebido. Não é lugar para uma exposição técnica do ensino de Laotze, o Velho Mestre. Também não é importante para o nosso propósito. O importante é a doutrina da superioridade da natureza em relação ao homem, e a conclusão tirada, a saber, a doutrina do não fazer. Pois fazer e esforçar-se ativamente provavelmente será apenas uma interferência na natureza.

A ideia de não fazer dificilmente pode ser declarada e explicada; só pode ser sentida. É algo mais do que mera inatividade; é um tipo de regra de conduta moral, uma doutrina de paciência ativa?

Resistência, persistência enquanto a natureza tem tempo para fazer seu trabalho. Conquistar e ceder é o seu lema. O funcionamento da natureza, com o tempo, transformará em nada as barulhentas artificiais e fumegantes do homem. Dê corda suficiente aos arrogantes e ambiciosos, e no

final eles certamente serão pendurados nos emaranhados artificiais que eles mesmos desenvolveram.

Não há nada exclusivamente chinês neste ponto de vista. Mas nenhuma outra pessoa ficou tão saturada com suas consequências. Está na raiz de sua atitude *laissez-faire*, contente, tolerante, pacífica, bem-humorada com a vida. Também está na raiz de seu fatalismo. Os ensinamentos de Laotze foram influentes porque expressaram algo agradável ao temperamento e aos hábitos de vida chineses.

A China é agrária, agrícola; todos conhecem esse fato. Mas, enquanto sabemos, esquecemos quanto tempo e quão estável é a agricultura. O título de um livro de um agricultor americano, os agricultores de quatro mil anos são infinitamente significativos quando refletimos sobre isso. Outros povos foram agricultores. Porém, por seus métodos, esgotaram o solo e caíram, ou se voltaram para outras ocupações que suplantaram a agricultura em importância. Contudo, os chineses continuaram a cultivar, cultivar, cultivar, até, como no norte da China, contra grandes probabilidades; e seu solo ainda é produtivo, tão produtivo, provavelmente, como sempre foi.

Esta é uma conquista humana sem paralelo. Ajuda a explicar o conservadorismo dos chineses, sua imensa reverência pela natureza e seu desprezo pelos dispositivos apressados e artificiais da invenção do homem. Suas mentes estão tão imersas em contato com processos naturais quanto seus corpos são aptos para o trabalho agrícola. Eles são conservadores porque há milhares de anos conservam os recursos da natureza, amamentam, preservam, pacientemente, obstinadamente. Enquanto os povos ocidentais atacaram, explora-

ram e, no final, desperdiçaram os meios naturais, eles o conservaram. Os resultados estão gravados nas psicologias chinesa e ocidental. Os chineses aprenderam a esperar pela fruição de processos naturais lentos. Eles não podem ser apressados porque, em seu modo de vida, a natureza não pode ser apressada. Por que ter pressa quando pressa significa apenas irritação para si mesmo e não realiza nada na natureza ou interfere em seus processos e dificulta a colheita natural?

Não significa que não há nada de bom nessa atitude. Virtudes e defeitos, excelências e fraquezas andam juntas. O fatalismo ocidental assume a forma de acreditar que, como o que vai acontecer acontecerá, nesse meio tempo, também podemos seguir nosso próprio caminho. É como o fatalismo dos soldados nas trincheiras. O fatalismo oriental é dirigido ao presente e não ao futuro. Por que qualquer coisa, por que tentar, por que produzir energia para mudar as condições? O não fazer corre facilmente para a submissão passiva, o conservadorismo para o apego à base de hábitos tão fixos que são "naturais em pavor e antipatia às mudanças.

Significa que a filosofia de vida chinesa incorpora uma contribuição profundamente valiosa para a cultura humana e uma das quais um Ocidente apressado, impaciente, ocupado demais e ansioso está infinitamente em necessidade. Também se entende e isso parece ser o ponto mais "prático" de que essa filosofia de vida está tão arraigada no povo chinês que não podemos entender sua maneira de lidar com problemas políticos e sociais, a menos que o levemos em consideração. E se não o entendermos, não seremos capazes de lidar com eles, seja na política ou nos negócios,

de maneira inteligente e bem-sucedida. Para alcançar o sucesso, para alcançar algo que valha a pena em nossas relações com os chineses, precisamos adotar pontos de vista próprios o suficiente para reconhecer a importância do tempo. Devemos dar-lhes tempo e depois mais tempo. E devemos nos dedicar tempo enquanto lhes damos tempo.

Os ensinamentos de Laotze brotam das profundezas da vida chinesa e, por sua vez, a influenciaram. Grande parte do efeito real, quando chega em casa ao agricultor individual, não tem conexão com a teoria geral. Como uma filosofia em abstrato, o observador não a reconheceria ou entenderia. Está associado com uma massa de superstições e práticas geomânticas. No entanto, mesmo as superstições estão ligadas a uma atitude geral em relação à natureza. O costume mais influente é o chamado Feng-shui, traduzido literalmente como “água do vento”. A crença no Feng-shui é uma crença em certas influências místicas relacionadas à terra. Do trabalho propício dessas forças depende da prosperidade dos mortos, dos espíritos ancestrais e da família viva. Essas forças são facilmente perturbadas e seu equilíbrio e operação benigna interferem. Essa crença foi um obstáculo anterior à introdução de ferrovias e ainda é um obstáculo poderoso na maneira de abrir novas minas e, em geral, na introdução de novas forças industriais.

É fácil descartar toda a crença como uma superstição grosseira, que é degradante intelectualmente e também inimiga do progresso. Também é fácil racionalizar a doutrina. Então, veríamos nela uma crença de que a terra e suas energias pertencem a toda sucessão de seres humanos, gerações passadas e futuras. A geração atual é administradora da fa-

mília e da raça, de ascendência e posteridade. A exploração da terra deve, portanto, ser regulamentada no interesse de toda a sucessão. Essa racionalização é tão extrema em uma direção quanto a visão de que o sistema chinês de geomancia é uma superstição degradante. A doutrina do Feng-shui é, pelo menos, uma exibição notável de piedade em relação à natureza e tem sido um poder para a conservação e também para o conservadorismo.

IV

O ponto de vista geral do confucionismo é o oposto do taoismo. O primeiro amplia a importância da arte, da cultura, da humanidade, do aprendizado e do esforço moral. Naturalmente, portanto, essa doutrina influenciou os estudiosos e as classes dos camponeses tanto quanto o taoismo e se espalhou entre as pessoas. Contudo, em muitos aspectos, o efeito real do confucionismo tem sido semelhante ao do taoismo. Ao inculcar a reverência pela literatura clássica do passado como fonte de sabedoria, forneceu razões intelectuais para o conservadorismo. Ao exaltar o moral e o intelectual, como superior ao poder físico, ensinou o paciente a desconsiderar a demonstração de força militar e política, a qual, no final, certamente será levada a nada pela razão.

Criou uma extraordinária reverência pelo professor, essa convicção de sua influência permanente na vida e no aprendizado dos alunos, que é uma característica tão notável da vida chinesa, e que ajuda a explicar a tendência dos chineses de confiar, é uma razão pacífica em vez de força hostil e de lutas para resolver problemas. Há outras pessoas que

acreditaram persistentemente que a influência do professor é, no final, a mais poderosa de todas as forças sociais. Que existem outras nações cujos heróis são mestres em moral, e não reveladores de assuntos sobrenaturais, padres, generais, estadistas.

Embora o confucionismo tenha tido uma carreira especial entre as classes alta e oficial, seu efeito líquido se fundiu com a influência de Laotze para criar um desprezo definido pela política e uma aversão ao governo à medida que o Ocidente entende o termo. Para o taoista, o governo não é natural, uma interferência dos homens nas operações ordenadas da natureza. Os imperadores, mesmo os tártaros e manchus, tiveram que se curvar diante dessa convicção. Eles contornaram o povo adotando sua crença, dando ao imperador um significado místico. Ele era o agente do povo em reverenciar o céu.

O imperador não governa. Ele governa por não governar, por não interferir com o governo real. Os costumes do povo eram tão imemorais e tão entrelaçados na agricultura com as operações da natureza que eles próprios eram trabalhadores da natureza. O tributo pago a ele não era tanto uma tributação política, mas uma expressão de lealdade às forças naturais e morais que ele incorporava. Se a natureza falhou, se a fome e as enchentes se repetiram, se suas exigências se tornaram extorsivas e seus oficiais deixaram de ser pais e mães do povo, esses eram sinais de que ele não representava mais o céu. Então o povo se tornou, enquanto aguardava a restauração da ordem justa e benevolente, os representantes do Céu.

V

Segundo Mencius (que enfatizou esse lado mais democrático do confucionismo), o povo nessas circunstâncias tinha não apenas o direito, mas o dever de depor a casa do governo. Ao colocar, em grande parte em termos ocidentais, essas sugestões sobre a filosofia dos chineses, sente-se dolorosamente consciente de sua inadequação. Mas, mesmo assim, mostram por que os chineses mantêm tanta confiança no resultado dos eventos, apesar do tanto que é desencorajador. A China sobreviveu a muitos desses períodos. Mesmo depois de um tempo o poder civil, isto é, o moral e o intelectual, se reafirmou, e a indústria estável do povo tornou-se novamente dominante. Mesmo agora, apesar das condições que levariam qualquer estado ocidental ao caos, há um progresso constante entre o povo.

Em suas relações externas, a China sem dúvida enfrenta uma nova situação. Não é seguro argumentar que, porque se antes sempre conquistou seus conquistadores, certamente o fará desta vez. Anteriormente, seus conquistadores eram inferiores em tudo, exceto em poder e habilidade militar. Agora, lida com povos que são superiores em ciências naturais e em suas aplicações na indústria e no comércio. A conquista da China pela penetração econômica que reduzirá sua população a um proletariado que trabalha para capitalistas estrangeiros apoiados por recursos militares superiores é algo muito diferente da subjugação militar direta. No entanto, as razões da confiança histórica da China ainda não estão totalmente abaladas.

É um ditado comum que a China administra suas relações internacionais com base em uma velha máxima sobre jogar os barianos uns contra os outros. Esse fato às vezes inspira um apelo frenético para que todas as nações estrangeiras se reúnam e imponham sua vontade unificada sobre a China. Os propagandistas de uma nação estrangeira costumam pedir aos americanos que tomem cuidado com as expressões de respeito chinês pelos Estados Unidos. Eles dizem que essas são apenas mais uma instância de uma política baseada na antiga máxima; e, se for bem-sucedida, a China, com um sorriso brando, se retirará novamente e esquecerá sua afeição pelos Estados Unidos.

Esse argumento, considerado na pior das hipóteses, sugere a dificuldade de formar uma combinação estável entre os Poderes com base em interesses materiais. Indica que a única união duradoura de poderes em relação à China deve ser formada em bases morais. Uma união pela violência contra a China trará, com o tempo, uma política de violência das nações umas às outras. Se a política for tentada e, como resultado da luta entre as nações, a China se recuperar, ela terá o direito de sorrir com mais uma prova da superioridade da moral para as forças materiais.

Finalmente, o entendimento da filosofia da vida chinesa não é apenas essencial para um tratamento inteligente dos problemas chineses, mas é de imenso valor para outras nações. Não apenas a China, mas o mundo está em transição e liquidação. Psicólogos falam sobre “projeção”. As pessoas estão irritadas consigo mesmas e com as outras. O princípio se aplica à psicologia social. As nações estão agora “projetando” seus próprios problemas e incertezas sobre a

China. O resultado pode ser facilmente uma ação imprudente. A adoção da calma e paciência chinesa, a disposição para dar apenas os passos, como desarmamento e abolição de privilégios especiais, que são imediatamente necessários, e esperar até que o tempo ajuste a atual condição problemática, teria um efeito maravilhosamente curativo. Pois, não é verdade que as dificuldades chinesas de repente se tornaram uma ameaça à paz e à prosperidade do mundo. É verdade que as nações ocidentais correm o risco de condensar seus próprios problemas e descarregá-los na China. A filosofia do Oriente nunca foi mais necessária pelo Ocidente do que na atual crise.

OS HÁBITOS SOCIAIS CHINESES

I

Quanto maior o tempo de estadia na China, maior a dificuldade em se obter respostas. Há “se” em quase todas as respostas dos chineses; e “se” geralmente apenas reafirma a dificuldade.

A observação ouvida com mais frequência é talvez a mais superficial de todas. “Se tivéssemos um governo estável, poderíamos fazer isso ou aquilo”. Mas por que não existe um governo estável? Sua ausência é muito mais um efeito do que uma causa. O país ainda está dividido. O norte e o sul com seu próprio governo, e cada um em conflito com o outro. No entanto, todo amigo chinês diz que o país está unido, embora o governo esteja dividido, e tudo o que você pode aprender confirma a afirmação. Por que as pessoas não reforçam seus sentimentos e vontade? A intriga e a interferência japonesas são uma resposta óbvia. Mas, novamente, você recebe um efeito, um sintoma, em vez de uma causa. Outros dizem que a fonte da dificuldade é a falta de capacidade e experiência na organização. Esta resposta é mais profunda e ainda precisa de explicação.

Os chineses têm experiência e habilidade em alguns tipos de organização, como mostra a longa história das guildas e do autogoverno de suas aldeias. Por que não deveriam mostrar pelo menos tanta capacidade de organização quanto os japoneses, que apenas recentemente emergiram do feudalismo com todas as suspeitas pessoais, ciúmes e divisões de classe que se opõem a qualquer organização? E ninguém

que conhece os chineses pode acreditar que a dificuldade é intelectual, que as pessoas não têm os dons mentais necessários para uma organização bem-sucedida.

Dizer (como se costuma dizer) que os chineses não progridem mais sistematicamente e rapidamente porque são um povo conservador é repetir, em outras palavras, o que precisa ser explicado. São sem dúvida conservadores. No entanto, a história deles não é uma história de estagnação, de fixidez, como somos ensinados falsamente, mas de mudanças sociais e dinásticas. Eles tentaram muitas experiências em seus dias.

Séculos atrás, tinham um estadista que induziu o imperador a comprometer o reino com algo o mais próximo possível do socialismo moderno, considerando a ausência do vapor e eletricidade. A China passou por tantas invasões bárbaras quanto qualquer país da Europa. Sua sobrevivência e absorção de seus invasores não argumentam conservadorismo do tipo inerte. Nenhum país cujo conservadorismo veio de pura rotina, falta de imaginação e de rigidez mental, poderia ter mantido e ampliado sua civilização como fez a China. E a experiência mostra que os chineses são flexíveis, acolhedores e adaptáveis, e não são rígidos e monótonos.

Pode parecer engraçado ao leitor ocidental, mas vários amigos chineses me garantiram que os japoneses é que são realmente conservadores. Eles sustentam sua afirmação por outras evidências que não apontam para o modo como o Japão se apegou, através de todas as vicissitudes históricas, a uma teocracia primitiva. Eles apontam, por exemplo, que há mil anos os japoneses emprestaram seu estilo atual de roupas e artigos de decoração de sentar e dormir em ta-

petes da China; que a China mudou várias vezes, movendo-se constantemente na direção da utilidade prática, da adaptação engenhosa dos meios às necessidades. A culinária chinesa é outro argumento. É, sem dúvida, o mais extenso do mundo na variedade de materiais empregados na alimentação e também o mais variado em suas combinações. A análise acadêmica pode desprezar argumentos extraídos de alimentos, roupas, abrigos e móveis. Contudo, quando se observa a variedade e engenhosidade dos processos e aparelhos usados na vida cotidiana e no artesanato, é certo que a mente chinesa é naturalmente observadora e adaptativa. Porém, parece desnecessário trabalhar a questão.

Muitas acusações foram feitas contra os chineses, mas ninguém nunca os acusou de estupidez. Seu conservadorismo indiscutível é algo a ser explicado, e não é uma explicação qualquer. Pode-se duvidar se existe uma chave para o mistério. Certamente o presente observador não tem solução final para oferecer, mas há um fato que tenho certeza de que deve ser levado em consideração e que conta muito.

É indiscutível que muitos traços do pensamento chinês são produtos de uma extraordinária e prolongada densidade de populações. Os psicólogos descobriram, ou possivelmente inventaram, uma “psicologia da multidão” para explicar a maneira como os homens agem coletivamente, como uma multidão em uma abelha linchadora. Mas eles não questionaram o efeito sobre o jeito de viver em estreito contato contínuo de uma multidão.

Anos atrás, em Honolulu, um entusiasmado professor americano de mandarim me disse que quando os chineses adquirissem a iniciativa Anglo-saxônica seriam as melhores

pessoas do mundo. Eu me pergunto se até os anglo-saxões teriam desenvolvido ou mantido a iniciativa se tivessem vivido por séculos sob condições que não lhes davam espaço para se mexer, nem o alívio da vigilância incessante de seus companheiros. Possivelmente, teriam adquirido o hábito de pensar em seu “rosto” antes de pensarem no que deve ser feito. Talvez, quando pensassem em algo novo, tivessem decidido que a discrição e a hesitação eram a melhor parte da invenção. Se existe solidão ou solidão na China, é apenas entre os monges que se retiraram para as montanhas da montanha; e até que eu tenha evidências oculares em contrário, acreditarei que até os monges na China são seres sociáveis e aglutinantes.

Até a recente introdução do transporte rápido, pouquíssimos chineses desfrutavam até da possibilidade de solidão resultante de uma multidão de estranhos. Imaginem todos os cotovelos eliminados, imaginem milhões de homens vivendo dia a dia, ano a ano, na presença das mesmas pessoas (presença muito próxima), e uma nova luz pode ser lançada sobre o conservadorismo do povo chinês.

Um autor inglês, morador da China há muito tempo, escreveu um livro que, além de uma riqueza de incidentes pitorescos, fofocas e boatos, constituía uma longa diatribe contra a Jovem China, isto é, os chineses que favorecem a introdução de instituições ocidentais, invenções e métodos. Sua maneira de argumentar era suficientemente simples. A China sofre com um excesso de população. Grandes massas vivem apenas no limite da subsistência. Uma inundação, uma pestilência incapacitante, o mau tempo de uma estação mergulha milhões no limite. O equilíbrio é então restaurado.

Mas uma longa sucessão de anos prósperos produz uma superpopulação que descobre uma rebelião, uma guerra civil, uma matança de um número muito grande e, possivelmente, a derrubada de uma dinastia. A história chinesa é e deve ser uma sucessão, um ciclo, de tais episódios. Enquanto isso, ideias confucionistas, adoração aos antepassados, organização de famílias e clãs deixam intacta a civilização chinesa. Isso a Jovem China destruiria, roubando a China de seus fundamentos morais. Como não pode alterar os fatos básicos da luta pela existência, a Jovem China, portanto, não oferece nada de valor ao país.

A lógica não é única e não abundam de sequências. Mas isso é um bom exemplo de como os estrangeiros são infectados com a crença de que, na China, as coisas devem estar no futuro como estavam no passado, e que os esforços para fazer uma mudança apenas pioraram as coisas. Na minha experiência, a maioria dos estrangeiros que há muito tempo estão na China adquirem, em algum grau, essa atitude. Você ouve avisos solenes por todo lado que isso e aquilo não pode ser feito, embora no dia seguinte você aprenda com algum amigo chinês que isso está sendo feito e que os céus não caíram. Muitos são mais confucionistas, numa espécie de crença vaga de que Confúcio contribuiu com algo sem o qual a China não pode suportar do que a geração mais jovem de chineses. Depois de alguns anos, alguns dos estrangeiros se encontram hipnotizados pela espessura, o pacto de uma civilização forçada a pessoas que vivem intimamente aglomeradas. Eles adquirem o medo de que, se um fio for tocado, o todo se desfça e a crença de que o mais seguro é deixar as coisas como estão. Os jovens profes-

sores e assistentes sociais norte-americanos, recém-chegados da América, me dizem que os missionários mais velhos costumam adverti-los contra seu zelo inovador, e dizem que à medida que envelhecem e são mais sábios, aprenderão a conservá-los. É relatado que a maioria dos residentes britânicos mais antigos não tem simpatia pela Revolução, lamentam os dias de partida da monarquia e apontam os crescentes males atuais como prova de sua crença de que, a China deve permanecer como está.

Se a China “recebe” tantos estrangeiros com tradição oposta da iniciativa dos anglo-saxões, então qual deve ser o caso daqueles criados desde a infância na civilização grossa, densa e pura? Viver e deixar viver é a resposta às condições de lotação. Se as coisas estiverem razoavelmente bem, deixe-as em paz. Se eles são maus, aguarde-os em vez de correr o risco de torná-los piores com sua interferência. Nos países ocidentais, a doutrina do laissez-faire floresceu porque se pensava que uma política de mãos livres incentivava a energia e os empreendimentos individuais. Na China, ela floresce porque qualquer energia ou empreendimento inco-mum da parte de alguém pode funcionar com resultados indesejáveis. Não balançar o barco é sabedoria em todo o mundo. Em um país lotado, não organizado de acordo com as linhas de utilização dos recursos naturais, qualquer inovação provavelmente perturba o equilíbrio social.

O reformador nem sequer encontra resistência acentuada. Se o fizesse, poderia ser estimulado a um esforço adicional. Ele simplesmente é sufocado. Parar tornou-se uma arte. Em uma recente conferência educacional nacional, um estudante retornado que ocupava uma posição oficial defen-

deu que as escolas secundárias públicas (correspondentes às nossas escolas secundárias) fossem coeducacionais. Ele foi inspirado por uma boa consideração. A China sofre com a falta de mulheres instruídas. Os fundos são curtos. O mais eficaz é admitir meninas nas escolas já existentes. Mas a proposta foi uma inovação radical. No entanto, não foi contra. Uma resolução a favor foi devidamente aprovada. Mas, ao mesmo tempo, foi entendido sutilmente que isso foi feito por cortesia ao proponente e que não é necessário esperar etapas para levar a resolução a efeito. Esse é o destino de muitas reformas sociais propostas. Elas não são combatidas, são apenas engolidas. A China não estagna, absorve. Ocupa toda a falta até que não haja mais corda para puxar.

II

Os pontos fracos de um povo, como os de um indivíduo, são os defeitos de suas qualidades. Os vícios não estão longe das virtudes; eles são o seu verso. Os chineses acreditam serem as pessoas mais educadas do mundo. Eles provavelmente estão certos em sua crença. Em comparação, mesmo as melhores maneiras ocidentais geralmente parecem cruas ou exageradas. Nada pode exceder a comodidade dos japoneses nas relações pessoais. Mas eles aprenderam sua etiqueta e muito mais com a China, e continua sendo algo formal, uma arte cultivada. Na China, as eras atenuaram e suavizaram as formas de relações, até que elas não mais parecem formas.

Alto e baixo são tão fáceis e irrestritos em relação um ao outro, que somos tentados, apesar da autoridade científi-

ca, a acreditar na herança das gerações posteriores das maneiras adquiridas pelas gerações anteriores. Alegria e satisfação em meio às condições mais difíceis fazem parte de boas maneiras. No entanto, não existe essa rigidez, para não falar de melancolia e fanatismo, que normalmente associamos com estoicismo ou fatalismo. Não existe um florescimento do autocontrole. O destino é recebido com um sorriso, talvez uma piada, não com uma careta, nem ainda com heroísmo. Tal cortesia e alegria são produtos indubitáveis da longa e estreita existência de pessoas presas. O impacto incessante de uma espessa civilização impressionou a loucura de aumentar os encargos da vida por atrito ou repúdio. Polidez e alegria são os lubrificantes pelos quais a proximidade e a constância dos contatos pessoais são suportáveis. As circunstâncias admitem apenas duas alternativas: competição implacável, guerra aos ossos ou a tranquilidade da paz. Tendo escolhido a última saída, os chineses a levaram à sua conclusão lógica.

No entanto, a consideração pessoal por outras pessoas em relações sexuais diretas é bastante compatível com o que no mundo ocidental seria considerado crueldade insensível e falta de ajuda ativa a outras pessoas. Outro dia, em Pequim, uma carruagem atropelou um homem na rua e continuou seu trajeto sem prestar atenção. O homem ficou tão gravemente ferido que não conseguiu se levantar. Nenhum transeunte fez um movimento; todos passaram literalmente do outro lado, até que alguns estrangeiros vieram em socorro. Alguns meses atrás, o Sr. Baillie foi atacado por bandidos na Manchúria. As outras pessoas presentes não apenas não ofereceram ajuda, mas correram para o lado e fecharam os

olhos para que não pudessem ser chamadas de pronto para testemunhar. O ponto adicional deste incidente reside no fato de Baillie ter levado pessoas pobres e miseráveis das partes mais populosas da China para a Manchúria, onde havia abundância de terras, e colonizando-as havia melhorado suas condições de vida. Esses homens que fecharam os olhos para não saber o que estava acontecendo eram homens a quem ele ajudara; seus amigos.

Isso não significa que a polidez habitual chinesa seja insincera. Nunca ouvi os chineses serem acusados de hipocrisia, embora tenha ouvido muitas queixas amargas de sua falta de vontade de levar as coisas adiante. Nunca vi alguém que não considerasse a amizade genuína um dos principais traços chineses. Mas onde há uma manifestação completa da teoria da população malthusiana, a amizade se desenvolve com grande dificuldade ao ponto de um esforço ativo para aliviar o sofrimento. Onde um aumento adicional da população significa um aumento da gravidade da luta pela subsistência, a benevolência agressiva provavelmente não assumirá grandes proporções. Pelo contrário, quando a morte de milhares por peste, inundação ou fome significa mais ar para respirar e mais terra para cultivar para os que permanecem, a apatia estoica não é difícil de alcançar.

Um estrangeiro interessado na prevenção da crueldade com os animais, após muitos desânimos, aproximou-se com alguma esperança de um monge budista. Ele achava que a doutrina da piedade universal teria preparado o caminho para uma recepção compreensiva. Mas sua mensagem foi friamente recebida. Foi-lhe dito que, quando abusados, os animais estavam sofrendo justamente pelos pecados de

algum ancestral e que não era para o homem interferir. Esse budismo apenas formula o fatalismo que é uma resposta natural geral ao ambiente.

A maioria dos traços orientais de falta de simpatia e alívio ativos, citados pelos missionários devido ao paganismo, parece ter uma explicação mais simples. Por outro lado, a filantropia ocidental faz um grande apelo. Missionários e Y.M.C.A.⁷, os trabalhadores assumiram grande parte do ônus do trabalho recente de alívio de enchentes. Os chineses da região devastada que permaneceram calmamente impenetráveis à pregação anterior, ficaram tão impressionados com a exibição de bondade gratuita que se reuniram nas igrejas.

E esse resultado não era uma “expectativa animada de favores por vir”. A população ficou profundamente tocada pela demonstração sem precedentes de simpatia e ajuda. Foi-me dito que o governador de Shansi, o governador da província mais respeitado da China, disse que até o momento da eclosão da peste bubônica, pensava que a civilização ocidental era boa apenas para navios de guerra e máquinas. Mas, a devoção não remunerada de médicos, professores e missionários, sob o risco de suas próprias vidas, o convenceu de que havia outro lado nessa civilização.

Os incidentes de desrespeito pessoal pelos outros têm a mesma primavera que a ausência de alívio organizado. Fazer qualquer coisa é assumir uma responsabilidade. Ajudar o homem derrubado teria feito mais do que envolver uma per-

⁷ Uma associação cristã de moços jovens voltados que surgiu na Inglaterra em 1844 por iniciativa de George Willians e se espalhou pela Europa e os Estados Unidos e Brasil no final do século XIX e início do XX. Young Men's Christian Association (YMCA). Nota do tradutor.

da de tempo. Os que ajudavam teriam se envolvido com as autoridades.

Eles podem ser acusados de cumplicidade. Cuide de seus próprios negócios, não interfira, deixe coisas para aqueles cujo negócio expresso é cuidar deles, é a regra de viver. Deixe o caminho aberto, não se incomode com a intromissão para não se meter em problemas incalculáveis.

A indiferença prática em assuntos que não se referem diretamente a alguém é apenas o lado inverso da consideração requintada nas relações pessoais imediatas. No que diz respeito a este último, tudo sugere as reivindicações superiores de uma suavização imediata das coisas, em vez de um ajuste com base em consequências objetivas reais. O efeito na “face” é mais significativo que as consequências sobre fatos externos. É contrário às propriedades, por exemplo, que uma escola governamental aceite presentes particulares. Reflete sobre o governo, que então perde a “cara”.

O diretor de uma escola de Pequim disse recentemente que aceitaria presentes, que estava disposto a sacrificar seu “rosto” para o bem de sua escola e do país. Este foi um sacrifício mais genuíno do que os ocidentais poderiam acreditar.

III

Quando as pessoas vivem juntas e não conseguem se afastar, as aparências, isto é, a impressão que causam nos outros, tornam-se tão importante quanto a realidade. A segunda consequência de, digamos, uma transação diplomática com uma nação estrangeira parece meno importante do

que a condução imediata das negociações, de maneira a evitar problemas atuais e observar graciosamente todas as propriedades. Quando a evasão e o atraso não são mais suficientes, é melhor se render e permitir que o outro lado seja rude e brusco do que perder a “identidade” de si mesmo

O conhecimento japonês dessa característica explica consideravelmente seus métodos diplomáticos com a China. É conhecida como a política da mão forte. Conceda qualquer coisa aos chineses e eles pensam que você os teme, e eles imediatamente se tornam presunçosos e elevam as exigências. Isso é comum nas discussões de assuntos japoneses em jornais no Japão. No que diz respeito às relações imediatas com os funcionários, os japoneses parecem ter decidido sabiamente pelos métodos que dão resultados. O que não conseguiram contar foi a imensa reação de ressentimento entre as pessoas em geral.

Em suma, a população aglomerada criou esses hábitos mentais, que, como diz o ditado comum, tornam os chineses individualmente tão agradáveis e atraentes e, coletivamente, tão irritantes para os estrangeiros. A inovação e a experimentação automaticamente ficam desanimadas, não por falta de inteligência, mas porque a inteligência está ciente dos erros que podem resultar, dos problemas que podem surgir. “Evite problemas” passa a ser o princípio norteador.

Em uma noite agradável passada com o ex-presidente Sun Yatsen, ele expôs sua teoria sobre a lenta mudança da China em comparação com o rápido avanço do Japão. Parece que um velho sábio chinês disse uma vez: “Saber é fácil; agir é difícil”.

Os chineses levaram esse ditado a sério, então o Sr. Sun explicou. Eles não agiram porque tinham medo de cometer erros; eles queriam ser garantidos com antecedência contra qualquer falha ou problema sério. Os japoneses, por outro lado, perceberam que a ação era muito mais fácil do que saber; eles seguiram em frente e fizeram as coisas sem se importar com erros e falhas, confiando em um saldo líquido do lado da conquista. Estou inclinado a pensar que o velho sábio foi influente porque seus ensinamentos foram reforçados pelos efeitos do ambiente sempre próximo e vicioso.

Apenas o superficial pensa que dar as causas de um infeliz estado de coisas é desculpá-las. Qualquer estado de coisas deve ser julgado com base nas consequências que produz, e não nas causas que explicam sua existência. Mas se as causas são as descritas, não podem ser remediadas pela exposição, exortação e pregação. É necessária uma mudança de condições, uma alteração do ambiente. Isso não pode acontecer reduzindo a população, embora parte da Jovem China esteja chocando a China arcaica ao pregar o controle da natalidade.

A introdução de métodos industriais modernos é a única coisa que afetará profundamente o meio ambiente. A utilização de energia e recursos agora intocados produzirá um efeito que será o mesmo que uma ampliação do meio ambiente. Mineração, ferrovias e manufatura, com base na riqueza de recursos não utilizados da China, fornecerão uma nova saída para energias que agora não podem ser usadas sem o risco de causar “problemas”. Os efeitos impessoais e indiretos da produção e do comércio modernos criarão hábitos que diminuirão a importância das aparências e da “face”

e aumentarão a importância das consequências objetivas dos fatos. Um caminho será descoberto com o aumento da riqueza e de dispositivos construtivos para transformar a amizade pessoal, a amabilidade infalível e o bom humor em canais gerais de serviço social.

O CRESCIMENTO DO SENTIMENTO NACIONAL CHINÊS⁸

É possível que um ocidental compreenda a psicologia política chinesa? Certamente não sem um conhecimento prévio dos costumes e instituições históricas do país, pois as instituições moldaram os hábitos mentais, não a mente e os hábitos sociais. O Ocidente aborda todas as questões políticas com ideias compostas no padrão de um Estado nacional, com sua soberania e órgãos definidos, políticos, judiciais, executivos e administrativos, para desempenhar funções específicas. Até fizemos história para se encaixar nesse padrão. Tomamos o desenvolvimento político europeu como um padrão necessário da evolução política normal. Acreditamos que todo o desenvolvimento, da selvageria à civilização, deve seguir um curso semelhante e passar por estágios semelhantes. Quando encontramos sociedades que não concordam com esse padrão, as rejeitamos brandamente como anormalidades, como sobrevivência de Estados atrasados ou como manifestações de falta de capacidade política. Abordadas com tais preconceitos, as instituições e ideias chinesas são frequentemente abandonadas como um trabalho ruim e como um caso de desenvolvimento interrompido. Na verdade, elas marcam um desenvolvimento extraordinário em uma direção específica, apenas uma tão desconhecida para nós que as descartamos como uma massa de confusão e confusão política sem esperança, ou como um objeto mar-

⁸Da Ásia, dezembro de 1919.

cante do que acontece quando ocorre mesmo um alto nível código de ética sem as bênçãos de uma revelação divina.

A tentativa de ler as instituições chinesas em termos de ideias ocidentais resultou em falhas de entendimento e ação desde o início de nosso contato. Por exemplo, nos primeiros dias havia motivo de reclamação sobre o tratamento recebido por marinheiros ocidentais naufragados nas costas coreanas. Os Escritórios de Relações Exteriores sabiam que existia alguma relação tributária entre a Coreia e a China. Eles interpretaram essa relação de dependência, como o Sr. Holcombe apontou, da maneira que lhes é familiar. Eles pensavam na conexão como a de suserano feudal e vassalo. Por isso, exigiram que a China fizesse seu comportamento dependente. Quando a China recusou a autoridade, pensaram que isso era equivalente a uma renúncia a todo relacionamento, ou então a uma peça intencional de engano em um esforço característico de fugir à responsabilidade justa. Eles não tinham precedentes para um relacionamento que, embora fosse de dependência genuína, era de natureza moral e consultiva.

Toda a história inicial das negociações das nações ocidentais com a Corte de Pequim está cheia de equívocos semelhantes. Havia um monarca indubitável. O monarca era até do tipo despótico; não havia nenhuma verificação de instituições constitucionais e representativas familiares à mente ocidental. Portanto, todos os atributos de soberania política, externos e internos, foram atribuídos ao Tribunal. Aqui, novamente, não havia precedente para conceber uma regra dinástica que fosse uma combinação de um império primitivo de cobrança de tributo e uma autoridade de tipo moralista,

homilético e hortatório. E à medida que passamos de aspectos externos para condições mais profundas, encontramos que a China pode ser entendida apenas em termos de instituições e ideias que foram elaboradas em sua própria evolução histórica.

O fator central na psicologia política histórica chinesa é sua profunda indiferença a tudo o que associamos ao Estado e ao governo. Às vezes, nos perguntamos por que os anarquistas do tipo pacifista e filosófico não apreenderam a China como um exemplo prático de suas teorias. Provavelmente, a razão é que, estando preocupados com o problema da abolição ativa do governo, eles não foram capazes de conceber uma anarquia que deveria ser apenas uma profunda apatia em relação ao governo. Ou então eles também foram enganados pela associação popular da anarquia com extrema liberdade e nobreza, e não conseguiam imaginá-la em conexão com a estagnação atribuída à China.

Segundo os registros literários, o versículo a seguir é o poema mais antigo da língua que uma música coloca na boca de um fazendeiro:

"Cavar seu poço e beber da sua água;
Arar seus campos e comer da colheita;
O que tem o poder do Imperador a ver comigo?

A China ainda é agrícola, como era nos séculos passados. Seus fazendeiros ainda cuidam de cultivar e comer, casar e dar em casamento, gerar e morrer. Desde a antiguidade, cuidam de seus próprios assuntos, e o poder do Imperador ou Presidente não os preocupa. Governadores vêm e

vão, e se preocupam com suas pequenas intrigas de glória e ganância. Mas não governam os agricultores, que são a massa da população. A única governança conhecida por eles é a da natureza, as regras da mudança imemorial das armas, as leis fatais do nascimento e da morte, da semente de milho e da colheita, da inundação e da peste. Nas palavras do seu provérbio mais frequentemente citado, "o céu é alto e o imperador está longe". A implicação é que a terra é próxima e íntima e a família e aldeia estão nas proximidades.

M. Hue conta um incidente que data de 1851; no entanto, isso pode ter ocorrido em qualquer período da longa história da China. Após a recente morte do imperador, ele se esforçou, sem sucesso, para envolver seus colegas convidados em uma taberna à beira da estrada em uma discussão de perspectivas e possibilidades políticas. Não houve resposta, embora ele tenha esgotado sua ingenuidade. Finalmente, um dos chineses respondeu: "Ouça-me, meu amigo. Por que você deveria incomodar seu coração e cansar sua cabeça com todas essas suposições vãs? Os mandarins precisam cuidar de assuntos de Estado; eles são pagos por isso. Deixe-os ganhar dinheiro deles.

Devemos ser grandes tolos para nos atormentar sobre o que não nos interessa. Deveríamos ser grandes tolos por querer fazer negócios políticos por nada. "E a anedota continua:" Isso é muito conforme a razão / chorei o resto da empresa. Depois disso, nos indicaram que nosso chá estava esfriando e nossos cachimbos estavam vazios. "O Estado, o governo, era um negócio ou comércio especial, menos interessante e menos importante para a massa do que os assuntos comuns.

No entanto, foi lucrativo para aqueles que nela se especializaram; mas também carregam seus fardos. Enquanto isso, não apenas o casamento e o funeral, a sementeira e a colheita, diziam respeito intimamente à vida do povo, mas até os consoles sociais da xícara de chá e do cachimbo eram de maior importância do que os assuntos de Estado.

Apesar da indiferença do povo para com o governo, este possui uma importância maior do que se imaginava ser. Em teoria, ele era o representante do Céu e, consequentemente, o dono da terra a saber, o solo, e era a causa simbólica de sua fertilidade, exercendo uma influência paterna benéfica na prosperidade do país. De fato, como o próprio Céu, o governo estava muito acima. Nos dias anteriores o Céu pode ter interferido diretamente nos assuntos da Terra, mas, em menor número de séculos, permaneceu distante, satisfeito com as relações há muito tempo estabelecidas e interrompendo os assuntos da Terra apenas em grandes crises.

Exceto por alguns propósitos bem entendidos pelos costumes, o governo central era irrelevante para a vida do povo. Era um tribunal, e sua dignidade, prestígio, cerimônia e prazer tinham que ser mantidos. O lado material dessa vida exigia suprimentos e dinheiro. A vida ideal, a glória e a supremacia da dinastia reinante, podiam ser satisfeitas simbolicamente e cerimonialmente, como os espíritos haviam aprendido a se satisfazer com dinheiro simbólico e imitações de servos, animais e comida. A principal função material do governo era então receber um tributo dos produtos da terra, em parte em espécie⁹, em parte em dinheiro. A quantia não era onerosa, e os costumes de longa data converteram o im-

⁹Pagos através de produtos agrícolas. Nota do Tradutor

posto em parte da ordem normal da natureza, embora, como as plantações e outros fenômenos da natureza, estivesse sujeito a altos e baixos inesperados.

A soberania moral e cerimonial encarnava-se no oficialismo de vice-reis, governadores, arautos e outros funcionários, que representavam a Corte Imperial e que comunicavam ao povo seus mandatos e exortações, compostas no melhor estilo literário e manifestando a solicitude benevolente e contínua do representante do Céu por sua moral. Esses costumes foram, por sua vez, a fonte da prosperidade do país e da estabilidade do Império. Esses funcionários também tiveram que levar uma vida de certa grandeza e glória simbólicas que custavam dinheiro, mas os impostos eram mantidos dentro dos limites prescritos pelos costumes e, em regra, o fardo não era pesado. Foram feitos esforços para que ele caísse sobre o bem-estar o mais longe possível, servindo assim ao duplo objetivo de manter baixo o poder de possíveis rivais e de não despertar o desfavor das massas.

É possível traçar na antiga teoria política chinesa as sobrevivências de uma teocracia original. Mas na China, mais do que na Europa nos seus dias mais deístas, Deus ou o Céu eram remotos, contentando-se com uma supervisão geral benevolente. Seu senhorio era de natureza ausente. E a Corte que representava o Céu se contentou em imitar a não interferência deste último nos detalhes e costumes da vida.

O resultado foi que, para todos os propósitos práticos, cada província era um estado independente, composto, por sua vez, de um grande número de repúblicas mesquinhas chamadas aldeias. Em 1900, um escritor inglês, tornado competente por longa residência e experiência íntima, escre-

veu: “Cada uma das dezoito províncias da China é um estado completo em si mesmo. Cada província possui seu próprio exército, marinha, sistema de tributação e seus próprios costumes sociais. Somente com o comércio de sal e a marinha certas concessões devem ser feitas entre si sob um certo controle imperial”. Essas unidades independentes são tradicionalmente chamadas de províncias. Mas, como mostra a citação, eles poderiam ter sido chamados principados, exceto pelo fato de não terem uma linhagem ordenada de príncipes. A China nem sequer era uma confederação, muito menos um Estado nacional ou imperial, no sentido em que a história deu esses termos no Ocidente.

Novamente, não temos precedentes para interpretar e entender tal situação. Estamos familiarizados com os impérios que deixaram os costumes locais imperturbáveis e que se contentaram em cobrar tributo e exigir o montante. Mas eles eram poderes militares e sempre existiram em equilíbrio instável. Eles nunca se tornaram tão entrelaçados com os costumes locais que faziam parte da ordem estabelecida da natureza e eram capazes de dispensar o apoio militar. Mas a China elaborou um esquema de notável equilíbrio estático, o mais estável conhecido na história.

A vida política da China continuou essencialmente imperturbável, apesar de as rebeliões derrubarem dinastias. Tais rebeliões eram, elas mesmas, parte da ordem estabelecida do Céu ou da Natureza, como era uma inundação ou praga ocasional. Todas essas crises tinham suas causas naturais e eram adequadas e normais, por mais desconfortáveis ou destrutivas que possam ser. A textura da vida permaneceu inalterada; continuou a exibir os mesmos padrões. O

equilíbrio era humano e interno, moral, não mantido por pressão externa ou força militar.

O governo real da China era um sistema de pressões e puxões pessoais e grupais bem calculados, extrações e "apertos / equilíbrios ordenados entre si, de afirmações e rendimentos, de experimentos para ver até que ponto uma certa demanda poderia ser forçada, e de ceder quando a exorbitância da demanda provocou uma contrarressureição igual: muito antes da época de Isaac Newton, a China realizou uma demonstração no campo da política, da lei de que ação e reação são iguais e em direções opostas. O funcionamento do princípio em todos os aspectos da associação humana.

Esse sistema social implica um alto estado de civilização. Produz pessoas civilizadas quase automaticamente. Pois, a essência da civilidade, ou da civilização, é a capacidade de viver conscientemente com os outros, ciente de suas expectativas, demandas e direitos, da pressão que eles podem exercer sobre um, enquanto também consciente de quão longe se pode ir em resposta exercendo pressão sobre os outros. Os chineses, desde que não fossem perturbados por outros povos, tinham todos os elementos complexos da equação social descobertos com exatidão incomparável. Seu cálculo social, integral e diferencial, excedia qualquer coisa existente em outros lugares. Esse fato, e apenas esse fato, é responsável pela resistência da China por quase quatro mil anos de história registrada.

I

Então veio a erupção de forças internacionais que eram radicalmente novas, sem precedentes, para as quais o cálculo social não fornecia regras. Eles não eram, estritamente falando, humanos; eram forças físicas de um tipo estranho e incalculável, navios de guerra, artilharia, ferrovias, máquinas estranhas e produtos químicos.

A princípio, a China foi complacente. Lembrou-se das numerosas erupções e invasões que invadiram seu sistema no passado e como foram subjugados pela absorção, e gradualmente trabalhados nos padrões de ajustes, demandas, concessões, compromissos e relações que constituem o seu país. Porém, gradualmente ficou evidente que velhas fórmulas não se aplicariam, que uma força radicalmente nova havia sido introduzida. E, gradualmente, tornou-se aparente que as novas agências e forças físicas tão irresistíveis eram elas mesmas as ferramentas e os desígnios de uma ordem social e política desacostumada. A China foi confrontada por uma civilização organizada em Estados nacionais. As consequências desse contato estão escritas em todos os problemas, internos e externos que atualmente ocupam a China .

Há uma história de um culto chinês que pediu a um estrangeiro que lhe explicasse a natureza e o montante da indenização exigida da China pelo Japão após a bem-sucedida guerra travada por este sobre a questão coreana. Depois de ouvir a explicação, refletiu um pouco para absorver toda a força do assunto e depois observou de maneira contente: "Bem, esse é o caso dos Manchus; não nos interessa. Eles terão que nos pagar, não." A observação parece indicar não

apenas a extraordinária indiferença já mencionada, mas uma estupidez política igualmente extraordinária. Mas é estupidez apenas para um pensamento construído segundo o padrão das instituições políticas ocidentais. Do ponto de vista dos costumes chineses, a observação foi inteligente. As relações com Estados estrangeiros eram da conta da Corte Imperial. E quaisquer despesas decorrentes de tais relações tiveram que ser pagas fora da bolsa daquele Tribunal. No sistema estabelecido de tributação e receita, os recursos provenientes da tarifa de importação de países estrangeiros pertenciam ao Tesouro Imperial. Não era da conta de ninguém o que o Tribunal fez com eles. Foi uma conclusão lógica que qualquer item de débito também era o caso exclusivo da dinastia dominante.

A lógica foi boa. Mas foi baseado no passado, em premissas que não são mais válidas. A indenização japonesa foi seguida pela indenização do boxeador. Todo o sistema de receita foi desequilibrado. O antigo equilíbrio imperial de gastos e receitas foi destruído. No entanto, qualquer mudança radical no sistema tributário estabelecido estava totalmente fora de questão, de maneira imediata ou abrupta, como a situação exigida. Teria arrancado todo o sistema social fora de ordem.

Mesmo as mudanças que tiveram que ser introduzidas tiveram um grande papel a desempenhar na insatisfação com a dinastia Manchu, que levou à sua derrubada. Não havia apenas a oposição comum em algum lugar a um aumento acentuado da tributação. Não havia apenas a interferência no costume que, para idades imemoriais, estabelecera limites no jogo de exações e resistência. Havia uma associação in-

dissolúvel de tributação com as prerrogativas peculiares da Corte Imperial, nenhuma muito popular na melhor das hipóteses. Havia uma associação igualmente fixa de aumento de impostos com “apertos” por parte do oficialismo, com corrupção que não era exatamente um complemento se mantida em certos limites de porcentagens, mas que era intolerável quando os ultrapassava.

O sistema interno de tributação, adequado a todas as emergências internas, não era elástico diante da crise induzida externamente. Empréstimos estrangeiros tiveram que ser recorridos. O remédio aumentou a doença. Deu a oportunidade para mais e mais intervenção externa; convidou uma multiplicação precisamente daquelas dependências do poder estrangeiro que eram a raiz original da dificuldade. E, gradualmente, todo o equilíbrio interno foi perturbado em consequência do contato com potências estrangeiras. Não pode ser recuperado sem uma transformação radical do sistema político histórico da China. Ele deve nacionalizar-se de alguma maneira, a fim de atender às condições impostas por suas relações com outros povos organizados em Estados nacionais. O que é verdade em matéria de tributação e receita é verdade em quase todas as fases da vida chinesa. As finanças públicas nos dá um exemplo típico.

II

Há discussões sobre se os chineses têm lealdade nacional e patriotismo. Aqui também nossas palavras em seus significados habituais nos traem. Em seu sentido literal, a palavra “nação” está ligada em derivação à palavra para nasci-

mento. No sentido de comunidade assim implícito, os chineses são certamente uma nação. Mas, em seu significado histórico adquirido, nação significa um povo com uma certa organização política que reivindica ou possui soberania de um tipo centralizado sobre um determinado território. E é isso que os chineses não têm, mas precisam adquirir diante de demandas acentuadas de nações estrangeiras. É contrário à sua própria inércia e momento social, adquiridos de maneira minuciosa e complicada através de séculos de ajustes.

Patriotismo significa amor ao país. No sentido de amor à sua terra, seu solo nativo, os chineses são talvez os mais patrióticos de todos os povos existentes. O amor pode não ser agudo como com os japoneses, tão ardente quanto com os poloneses, mas está entrelaçado com todos os detalhes da vida. Não é tanto um sentimento, um fato da consciência, como um hábito inquebrável da vida.

O apego ao solo e ao local de nascimento é bem diferente de uma lealdade efetivamente organizada ao Estado, a entidade política que é constituída por meios políticos e não por hábitos comuns da vida cotidiana e das relações afetivas.

É costume tentar escapar do dilema de um amor espontâneo, generalizado e inquestionável de país que existe sem as manifestações familiares do espírito público e do nacionalismo político, dizendo que os chineses têm um forte senso e orgulho de raça, o que faz por eles, o que o patriotismo faz pelos povos ocidentais. Literalmente, isso dificilmente funcionará.

Os chineses se consideram cinco raças, não uma, como testemunha sua bandeira. Num certo sentido genuíno, são profundamente indiferentes às distinções raciais e raciais.

Eles não foram infectados, assim como os europeus e os japoneses, com o vírus etnológico. Embora a Revolução tenha sido acelerada pelo fato de a dinastia Manchu ser estrangeira, esse motivo de objeção não surtiu efeito por mais de duzentos anos. Tornou-se significativo somente após o contato ocidental ter despertado sentimentos nacionalistas.

O que os chineses possuem em abundância é a comunidade da vida, um senso de unidade da civilização, de continuidade imemorial de costumes e ideais. A consciência de uma unidade de padrão tecida através de todo o tecido de sua existência nunca os deixa. Ser chinês não é ser de uma determinada raça nem ceder a um determinado Estado nacional. É compartilhar com incontáveis milhões de outras pessoas certas maneiras de sentir e pensar, repletas de inúmeras lembranças e expectativas, devido aos modos de ajuste e relação estabelecidos há muito tempo.

Essa consciência se torna lealdade, patriotismo, no nosso sentido exatamente no grau em que é transferido para a ideia de um Estado nacional feito segundo o modelo familiar, um Estado com exército e marinha, um sistema de tributação regular e receita pública, um sistema organizado de legislação, judiciário e propaganda, administração, uma subordinação de todos os poderes locais a um poder central e toda a outra parafernália de soberania que tomamos como garantida. Não é fácil transformar um sentimento tradicional em nacionalismo e anexá-lo a um objeto que é praticamente inexistente, um objeto de fé e não de vista.

Por essa razão, o sentimento nacionalista costuma ter uma cor anti-estrangeira entre os chineses. Apesar do surto

de Boxer¹⁰ e de outras manifestações violentas contra estrangeiros, pode-se duvidar se houve uma forte hostilidade contra o estrangeiro como tal. Os chineses, supõe-se, são bastante tolerantes. Sua amável política de viver e deixar viver é aplicada por toda parte. A atitude normal deles é a indiferença a estranhos, e não o antagonismo agressivo.

Mas as condições eram tais que a única maneira de mostrar sua devoção à própria civilização era negativa. Era o estranho que a perturbava. Os chineses não tinham os órgãos positivos da vida nacional através dos quais resistir a invasões estrangeiras. Sua lealdade aos seus próprios costumes estava, portanto, obrigada, poder-se-ia dizer, a assumir a forma irregular e desordenada de ataque a residentes estrangeiros.

Há poucos que pensam que os dias agressivos provavelmente voltarão. Os chineses são inteligentes e aprenderam a desesperança de se sustentar por esses métodos. Mas ainda é verdade que seu sentimento nacional pode ser despertado e concentrado mais prontamente para fins de resistência e oposição a nações estrangeiras do que para fins construtivos.

Há boas ilustrações desse fato nas recentes relações internacionais chinesas. Há poucas dúvidas de que o governo tenha instruído oficialmente seus delegados à Conferência de Paz em Versalhes a assinar o tratado, reconhecendo que fez a apropriação japonesa dos direitos alemães em Shantung. O sentimento nacional foi, no entanto, desperta-

¹⁰A Guerra dos Boxers ocorreu entre 1899 e 1900. Constituiu-se em um movimento antiocidental e crítico ao cristianismo. Entre outras ações, acreditam que com o uso do boxe chinês (Suai Jiao), os seus membros poderiam vencer os ocidentais, que usavam armas de fogo. Nota do tradutor.

do. Se o Japão se propusesse a instigar um novo espírito nacional que deveria sobrecarregar os antigos provincialismos locais, não poderia ter procedido de maneira mais eficaz para alcançar o objetivo. O povo tirou o assunto das mãos do governo. Por telegramas a Paris, por telégrafo a Pequim, por reuniões de massa e agitações, finalmente por uma greve de estudantes e depois por guildas mercantis nas cidades maiores, eles deixaram claro que o sentimento nacional consideraria como traidores todos aqueles que deveriam tomar parte na assinatura do tratado. Foi uma exibição extraordinariamente impressionante da existência e do poder do sentimento nacional na China.

Foi ainda mais impressionante porque teve que funcionar sem agências governamentais organizadas e, de fato, contra a resistência do oficialismo pró-japonês profundamente arraigado.

Se ainda restavam em algum lugar aqueles que duvidavam da força e difusão do patriotismo chinês, a demonstração era uma lição final e convincente. Mas foi necessária uma grande crise de ameaça estrangeira para focalizar o sentimento; O Japão nos últimos dois anos fez pela China o que de outra forma poderia levar uma geração a mais. Mas quando a tarefa imediata de impedir a assinatura do tratado que cedeu os direitos chineses foi executada, o sentimento acabou. Talvez permaneça igualmente intenso, mas perdeu a certeza da direção. Os meios externos e os hábitos de pensamento estabelecidos, necessários para a determinação positiva de políticas nacionais construtivas, ainda são incipientes.

III

Todos sabem que o principal instrumento de invasão estrangeira na China é o financiamento. A Rússia primeiro concebeu a política de conquista por bancos e ferrovias, e outras nações aderiram. O Japão, com sua habitual atenção, percebeu o ponto, e com sua energia habitual agiu de acordo com sua percepção.

A questão das finanças permanece crucial em qualquer política nacional positiva para a China. Mesmo que a ela tivesse capital para cuidar de seus negócios, e certamente tem mais do que usou, sua alfândega desnacionalizada trabalha contra seus próprios interesses. E a falta de confiança na competência e honestidade dos seus funcionários reforçam os limites da concessão de crédito interno às necessidades públicas.

Claramente, um consórcio financeiro internacional que deveria emprestar dinheiro para a China a granel sem ceder em troca concessões especiais e esferas de influência a qualquer nação em particular é a solução óbvia. Mas é extremamente difícil despertar qualquer interesse popular nesse assunto. É, por assim dizer, muito positivo e especializado demais. Pelo contrário, é relativamente fácil para as partes interessadas suscitar oposição.

Eles precisam apenas dizer que essa é uma medida da parte das potências estrangeiras para obter uma completa subjugação da China, e o sentimento nacional está animado na direção negativa. A alternativa, a saber, empréstimos estrangeiros de poderes separados, de fato, o Japão reivindi-

cando direitos e privilégios específicos em troca, não é encarada, exceto pelos mais esclarecidos.

As massas confiam em uma política de *laissez-faire* e sorte ou azar de atender a cada rigor que surge, em vez de comprometer o país com algum esquema abrangente que, por causa da organização envolvida, torne óbvio o fato da influência estrangeira. Habitado a lidar com obstáculos e perigos de maneira fragmentada, jogando uma força contra outra com grande habilidade, o medo natural que todos sentem pelo desconhecido é sentido pela organização em larga escala.

E o fato de a organização ser parte do nacionalismo estrangeiro faz com que pareça particularmente terrível. E quem pode culpar a China em vista de suas experiências passadas com influência estrangeira? Até agora existe uma pequena seção que sinceramente argumenta que seria melhor deixar o Japão ter Tsing-tao do que torná-lo um acordo internacional.

A situação é crítica. O medo de ir contra uma organização de nações estrangeiras foi suficiente para derrotar, pelo menos por enquanto, a proposta de unificar as ferrovias da China. Em última análise, significaria o desenvolvimento de um grande sistema nacional sob controle exclusivo da China. Mas, por enquanto, envolvia uma certa quantidade de controle internacional. As nações estrangeiras interessadas em manter esferas separadas eram naturalmente hostis. A maneira mais fácil de trabalhar não era oferecer oposição pública, mas atuar secretamente, através de agências domésticas que lucravam com o estado de coisas existente, sobre os medos nacionais da China. As mesmas forças que traba-

lham contra o consórcio internacional proposto e podem destruí-lo. De fato, elas quase certamente conseguirão atrasá-lo até que se torne uma questão de extrema necessidade. No entanto, parece quase axiomático que, enquanto a China depende de empréstimos internacionais, é muito melhor que seja dependente de uma combinação de poderes que concordaram em renunciar a privilégios especiais e que terão que usar seus fundos para construí-la como um todo, do que com poderes separados que emprestam dinheiro apenas em resposta a concessões especiais e comando de pontos estratégicos. Esses pontos são estratégicos não apenas economicamente, mas de maneira política e militar.

Parece, à primeira vista, muito irracional que a China prefira continuar um sistema, ou falta de sistema, que a levou ao presente impasse. E isso não é razoável. Mas precisamos entender que chegou agora a um ponto de intenso sentimento nacional e a uma posição em que pode agir com segurança como nação. Sentir é sentir. É relativamente fácil despertar aspiração e medos nacionais. Não é tão fácil garantir um entendimento e um acordo nacional para qualquer plano de operações abrangente ou construtivo. E a razão é óbvia, pois não há instituições nacionais, nem órgãos nacionais, para fornecer o material da compreensão e fornecer a base da fé e da confiança duradouras. Essa união de intenso sentimento nacional, com ausência ou falta de canais e órgãos de ação nacional, descreve o dilema em que a China se encontra hoje, tanto interna quanto externamente

É especialmente importante que os Estados Unidos compreendam a situação com simpatia. Agora mesmo há uma onda de sentimentos pró-americanos, especialmente

fora dos círculos governamentais que se envolveram nas intrigas japonesas. É genuíno. No entanto, é em grande parte uma recuperação dos sentimentos anti-japoneses predominantes. De qualquer forma, é um sentimento nacional, não uma ideia nacional. No futuro, ela estará sujeita às forças que sempre operam para tornar o sentimento, como distinto do pensamento, um assunto flutuante. Por causa da história e de interesses econômicos, os Estados Unidos se opõem à política de dividir a China, seja abertamente ou por meio de esferas de influência e interesses especiais. Isso é bom para o sentimento da China em relação a nós. Ele também defende, como no caso da unificação de ferrovias e ajuda financeira combinada, a assistência internacional organizada.

Com uma quantidade comum de decência e boa vontade, essa política deve construir rapidamente a China e levá-la ao ponto em que possa dispensar o controle estrangeiro.

Mas, por razões já explicadas, a China hesitará, se oporá e adiará. É possível que fique frustrada e prefira continuar a política de jogar uma nação contra outra, apesar de que isso signifique, por enquanto, um aumento do controle japonês. É mais importante que os Estados Unidos compreendam as causas dessa atitude e sejam pacientes e persistentes em sua política, em vez de serem influenciados por uma rajada emocional de repulsa à “ingratidão”.

A repulsa e a retirada do interesse ativo de nossa parte, porque nossos avanços e planos não alcançam uma aprovação imediata e calorosa, só serão desempenhadas pelas mãos daqueles países que desejam direitos especiais e egoístas na China e que, por esse motivo, e por causa da falta de

fé na capacidade política dos chineses, sempre carregam na parte de trás de suas cabeças um esquema de última partição e sujeição. Precisamos perceber que é apenas porque os chineses têm grande capacidade política que o problema do redirecionamento nacional é difícil e lento. Pois essa capacidade se comprometeu a definir linhas contrárias às que se encaixam na situação atual. Ajudará uma simpatia inteligente a lembrar que a China não avançou no caminho do nacionalismo político moderno a ponto de o sentimento nacional ser intenso, mas onde os órgãos definidos de pensamento e ação nacionais estão apenas nos estágios iniciais da formação.

AS CONDIÇÕES PARA A CHINA SER UMA NAÇÃO¹¹

A China certamente não é uma nação como as que conhecemos na Europa. É ampla e não compacta. É tão diversificada quanto a Europa, se não mais, em vez de ser homogênea como a Suíça ou a França. Todos já ouviram falar de estudantes do norte e do sul que conversam em inglês para serem entendidos. Mas há partes populosas da China onde um nativo precisa percorrer apenas alguns quilômetros para não entender o idioma de seus compatriotas. Quanto à autoconsciência política, deixe a seguinte história verdadeira servir. No início da agitação japonesa, há um ano e meio, os alunos foram de Xangai para uma vila vizinha. Os moradores ouviram pacientemente seus apelos apaixonados por um interesse nas políticas de Pequim dominadas por “traidores” e por um boicote patriótico ao Japão. Então eles disseram efetivamente: “Isso é muito bom para você. Você é chinês. Mas nós somos Jonesvillianos. Essas coisas não são da nossa conta”. E isso não era no interior, mas perto da cidade costeira mais desenvolvida.

No entanto, se a partir de tais fatos alguém argumentasse sobre o futuro, certamente erraria. Não porque não são massivamente representativos, mas porque as coisas estão em fluxo. Não é seguro profetizar para onde vão. Contudo, estão indo a algum lugar, de modo que um político chinês que se opõe firmemente aos interesses da China como na-

¹¹The New Republic, 12 de janeiro de 1921

ção certamente, mais cedo ou mais tarde, mudará. Mesmo um habitante chinês não tem segurança para analisar o estado de coisas em seu país. No entanto, seria igualmente inseguro argumentar a existência de uma minoria persistentemente influente do fato dos milhares de telegramas enviados a Paris em protesto contra a assinatura de um tratado que continha a causa de Shantung, ou do fato de um gabinete dominado por políticos pró-japoneses, que controlava as finanças e o exército, simplesmente não ousava entrar em negociações diretas com o Japão sobre o assunto. Numa crise, pode haver uma minoria tão substancial que seja dominante. Mas apenas em uma crise.

A China é uma nação? Não como estimamos as nações. Quanto tempo demorará para a China se tornar uma nação? Estas são questões em aberto. Qualquer um que pudesse respondê-las leria o futuro do Extremo Oriente como um livro. Mas ninguém pode respondê-los definitivamente. Nesse suspense e incerteza, reside o grande interesse da situação. Quando começam as nações, afinal? Há quanto tempo a França é uma nação compacta e homogênea? Itália, Alemanha? Que forças as fizeram nações? E qual será o futuro do Estado Nacional fora da China? Qual é o futuro do internacionalismo? Todo o nosso conceito de nação é de origem tão recente que não surpreende que não se enquadre exatamente nas condições chinesas. E, possivelmente, os dias em que a nacionalidade política está mais plenamente estabelecida são também os dias do início do seu declínio. A última sugestão pode ser selvagem. Mas sugere que o mundo, assim como a China, está em fluxo. Isso responde às per-

guntas sobre se e quando a China deve ser uma nação, e que tipo de nação ela deve ser.

Atualmente há pouco espírito público na China. O espírito de família e localidade dá à China sua força para seus antigos fins tradicionais e sua fraqueza pelas condições contemporâneas e relações internacionais. Mesmo entre os políticos, o espírito de facção é muito mais forte que o espírito público ou nacional, e isso é uma fraqueza para objetos tradicionais e novos. Um grande exército consome receitas públicas e torna a China cada vez mais dependente de empréstimos internacionais e sujeita ao espírito estrangeiro de interferência. De nada serve e é quase nula para defesa nacional. É útil para enxerto, ambições e conflitos entre facções. A China tem todas as desvantagens da extrema centralização e dos direitos extremos dos Estados, e poucas vantagens de ambos. Não existe apenas uma divisão entre o norte e o sul, mas uma divisão cruzada no norte e no sul e, além disso, uma infinidade de correntes cruzadas de isolamentos e ambições provinciais.

E, no entanto, os Estados Unidos foram uma nação nos anos críticos após 1785? Não houve uma guerra civil amarga apenas sessenta anos atrás, e Gladstone não anunciou que Jefferson Davis¹² havia criado uma nova nação? Todas as questões de unidade nacional e direitos dos estados ainda estão resolvidas? Há muitos séculos, os políticos europeus receberam fundos de governos internacionais para fortalecer as suas próprias facções e, às vezes, interferências estrangeiras eram convidadas ou bem-vindas por causa de

¹²Presidente dos Estados Confederados entre desde o seu início em 1861, até ao seu final em 1865, nos Estados Unidos. Nota do tradutor.

conflitos partidários ou religiosos. As respectivas reivindicações do Estado e da Igreja dificilmente estão hoje totalmente ajustadas, enquanto até recentemente uma igreja localizada fora do país reivindicava e assegurava poderes de intervenção. Esta é uma complicação que a China é, pelo menos, poupada.

Recentemente, li as palavras de um inteligente turista inglês na América, segundo o qual a diversidade de populações e tradições não fundidas é tal que os Estados Unidos são um país apenas no sentido em que o continente da Europa é um. E, na mesma época, H. G. Wells, usando um critério diferente, o da liberdade e facilidade de movimento e transporte, dizia que os Estados Unidos eram um império tão completo em si que não podíamos falar dele e da França como nações em o mesmo sentido da palavra nação. Tais citações diversas nos alertam que não podemos usar a concepção de nação em um sentido fluido, mesmo nos assuntos ocidentais. Eles indicam a dificuldade de fazer declarações duras e rápidas sobre a unidade nacional chinesa.

Quando passamos dos assuntos políticos para os econômicos, nossas ideias ocidentais habituais são ainda menos aplicáveis. Sua irrelevância torna impossível descrever inteligentemente as condições chinesas, ou mesmo compreendê-las. No sentido familiar da palavra, não há burguesia na China. Costumava haver uma nobreza com considerável poder, hoje quase inexistente. A classe dos comerciantes está tradicionalmente fora das preocupações políticas e ainda não desenvolveu nenhuma consciência de classe política ou social, embora alguns sinais de seu início tenham sido evidenciados em conexão com o recente boicote. Mesmo no Ocidente, há

uma dificuldade considerável em colocar os agricultores na terminologia burguesa-proletariada. E como uma classe de proprietários de camponeses que formam não apenas a vasta massa de um povo, mas sua espinha dorsal econômica e moral, que são tradicional e atualmente estimada, a parte respeitável da população, ao lado dos estudiosos, deve ser classificada sob nossas noções ocidentais?

Mesmo no Ocidente, o ponto dessas distinções é o produto da revolução industrial. E na China a revolução industrial ainda precisa ocorrer. Ela é um lugar muito melhor para estudar a história europeia de alguns séculos atrás do que aplicar os conceitos e classificações da atual ciência política e econômica. O visitante gasta seu tempo aprendendo, se é que aprende algo sobre ela, a não pensar no que vê em termos das ideias que usa como uma questão de curso em casa. O resultado é naturalmente obscuridade e não luz. Contudo, é possível questionar se o esclarecedor que se pode fazer por outros interessados não é compartilhar sua descoberta de que a China pode ser conhecida apenas em termos de si mesma e da história europeia mais antiga. No entanto, é preciso repetir que ela está mudando rapidamente; e que é tolice continuar pensando-a em termos da antiga China dinástica. A China é um outro mundo em termos político e econômico, algo grande, persistente e vinculado com o que não se sabe exatamente. É a combinação desses fatos que lhe confere um interesse intelectual avassalador para um observador dos assuntos da humanidade.

A questão da nacionalidade da China, como observou um escritor, não é inativa. Ela é o exemplo da sobrevivência por submissão. Se é uma nação no sentido europeu

ou dos Balcãs, é óbvio que o Japão não pode se apoiar nela. Se não, a nação que organiza suas indústrias e educação poderá engoli-la, para fins políticos e econômicos, mais completamente do que a Inglaterra engoliu a Índia e não conseguiu digeri-la. Ou a antiga inércia de tamanho e paciência pode prevalecer, e os japoneses serão engolidos e digeridos como seus antecessores.

Essas observações são pertinentes e entram na consulta constante do observador estrangeiro na China. E, no entanto, ele não pode ir além de observar o problema, observar o fluxo de eventos e alguns dos fatores que podem mudar de direção. Não é seguro, por um lado, argumentar que, porque a China absorveu todos os invasores anteriores, terminará incorporando para si mesma futuros invasores. Seus conquistadores anteriores eram bárbaros do norte em um plano inferior de civilização. O que teria acontecido se trouxessem consigo uma técnica superior de indústria e administração desconhecida. Dizem que o Marquês Okuma foi responsável pela longa história de existência independente da China, alegando que ela não tinha ferrovias. À primeira vista, isso pode parecer com a afirmação infantil de que alfinetes salvam a vida das pessoas, porque as pessoas não as engolem. Mas sugere o caráter radicalmente diferente das invasões antigas e modernas. Este último se centra na exploração de recursos econômicos anteriormente não utilizados. Um país que possuísse os portos, ferrovias, minas e comunicações chineses sujeitaria a própria China. Quanto mais sábio o país invasor, menos assumiria os encargos da administração civil além do policiamento necessário. Ela atuaria como capitalista explorador permanente, usando os recursos

naturais do trabalho não qualificado do país para servir a seus próprios fins. Além disso, sem dúvida tentaria recrutar mão de obra nativa para seus exércitos. De um modo geral, os nativos atuavam como coolies, os estrangeiros como personagens da classe basculante. Sob tais condições, o sucesso ou não da assimilação cultural pouco equivaleria.

Mas assim que essas coisas são ditas, imediatamente se lembra que a melhoria da comunicação interna e do transporte tem sido um fator principal nos países em desenvolvimento em unidades políticas, enquanto a opressão de fora é o outro grande fator. As mesmas forças estão operando na China e continuarão a operar. O sentimento nacionalista como existe agora é em grande parte o produto da reação contra invasões estrangeiras. É mais forte no litoral não apenas porque o desenvolvimento industrial é mais avançado lá, mas porque as agressões internacionais foram mais sentidas naquele momento. O esforço para tirar proveito da ausência de unidade nacional para sujeitar um país provavelmente acabará na criação de uma consciência nacional. A Coreia é um exemplo impressionante. Politicamente corruptos e divididos, sem consciência política nacional, menos de uma geração de regras internacionais combinadas com mudanças industriais e educacionais projetadas totalmente para preservar os interesses do poder estrangeiro, quase converteu a Coreia em uma segunda Irlanda. A história parece mostrar que as nações estão mais sujeitas a influências que pretendem subverter a nacionalidade. É provável que a China não seja uma exceção. Embora não seja uma nação "em existência", os eventos provavelmente estão evocando em tornar-se uma nação ", e o processo é acelerado pelos esfor-

ços para evitá-la. Ao mesmo tempo, nenhum relatório é honesto, quando declara que nenhuma facção em qualquer parte da China, de norte ou sul, renunciará aos direitos nacionais a um país estrangeiro em troca de ajuda faccional contra seus inimigos internos.

Um outro fator deve ser mencionado. Durante muito tempo, as grandes potências, com exceção dos Estados Unidos, procederam do pressuposto de que a China se desintegraria como nação e a política de cada país estrangeiro seria voltada a obter sua parte justa dos despojos. Esta afirmação pode ser muito forte. Mas, pelo menos, a suposição era que, sempre que ocorresse alguma desintegração na China, a concessão a uma nação deveria ser compensada, pela retirada de concessões a outros países. A Guerra Mundial criou condições às quais outras nações não poderiam competir com o Japão neste jogo. Isto é bastante caro agora que a desintegração da China seria quase exclusivamente uma vantagem do Japão. Daí o interesse benevolente de outras potências pela integridade nacional da China. A história da política externa chinesa tem sido jogar com os interesses internacionais. Agora ela é auxiliada por uma tendência de todos os Poderes de lhe dar pelo menos assistência passiva contra invasões japonesas. A formação do consórcio com a abolição de esferas distintas de influência estrangeira, a questão da reafirmação ou revogação da Aliança Britânico-Japonesa, o caso Shantung, adquirem seu significado nesse contexto. A questão ainda não resolvida é o que o Japão pode, por promessa ou ameaça, oferecer como compensação a outras grandes potências para induzi-las a dar-lhe uma maior liberdade na China.

Um educador americano, residente há muito tempo na China central, comentou comigo que a China estava tentando se aglomerar em meio século de revoluções literárias, religiosas, econômicas, científicas e políticas que os ocidentais levaram séculos para realizar. A observação indica a dificuldade em fazer previsões e em oferecer descrições definidas. Apesar da inércia e da estabilidade que ainda dominam os vastos distritos rurais, apesar do não cumprimento de profecias específicas do passado sobre a mudança da China, ela está em um estado de fluxo. O efeito acumulado de milhares de pequenas mudanças devido ao contato com métodos e ideias ocidentais tem sido mudar o pensamento na classe educada. Atualmente, esse fato é mais importante do que qualquer grande mudança que possa ser destacada. Levará muito tempo para que essa nova mentalidade se desenvolva em realizações definidas ou mesmo para traçar linhas de progresso definitivamente perceptíveis. Mas, essas condições que dificultam a descrição inteligente são aquelas que emprestam à China seu interesse absorvente.

O DIREITO E A JUSTIÇA NA CHINA¹³

I

Para o estudante de desenvolvimento político e social, a China apresenta uma empolgante situação intelectual. Ele leu em livros o relato da lenta evolução da lei e de instituições governamentais organizadas. Ele encontra na China uma lição objetiva sobre o que leu. Damos por garantida a existência do governo como uma agência para fazer cumprir a justiça entre os homens e proteger os direitos pessoais. Dependemos de procedimentos legais e judiciais regulares e ordenados para resolver disputas, pois tomamos como certo o ambiente que respiramos. Na China, a vida continua praticamente sem esse apoio e garantia. E, no entanto, na vida comum do povo reinam a paz e a ordem.

Se você lê os livros escritos sobre a China, encontra os chineses frequentemente mencionados como as “pessoas mais cumpridoras da lei no mundo”. Surpreendido por esse fato, o viajante geralmente esquece de confirmá-lo. Ele deixa de notar que esse cumprimento da lei constantemente se mostra desprezado por tudo o que no Ocidente associamos à lei, que continua em grande parte sem tribunais e formas e oficiais legais e judiciais; de fato, os chineses fazem regularmente o que o Ocidente considera como a essência da ilegalidade fazer cumprir a lei por meio de agências e acordos privados. Em muitas coisas, quem é considerado infrator da lei real, o costume controlador, é aquele que apela à “lei”, isto

¹³ Da Ásia, abril de 1920; publicado sob o título *The New Leaven in Chinese Politics*. O fermento novo na Política chinesa

é, às agências e oficiais governamentais. Alguns incidentes da história recente podem ilustrar este ponto.

Os estudantes da Universidade de Pequim começaram a agitação em maio passado, se transformando em um movimento organizado que, no final, obrigou a demissão de alguns membros pró-japoneses do gabinete e forçou a recusa em assinar o tratado de paz. O movimento começou com uma procissão. O desfile passou pela casa de um membro que normalmente era chamado de “traidor”. E o equivalente chinês da palavra traidor significa literalmente ladrão que vende seu país. Num acesso de distração, o policial de guarda abriu o portão do complexo. Os alunos entenderam isso como uma sugestão ou um convite. Eles entraram correndo. Em seguida, o agressor foi severamente espancado e sua casa foi incendiada.

Este incidente é agora passado. O que não é tão conhecido é que a opinião pública obrigou a libertação dos estudantes que foram presos. Julgá-los e condená-los por crimes teria consequências mais sérias do que o governo ousou enfrentar. Os diretores das escolas garantiram que os estudantes não se envolveriam em mais desordens; e foram soltos, sujeitos a convocação posterior. Mas quando, no outono, o governo, tendo recuperado sua estabilidade, exigiu que os diretores das escolas submetessem os estudantes a julgamento, sua ação foi considerada uma quebra de fé. Nada mais aconteceu quando os funcionários da escola responderam que os alunos não retornaram às suas respectivas escolas. Havia um sentimento geral de que a convocação para o julgamento não representava o desejo real dos ofici-

ais, mas foi tomada por causa da pressão exercida por alguma pessoa vingativa.

Para os olhos ocidentais, acostumados às formas de audiências e julgamentos regulares, esse método parece ilegal. Na China, no entanto, o senso moral da comunidade teria sido chocado por um tratamento puramente legal. O que na lei ocidental é crime organizado, frequentemente é uma virtude na China. O incidente também ilustra o princípio de solidariedade e responsabilidade corporativa que desempenha um papel tão grande na consciência chinesa. A escola à qual os alunos pertenciam assumia responsabilidade por sua conduta futura e dava garantias para seu comportamento adequado.

Como os estudantes de Pequim foram os autores do movimento, foram considerados seus principais apoiadores. Era desejável que os reacionários militaristas os descreditassem. Foi planejada uma reunião de alguns estudantes reais, associado a alguns alunos veteranos e outros que pretendiam entrar na Universidade.

Foram preparadas resoluções que indicavam que alguns estudantes barulhentos e egoístas, ansiosos por notoriedade, haviam promovido todo o movimento, coagindo os seus colegas. As resoluções declararam, em suposto nome de mil estudantes, que o verdadeiro corpo discente se opunha a toda a agitação. Os estudantes liberais tomaram conhecimento desta reunião, entraram às pressas, prenderam os trinta dissidentes, obtiveram deles uma declaração escrita da instigação da reunião pela camarilha reacionária e depois os prenderam como punição.

Quando foram libertados pela polícia, os mandados foram cumpridos e os líderes dos estudantes liberais invasores foram presos. Uma grande indignação foi despertada por esse ato, que foi considerado altamente antiético. Um líder educacional disse-me que os funcionários não tinham nenhum problema em interferir em um assunto que dizia respeito apenas aos alunos.

No entanto, essa aparente ausência de direito público, essa aparente falta de preocupação com o interesse público na paz e nos procedimentos ordenados, não significa que a opinião pública apoiaria qualquer indivíduo a começar a corrigir seus próprios erros. Isso significa que os problemas de maior importância são considerados entre os grupos e devem ser resolvidos entre eles e por sua própria iniciativa.

É fácil imaginar a denúncia de ilegalidade que um relato de tais atos pode excitar em clubes e redações. Eles estão relacionados aqui, no entanto, nem para condenar ou aprovar. São incidentes ilustrativos bastante típicos. Eles mostram que todo o contexto jurídico e judicial que damos como certo no Ocidente é rudimentar na China. Lei e justiça, como deveriam ser, não são deliberadamente questionadas em tais episódios. Há apenas uma recorrência aos métodos tradicionais de solução de controvérsias. Os incidentes também são instrutivos porque sugerem a causa subjacente. Não há confiança no governo, nem honestidade, imparcialidade ou inteligência dos funcionários do Estado. Famílias, aldeias, guildas todos os grupos organizados têm mais confiança na disposição de um grupo oposto de chegar a algum tipo de solução razoável do que na boa fé ou na sabedoria do grupo oficial.

II

O incidente a seguir ilustra um dos motivos da falta de confiança no governo. Um dos novos semanais liberais de Pequim era um espinho para os oficiais reacionários. Não que fosse uma revista política, mas era um órgão de discussão livre; estava conectado por meio de sua equipe editorial com o elemento intelectual da Universidade do Governo que os reacionários temiam e servia de modelo para iniciar periódicos semelhantes em todo o país. A gendarmeria de Xangai reclamou com o governador militar da província de Nankim que o diário estava criando inquietação. O bolchevismo tornou-se o termo técnico na China e em outros lugares para qualquer crítica à autoridade. O Governador Militar relatou essa declaração ao Ministro da Guerra de Pequim, que a denunciou ao colega Ministro da Justiça, que a denunciou à polícia local, que tomou posse da redação e fechou o jornal.

Observe a casa oficial que Jack construiu e a impossibilidade de localizar a responsabilidade que de qualquer maneira protegesse a sombra da reparação legal. A imprecisão, a sobreposição de autoridade e a consequente evasão e mudança de responsabilidade são típicas dos métodos governamentais herdados. Por trás do incidente, é claro, o fato de o governo na China ainda ser em grande parte movido por decretos, mandatos, e não de leis comuns ou estatutárias. Se nós, no Ocidente, às vezes sofremos com o extremo ao qual a separação dos poderes administrativos, legislativos e judiciais, um ligeiro estudo dos métodos orientais revelará as condições que criaram a demanda por essa separação.

Alguns dias atrás, por exemplo, o Ministro da Justiça no Gabinete de Pequim emitiu um decreto de que todos os documentos impressos devem ser submetidos à censura da polícia antes da publicação. Não houve crise política ou militar. Não houve ato legislativo de habilitação. Adequava seus desejos pessoais e seus planos de facção. A ordem foi recebida com calma com o comentário de que seria obedecida em Pequim, porque o governo controlava a polícia, mas nenhuma atenção seria prestada a ela no resto da China. Em muitos casos, os mandatos da República não ultrapassam os muros da cidade.

III

Tem sido repetidamente apontado que os maiores problemas da existência e reconstrução da China se devem ao fato de que os métodos que funcionaram bem no passado agora são fortemente desafiados pelas mudanças que ligaram a China ao resto do mundo. A China enfrenta um mundo que é diferentemente organizado de si mesma em quase todos os aspectos; um mundo, por exemplo, que valoriza as formas de justiça, mesmo quando negligencia sua substância; um mundo em que a ação governamental é a fonte e o padrão de reparação de erros e proteção de direitos. Quando as relações externas são consideradas, o método habitual da China, embora tenha cumprido uma grande medida de cumprimento da lei entre os chineses em seus próprios assuntos, não é coberto lei.

Isso vale para as relações da China com praticamente todas as nações estrangeiras. Mas o Japão está mais próximo

e possui os mais numerosos e variados contatos e, portanto, possui as maiores fontes de reclamação. Ela emprestou e aprimorou a técnica de outras nações para tornar essas causas de atrito a base das demandas de todo tipo de concessões e invasões, para a constante perplexidade e crescente ressentimento da China. Ao impor o boicote ao Japão, por exemplo, os sindicatos estudantis frequentemente tomam o assunto por conta própria.

Eles invadiram lojas nas quais os produtos japoneses são vendidos, transportaram os estoques e os queimaram. Quando essas coisas são relatadas no Japão, não há cuidados escrupulosos em dizer que as mercadorias são sempre propriedades de revendedores chineses e que os próprios japoneses não são interferidos

Uma sucessão de tais incidentes, habilmente tratados pelo governo japonês através da imprensa, criou entre a massa do povo japonês uma crença sincera de que o povo chinês é sem lei, irresponsável e agressivamente orgulhoso em todas as suas relações com os japoneses. Assim, o governo imperial reúne por trás dele a opinião pública necessária para apoiar uma política de agressão. O sentimento de que a China está em um estado geral de ilegalidade é usado, por exemplo, como motivo para manter Shantung.

O assunto é ainda mais complicado pelo grande grau de autonomia das províncias, que historicamente são principados e não províncias. Apesar das mudanças nominais, a situação não é essencialmente diferente hoje. As ferrovias e telégrafos trouxeram maior unidade; por outro lado, o sistema de governadores militares, um para cada província, au-

mentou em alguns aspectos a exibição efetiva dos direitos dos Estados.

Nos últimos meses, houve rumores repetidos da secessão das três províncias da Manchúria, das províncias do sul e das províncias de Yangtze. Esses rumores, como as ameaças dos governadores aqui e ali de se retirarem quando as coisas não lhes convém, fazem parte do jogo por prestígio e poder políticos. Mas sabemos nos Estados Unidos como nossa medida de ação independente por parte de um estado da União pode complicar as relações externas. Dada uma maior medida de independência e um estado central fraco, é fácil ver quantos casos de atrito externo podem surgir, o que justifica uma política agressiva.

Além disso, existe uma tentação constante de um poder estrangeiro inescrupuloso de realizar intrigas e pechinchas com autoridades e políticos provinciais às custas do Estado Nacional. A história recente da China é em grande parte uma história desse tipo de intervenção estrangeira, que naturalmente acrescenta dissensão e confusão e enfraquece ainda mais o governo nacional. Justamente ou não, os chineses acreditam que o Japão militarista deliberadamente fomentou todos os movimentos que manteriam a China dividida. Enquanto escrevo, existem rumores de uma tentativa de restaurar a monarquia com apoio japonês.

A influência da negligência do processo legal e das formas judiciais sobre o problema da extraterritorialidade é óbvia. Atualmente, se as relações comerciais e outras entre a China e as potências estrangeiras continuarem, algum tipo de extraterritorialidade será necessária, e isso envolverá a existência de “concessões”. No entanto, sua existência é irri-

tante para o orgulho nacional. Os alunos trouxeram a ideia e a palavra “soberania” para casa. Nenhuma palavra sai dos lábios de maneira mais traiçoeira.

As concessões em Xangai e Tientsin, que estão sob jurisdição estrangeira, são verdadeiras cidades de refúgio para liberais chineses e para descontentes políticos. Como a censura e a supressão de jornais aumentaram sob o atual Ministério da Justiça reacionário, há uma tendência acentuada para os jornais formarem empresas sob propriedade estrangeira nominal e com cartas estrangeiras para obter proteção legal. As empresas chinesas progressivas se reúnem para as concessões. Atualmente, sem o elemento chinês, seriam meras conchas. Dizem que noventa por cento da população do Acordo Internacional de Xangai é chinesa e estes pagam oitenta por cento de seus impostos. A tara proverbialmente cresce com o trigo. Funcionários corruptos protegem seus fundos do confisco, mantendo-os em bancos estrangeiros. Ao percorrer as concessões de Tientsin, você indicou as casas de vários governadores e oficiais provinciais que pensativamente forneceram um local de segurança contra a inevitável, embora adiada, maré da indignação popular.

Um amigo chinês me disse que um dos próximos movimentos patrióticos seria um êxodo generalizado de concessões estrangeiras. Exceto para investidores em imóveis estrangeiros, será divertido assistir quando isso ocorrer. As concessões terão uma mera concha. O interesse estrangeiro na manutenção de concessões desapareceria completamente nessa contingência se houvesse outra maneira de manter a jurisdição consular.

IV

Eu não daria a impressão de que nada vai mudar a situação jurídica. O contrário. Existe um departamento de codificação de leis competente, presidido por um estudioso chinês cujos trabalhos em alguns aspectos do direito europeu são comuns em faculdades de direito estrangeiras. Um sistema moderno está sendo construído. Está sendo feito um esforço para garantir juízes bem treinados e reformar e padronizar os procedimentos judiciais. O desejo de abolir a extra-territorialidade está acelerando a mudança. Mas uma coisa é introduzir mudanças formais e outra é mudar os hábitos das pessoas. O desrespeito à política e a jurisdição governamental no ajuste de disputas sociais e comerciais serão duros.

É duvidoso que a China algum dia se renda completamente ao legalismo e formalismo que os países ocidentais fizeram. Essa pode ser uma das suas contribuições para o mundo. Há pouco gosto, mesmo entre os elementos avançados, por exemplo, de um sistema de legislação puramente indireto e representativo e de determinação de políticas. Nos últimos meses, repetidamente, a opinião popular tomou suas próprias mãos e, pelas assembleias públicas e pelos telegramas circulares, forçou a política do governo em questões diplomáticas. O toque pessoal e a influência imediata da vontade popular são necessários. Em comparação com o Ocidente, a esfera da discricção sempre será grande em contraste com a das formas definidas. O legalismo ocidental ficará em curto-circuito. Somado à apatia por parte da população em geral quanto a questões políticas, existe uma extraordinária prontidão para lidar com questões em que um grande núme-

ro está interessado, sem através dos intermediários da formalidade política.

Os liberais no Senado e na Câmara dos Deputados nacionais existentes não pretendem participar de reuniões e tentar influenciar as ações por meio de discussão e votação. Eles fazem um apelo direto ao país. E, de fato, isso significa apelar para uma grande variedade de organizações locais: associações educacionais provinciais para alcançar acadêmicos e estudantes, guildas industriais e mercantis, câmaras de comércio (cujos poderes são muito maiores do que os de órgãos semelhantes em nosso país), sindicatos voluntários e sociedades religiosas e outras.

Não é de todo impossível que, em sua evolução futura, a China se afaste amplamente dos modelos constitucionais e representativos ocidentais e estabeleça um sistema que combine expressão direta da vontade popular por organizações de grupos e guildas locais, com uma grande margem de discrição pessoal. mãos de funcionários administrativos, desde que estes deem satisfação geral. O governo pessoal por decretos, mandatos e apreensões e prisões arbitrárias cederá. Seu lugar será ocupado pela administração pessoal, como já existe nas ferrovias, correios, alfândegas, administração de sal, etc., e não por legislação formal em que a natureza do trabalho construtivo a ser realizado forneça padrões e testes.

V

Grosso modo, o visitante na China provavelmente o encontrará etapas sucessivas. A primeira é a impaciência com irregularidades, incompetência e corrupções, e uma de-

manda por reformas imediatas e amplas. Uma estadia mais longa o convencerá das raízes profundas de muitas das coisas questionáveis, e dará a ele uma nova lição sobre o significado das palavras “evolução” e “desenvolvimento”. Muitos estrangeiros ficam presos nesta fase. Sob o pretexto de favorecer a evolução natural e lenta, eles se tornam oponentes de todas as coisas e de qualquer desenvolvimento. Eles até se opõem à disseminação da educação popular, dizendo que isso roubará aos chineses seu contentamento tradicional, paciência e indústria dócil, tornando-os desconfortáveis e insubordinados.

Em tudo, eles apontam para os males que podem acompanhar um estágio de transição do desenvolvimento. Jogam seu peso, por exemplo, contra todos os movimentos pela emancipação das mulheres de um status servil. Ampliam a dignidade e o poder de algumas mulheres na família e expatriam os males que surgirão do relaxamento dos atuais tabus, quando nem o código antigo nem o existente nos países ocidentais se aplicarão. Muitos homens de negócios ocidentais deploram especialmente as tentativas dos missionários de introduzir novas ideias.

Mas o visitante que não é preso nesta segunda etapa emerge onde já não espera mudanças imediatas, nem se irrita com os males do presente em comparação com uma imagem idealizada do passado tradicional. Abaixo da superfície, vê os sinais de um despertar intelectual. Sente que, embora agora os esforços para uma nova vida sejam dispersos, são tão numerosos e genuínos que, com o tempo, se acumularão e se unirão. Sente simpatia pela Jovem China. A Jovem China também passou por um estado de otimismo e crença em

mudanças no atacado; um estágio subsequente de desilusão e pessimismo; e, em um terceiro estágio, estabeleceu-se agora esforços construtivos ao longo das linhas de educação, indústria e reorganização social.

Na política, a Jovem China visa a instituição do governo pela lei. Ele contempla a abolição do governo pessoal com sua arbitrariedade, corrupção e incompetência. Mas percebe que o desenvolvimento político é principalmente indireto; que isso decorre do crescimento da ciência, da indústria e do comércio e das novas relações e responsabilidades humanas que eles produzem; que nasce da educação, da iluminação do povo e de um treinamento especial no conhecimento e na habilidade técnica exigida na administração de um estado moderno.

Quanto mais se vê, mais se convence de que muitos dos piores males da China política atual são resultados de pura ignorância. Percebe-se como os negócios delicados e variados do estado moderno dependem de conhecimentos e hábitos mentais que cresceram lentamente e que agora são contados como uma questão de curso. A China está apenas começando a adquirir essa experiência e conhecimento especiais.

Oficiais antigos criados nas tradições antigas e novos oficiais criados sem nenhuma tradição, mas que conseguem se forçar ao poder em um período de dissolução política, gradualmente desaparecem. Atualmente, os tipos mais antigos de estudiosos, cultivados, experientes na tradição arcaica, geralmente são hesitantes, se não em decúbito dorsal. São em grande parte fantoches nas mãos de homens vigorosos que entraram na política pelo exército ou pelas fileiras de

bandidos; homens sem educação, que em grande parte não conhecem outra lei senão a de seu próprio apetite e que não possuem educação geral e educação na administração dos assuntos complexos do estado contemporâneo. Mas nas escolas do país, no Movimento Estudantil, agora crescido politicamente autoconsciente, são as forças que contribuem para uma política futura de um tipo diferente.

A ANTIGA E A NOVA CHINA¹⁴

I

Existe no mundo o globo real, não o papel machê de um país com uma população de talvez um sexto dos habitantes do planeta. A história deste país se estende por mais de quatro mil anos. Em nenhum outro lugar a Terra mostra esse registro de continuidade e estabilidade. No entanto, a história não é de monotonia ou estagnação. Dentro de sua continuidade, há, pelo menos, tanta variedade e mudança quanto na história da Europa nos dois mil anos anteriores ao século XVII. Invenção, arte industrial, filosofia, poesia e pintura de primeira ordem adornam a civilização deste país. Em nenhum outro momento ou outro lugar as ideias morais, além do reforço eclesiástico e do apoio teológico, foram tão amplamente divulgadas. Há mais de mil anos, este país ofereceu moral, literatura, arte e os elementos da cultura a um vizinho que agora está entre as “Grande Cinco” nações modernas.

Fora da agricultura, sua ordem social nunca foi muito eficiente. Com um número extremamente pequeno de exceções, seus governantes eram corruptos e incompetentes. Manteve-se com tão pouco governo, em qualquer sentido moderno da palavra, que é surpreendente que os anarquistas não o tenham tomado como exemplo do que pode ser feito em uma base não governamental. Mas se dava em reclusão. Mar, deserto e montanhas cercavam-no. Era suficien-

¹⁴Da Ásia, maio de 1921: publicado sob o título China Antiga e Nova

te por si só, complacente em uma presunção de superioridade de criada de isolamento.

Finalmente, a revolução industrial fez suas barreiras sem sucesso. O vapor e a eletricidade eliminaram a distância. O país se viu confrontado com forças com as quais era totalmente incapaz de lidar. As fraquezas de um século não eram mais meros incidentes domésticos. Eles eram uma ameaça de destruição interna e um convite para os lobos imperiais estrangeiros. O contato com novas forças produziu flagrante exibição de todos os defeitos e corrupções acumulados, ao mesmo tempo em que uma civilização nova e melhor organizada trouxe consigo tentações estranhas e irresistíveis para novos males.

Ao escrever sobre a reconstrução da China, o Sr. J. O. P. Bland¹⁵ seleciona um pequeno grupo de indivíduos como sendo pessoalmente responsável pela maioria de seus problemas. O grupo que ele escolhe para arcar com o ônus da responsabilidade é denominado como "China Jovem". E para enfrentar todos os males, o Sr. Bland tem uma panaceia, ou seja, o controle internacional de recursos financeiros.

Para qualquer um com pouco conhecimento da situação, combinado com os rudimentos de uma imaginação social, essa simples afirmação torna supérflua qualquer resposta detalhada ao Sr. Bland, embora seja necessário apontar no decorrer deste artigo, algumas distorções específicas. Vale

¹⁵ John Otway Percy Bland (15 de novembro de 1863, Malta - 23 de junho de 1945, Ipswich), que escreveu como J. O. P. Bland , foi um escritor e jornalista britânico, mais conhecido como autor de vários livros sobre política e história chinesas. Ele viveu na China durante a maior parte do período 1883-1910. Nota do tradutor.

a pena fazer uma análise independente dos elementos do problema de transição e transformação na China. Simplesmente, como um espetáculo intelectual, um cenário para estudo e suposição, para investigação e especulação, hoje em dia não há nada no mundo, nem mesmo a Europa, em meio à reconstrução, igual à China. A história não registra qualquer paralelo.

Pode uma civilização velha, vasta, peculiar, exclusiva e autossuficiente nascer de novo? No entanto, realiza a transformação em face de fatos e forças profundamente alheias a ela, seja física, política, industrial, intelectual e espiritual. Todas as forças são estranhas, sem precedentes. Muitos deles agressivamente hostis são dirigidos por aqueles que buscam se opor à decadência da China. Muito em seus costumes tradicionais, na verdade a esfaqueia em seus esforços para lidar com novas condições. Isso coloca grandes obstáculos no caminho de todo esforço para se preparar para sua tarefa, de modo que uma tentativa meritória após outra caia em impotência. Há muitas coisas boas na ordem antiga e na tentativa de uma nova. Existe uma química social e uma física de acordo com a qual os elementos bons em si mesmos dão origem a compostos explosivos ou venenosos.

A história pode ser saqueada para fornecer uma situação que desperta tanto interesse, mantendo o espectador tão vacilante entre a esperança e o medo, desconcertando-o em todas as tentativas de encontrar uma solução. Lembramos constantemente os enigmas chineses da infância, nos quais a complexidade e a variedade de partes entrelaçadas pareciam desafiar todas as tentativas de formar um todo coerente. Havia uma pista, um método para esses quebra-cabe-

ças e talvez ainda seja possível encontrar uma maneira de levar a uma solução bem-sucedida do enorme quebra-cabeça atual.

Não é à toa que onde quer que alguns estejam reunidos na China, o esporte indoor favorito é “salvar a China”. Posteriormente, simultâneo ou em diferentes ocasiões, toda a gama, do otimismo ao pessimismo, foi atingida. Os sinceros desistiram disso como um problema muito além do tamanho de seus intelectos: “Se isto” e “Se isso” são a última palavra.

Muitos têm o seu "se s" favorito: se havia um governo central forte que nunca existiu, mesmo nos dias absolutistas; se houvesse funcionários honestos que remetessem ao mítico (Jays de Yao e Shim, e agora um novo "se"). Os estudantes pestilentos que retornassem deixariam de se preocupar e a administração financeira da China poderia ser reorganizada pelos novos Sir Robert Harts¹⁶ e Sir Richard Danes¹⁷, tudo ficaria bem.

Contudo, a tarefa de reorganização, transformação, união do antigo e do novo é tão vasta e assustadora em sua complexidade, que qualquer previsão geral do futuro ou simples remédios a serem adotados valem o papel em que estão escritos. São poucas as coisas que são certas, O fracasso ou

¹⁶Sir Robert Hart, primeiro baronete, GCMG foi um diplomata britânico e funcionário do governo chinês Qing, servindo como segundo inspetor-geral do serviço alfandegário marítimo imperial da China de 1863 a 1911. Nascimento: 20 de fevereiro de 1835, Condado de Armagh, Reino Unido. Falecimento: 20 de setembro de 1911, Marlow, Reino Unido. Nota do Tradutor

¹⁷Sir Richard Morris Dane KCIE era um administrador britânico na Índia e na China. Nascimento: 21 de maio de 1854, Moulmein, Myanmar (Birmânia) Falecimento: 1940. Nota do tradutor.

o sucesso trarão grandes consequências para o resto do mundo, e ninguém pode se dar ao luxo de ser indiferente.

Visando um fim comum, um grande número de empresas e experimentos específicos terá que ser realizado. Não há situação no mundo mais calculada para justificar a desconfiança de panaceias e remédios por atacado. Os movimentos a serem feitos são de todos os tipos. Muitas são mudanças externas, técnicas, na administração, adoção de formas modernas de gerenciar negócios. Em certos momentos de depressão, pode-se imaginar o enorme benefício que resultaria de uma simples consideração pela aritmética e pelos modernos sistemas de contabilidade e auditoria. Mesmo que a China supere o Japão alugando partes do seu território, ocorrerão mudanças de pensamento, crença e de visão do mundo. Uma nova mentalidade será criada. E o resultado permanente mais importante de todas as mudanças administrativas externas, seja no governo ou na indústria, será seu efeito na criação de uma nova forma de pensar e um novo moral.

II

Entre as mudanças externas necessárias estão as finanças públicas. Graças à sua própria ineptidão, combinada com a ganância de algumas nações estrangeiras e a estupidez de outras, o governo da China depende desesperadamente de empréstimos estrangeiros. Na China, há riqueza em alguns trimestres. Mas a segurança interna é tão fraca que os comerciantes não investem seu dinheiro a menos que esteja sob a proteção de governos estrangeiros. E as autori-

dades ricas não investirão porque obtêm suas riquezas investindo empréstimos estrangeiros em seus próprios bolsos.

O controle internacional é necessário não apenas como um meio de garantir o capital chinês para a China, mas também como a única coisa que impedirá a maior desintegração do país por um sistema de concessões e esferas de influência e o penhor de recursos naturais para esta ou aquela nação. Nenhum observador sem preconceitos tem alguma dúvida sobre esses fatos.

Mesmo superficialmente, não faz sentido considerar esse plano de garantir o controle internacional das finanças como antagônico às tendências representadas pelo movimento estudantil na China. Pelo contrário, os líderes do plano, desde que realmente atraídos pelo interesse do desenvolvimento chinês, e não de financiadores estrangeiros, devem vir desse movimento. O Sr. Lamont, que provavelmente está tão interessado no sucesso do Consórcio quanto o Sr. Bland, achou que vale a pena, quando estiver na China, dar muitas horas aos estudantes e seus líderes entre os professores, a fim de remover equívocos e alistar cooperação.

É uma honestidade comum dizer, no entanto, que ainda há muito ceticismo na China sobre todo o esquema. Mas qualquer pessoa justa também reconhecerá que o histórico anterior das transações financeiras da China com banqueiros estrangeiros é propício à atitude do Missouri. A negação do Sr. Eland de qualquer influência japonesa ou viés em seus escritos recentes deve ser aceita em seu valor total. Mas, atribuir a oposição chinesa ao Consórcio e o movimento estudantil e passar em silêncio a extraordinária campanha realizada na China pelas agências japonesas, aliada aos políti-

cos e jornais locais chineses, ainda em novembro de 1920, é precisamente o tipo de coisa que desperta suspeitas. A declaração do Sr. Lament sobre a natureza da propaganda contra o Consórcio é muito ampla e explícita para deixar qualquer dúvida sobre onde está a responsabilidade.

Que não haja erro sobre uma coisa. As acusações de corrupção e intrigas que Bland faz contra os políticos chineses e as declarações que ele faz sobre o caráter estritamente faccional dos conflitos civis na China, a ausência de princípios subjacentes, a ganância por lugar e poder, de fato, por dinheiro são os principais problemas, os chavões da situação. Se ele tivesse ficado mais de algumas semanas em sua viagem apressada por algumas cidades da costa, ele poderia ter encontrado material para uma imagem muito mais opressiva e desanimadora do que pintou.

Nos círculos oficiais, a situação atual referente à terrível fome, por exemplo, é doentia além da medida. A indiferença e a apatia se juntaram para espremer a intriga por posição e prestígio combinada com o aproveitamento e a exploração dos famintos, da tomada de terras de camponeses honestos e industriais, por oficiais de coração amargo, recusa, com o argumento de que soldados inúteis devem ser transferidos para transportar grãos fornecidos por filantropos, esses são alguns dos fatos destacados. A questão não é sobre os fatos, mas sobre sua causa e remédio.

Mesmo Bland não pode deixar de reconhecer que tudo isso está de acordo com as tradições da autoridade chinesa. Se as coisas estão piores do que nos dias ruins dos Manchus, ou apenas tão ruins quanto as coisas eram na época, é impossível dizer dogmaticamente. Muitos os acham pio-

res. Outros pensam que a aparência de um mal maior se deve ao fato de que algum grau de publicidade invadiu a China e a fossa agitada espalha mais odores desagradáveis. Em muitos aspectos, no entanto, as condições modernas de negócios oferecem novas oportunidades, e o funcionário não é mais lento para aproveitar novas chances do que tirar proveito de fontes antigas. O fato é que o estado das coisas é tão ruim que é difícil imaginá-lo pior.

Constitui uma parte considerável do problema de reorganização, de transformação do antigo para o novo, ao qual foi feita referência. É um exemplo impressionante do que pode acontecer quando a Velha China é projetada para uma situação não produzida pelos próprios chineses, mas pelas novas forças mundiais que tomaram o país desprevenido e despreparado. Antigamente, intrigas e corrupções afetavam apenas internamente. Agora colocam em risco seu ser nacional, como é evidenciado pelo registro de US\$ 200.000.000 emprestados do Japão por políticos venais em dois anos, sem nenhum valor público recebido, e com a perda de imensos recursos hipotecados em troca. Mas a questão é que esse mal se deve à China antiga, e não à nova. A China antiga se afunda sem qualquer vergonha no vale de novas oportunidades.

Tudo o que foi dito sobre o efeito da má administração financeira é pequeno. A perda de receitas públicas é grave em si mesma. Contudo, esse é um mal moderado, comparado ao ato de vender ou doar os recursos naturais a estrangeiros que têm projetos políticos e econômicos na China. E foi isso que aconteceu com os auspícios diretos dos seguidores, discípulos e tenentes do falecido Yuan Shi-kai, que

“são os mais fortes, capazes e sábios” dos recentes estadistas chineses! É moderado em comparação com o retardo do desenvolvimento da indústria legítima e do comércio ferroviário devido à cobrança de funcionários irresponsáveis. A busca de mais milhões é moderada em comparação com a disseminação da corrupção da classe oficial para a classe mercantil, que tem relações com o governo e está sendo infectada pela ganância por dinheiro e inescrupulosidade. Um mal tão sério que pode, se continuar, esvaziar de significado do velho ditado sobre a palavra do chinês ser tão boa quanto seu vínculo. O desenvolvimento, como auxílio na obtenção de dinheiro, de uma vasta horda de soldados indisciplinados e ociosos, engajados em saques, privando grandes seções ao norte do trabalho agrícola necessário, espalhando doenças cerebrais onde quer que vão, mudando-se a cada instante, de soldados para bandidos e vice-versa.

Nenhuma pessoa inteligente na China acredita que a reforma na administração financeira venha de dentro. Algum tipo de controle financeiro internacional das finanças não é apenas uma necessidade financeira, mas uma necessidade política, industrial e moral. Nenhum liberal verdadeiro na América se oporá ao esquema em si. Mas, se for sábio, ele examinará seus termos com mais cuidado e insistirá na verdadeira justiça e honestidade.

Um recente ministro das Finanças pediu dinheiro emprestado pouco antes do dia da liquidação. O crédito já era ruim o suficiente, sabe o céu! Mas o ministro e seus amigos instituíram bancos, dos quais emprestar dinheiro a oitenta por cento para pagar juros sobre o que haviam roubado anteriormente. Depois, para garantir que os juros continuassem

sendo pagos, venderam as notas para um banco estrangeiro (não japonês) que possui apoio governamental estrangeiro. O incidente ilustra a necessidade de supervisão financeira. Mas também indica que os financiadores estrangeiros não são à prova de participar de transações obscuras quando o lucro é bom.

III

É significativo as leves acusações que Bland contra o movimento estudantil. O oficialismo sabia do que se tratava. Sabia que o movimento patriótico era dirigido principalmente contra ele. Também conhecia todos os recursos do político chinês inteligente na circulação de relatórios para desacreditar a ameaça potencial ao seu controle corrupto. Bland não foi o único estrangeiro a aceitar esses relatórios pelo seu valor nominal. Apesar de seu evidente conhecimento de sua corrupção e absoluta falta de confiabilidade, ele acreditava nelas porque se encaixavam em seus preconceitos antecedentes. Embora esse novo movimento tenha vindo de estudantes que nunca haviam saído da China, o conhecimento do Sr. Eland com a situação era tão superficial que ele identificou o novo movimento estudantil com algo retornado que ele conhecia e amaldiçoara. Por isso, ele foi vítima fácil das próprias artimanhas que tão profusamente expõe em outras ocasiões.

E, nesse contexto, pode não ser adequado afirmar a verdadeira origem do termo “China Jovem”. O partido da China Jovem foi conscientemente modelado após o partido da Itália jovem de Mazzini. Enquanto isso se esforçava para

criar uma Nova Itália, assim os que se uniram ao grito da “China Jovem” afirmaram, não há existência da China Jovem, mas a necessidade de rejuvenescer a China Antiga, sob pena da própria China desaparecer. E embora ainda não tenham conseguido seus esforços, todos os dias deixa claro que diagnosticaram o caso corretamente.

A falta de familiaridade de Eland com o novo movimento estudantil pode ser medida pelo fato de ele dizer que “a indignação da China Jovem ainda não foi publicamente dirigida contra a crescente rapidez das autoridades metropolitanas e provinciais”. De fato, o atual movimento estudantil começou em 4 de maio do ano passado com precisamente um protesto contra esses funcionários e terminou com a demissão do gabinete de três de seus membros mais corruptos. Teria ido mais longe se a força militar de Pequim e de outros lugares, tanto provinciais quanto metropolitanos, não tivesse lotado prisões com estudantes, fechado seus escritórios com força brutal, espionado em todas as suas atividades, preenchido suas fileiras com agentes provocadores e subornado livremente os mais fracos entre eles. A história que Bland cita com muito prazer de US\$ 200.000 dados por um grupo de políticos à União dos Estudantes de Tientsin para ajudá-los em seu movimento contra funcionários de Pequim pelo menos prova que ele estava certo ao afirmar que os estudantes nunca se voltaram sobre seus próprios funcionários. Mas, na verdade, essa é apenas uma das histórias que foram divulgadas pelas autoridades no poder para desacreditar o movimento. “A evidência documental”, ao contrário que Bland viu, foi forjada por essa multidão como parte de seu jogo. Isso não significa que os políticos de fora não tentaram usar

o movimento, ou que os estudantes não cometeram erros ou estavam totalmente livres de elementos corruptos. Mas, no geral, considerando a inexperiência dos envolvidos, o movimento foi surpreendentemente bem administrado e mostrou um poder de organização que augura bem para o futuro.

Esses fatos são pertinentes à situação prática. Em auxílio ao Consórcio, bem como a outras reformas, os estudantes devem ser alistados contra a resistência, ativa e (ainda mais perigosa) passiva, da autoridade. Seu patriotismo é facilmente despertado para assumir uma forma negativa, especialmente em vista da carreira predatória das potências estrangeiras na China no passado. Mas eles são a única classe autoconsciente da China totalmente desperta para os males que decorrem do recente sistema de “governo”.

Eles são os inimigos, naturais e declarados, dos oficiais existentes e dos possíveis candidatos. Eles viram autoridades chinesas antes dessa época tirar vantagem, em detrimento do país, da cupidez de estrangeiros, de sua ignorância e desejo de resultados imediatos. Eles viram profissões estrangeiras altamente desinteressadas usadas no passado como mantos para violações violentas dos recursos e soberania chineses. Eles estão naturalmente apreensivos para que nenhum novo esquema seja manipulado pelas autoridades (cujos truques entendem melhor do que qualquer estrangeiro os entende) em novos meios de confirmar seu poder e riqueza e, ao mesmo tempo, aumentar a escravidão da China.

Mas também sabem o quão desesperada é a situação e, acreditam na supremacia da liderança americana em relação à de outras potências estrangeiras. O que temem é que, como em alguns casos anteriores, a energia e a inteligência

americanas não sejam, quando se trata de execução, iguais às boas intenções americanas. Eles temem que a liderança americana seja nominal e não eficaz; que algo será “adiado” pelas ideias e esforços americanos combinados às autoridades corruptas chinesas. Portanto, é uma característica prática na situação em que se esforçam, não apenas que as ideias americanas realmente governem o consórcio, mas que sejam feitos todos os esforços para deixar claro aos líderes intelectuais da opinião pública que esse é o fato. O mal de tais manifestações, como as do Sr. Bland, é que elas ocultam esse fato e, confiando apenas no elemento que não pode ser confiável e alienando o único elemento que pode ser empregado para desenvolver uma opinião pública compreensiva na China, prejudicam o sucesso de todo o movimento. O crescente apoio da opinião pública é essencial para que uma reforma seja mais do que superficial e externa.

Contudo, embora a reforma da administração financeira seja indispensável e possa ser garantida apenas pelo controle estrangeiro por um período de anos, é apenas um dos muitos fatores na mudança da Antiga China para uma China adaptada às condições modernas. A China Nova não é um modismo ou dispositivo de alguns entusiastas pela metade. É uma necessidade, a menos que a China apodreça e que sua carcaça apodrecida se torne no final uma ameaça à paz do mundo. A noção de que, pela simples introdução da economia ocidental, a China pode ser “salva”, enquanto mantém a antiga moralidade, o antigo conjunto de ideias, o antigo confucionismo ou em que genuíno confucionismo foi petrificado e o antigo sistema familiar, é o mais utópico dos idealismos sentimentais.

A reforma econômica e financeira, a menos que seja acompanhada pelo crescimento de novos ideais de cultura, ética e vida familiar (que instituem o significado real do chamado movimento estudantil de hoje), apenas mudará os pontos doloridos. Isso remediará alguns males e criará outros. Tomada por si só, é uma medida prática valiosa. Mas é o cúmulo do absurdo usá-lo como um bastão para vencer as aspirações de homens e mulheres, velhos e jovens, por novas crenças, ideias, métodos de pensamento, ciências sociais e naturais, enfim, para uma nova e jovem China.

Anos atrás, muitos chineses pensaram sinceramente que os males dos quais a China sofria e os perigos que a ameaçavam eram devidos ao regime de Manchu e seriam remediados com a introdução de uma forma republicana de governo. Alguns sem dúvida favoreceram a mudança de motivos de interesse próprio. Se não houvesse, os chineses são mais diferentes dos ocidentais do que acredito. Mas, a massa de republicanos era uma crença sincera, nascida da esperança e da inexperiência. Provavelmente ainda mais numerosos agora do que o eram nos velhos tempos, são aqueles que pensam que os males existentes são devidos à República e que gostariam de retornar à monarquia, assim como grandes números, vinte anos atrás, pensavam que a remoção do estrangeiro curaria todos os males e assim experimentou a panaceia Boxer. Se for feita uma tentativa de restaurar a monarquia, eles serão desiludidos, como outros foram de suas panaceias. Mas o que diremos de um ocidental experiente que ainda procura a cura para todos e que diz: “Introduzir o controle internacional estrangeiro das finanças, e tudo ficará

bem”? Não é de surpreender que alguém seja cético em relação ao valor da educação estrangeira.

Existe na China uma considerável classe de estrangeiros, especialmente nos centros esportivos e políticos, que são francamente apegados à China Antiga. Os motivos são complexos. Em parte, eles percebem suas virtudes e, em outra parte, subconscientemente confiam em suas fraquezas para servir seu próprio conforto e conveniência. Essas pessoas geralmente depreciam os esforços de missionários e educadores estrangeiros, não geralmente porque são teoricamente opostas ao cristianismo, mas porque a introdução de novas ideias é perturbadora para o que estimam e lucram. Eles também veem novos males chegando à China e uma deterioração de algumas de suas antigas virtudes. Não tendo compreensão social e histórica suficiente para rastrear essas mudanças até sua origem e ver como são inevitáveis em um período de transição social, atribuem toda a desintegração à influência de ideias e aprendizagens estrangeiras, introduzidas por missionários e estudantes retornados.

Deixem a Velha China em paz cultural e moral, dizem com efeito. Tinha seus vícios, mas suas virtudes estáveis e, se o joio for arrancado, o grão também será destruído. Mude a China apenas de maneiras comerciais e materiais. Ofereça o benefício de ferrovias, usinas, telégrafos, moeda reformada, boa administração financeira; dê-lhe a técnica externa da civilização ocidental livre de perturbar a cultura ocidental, e tudo ficará bem.

Essa visão, amplamente atual, é tão superficial quanto plausível. Não vale a pena discutir se uma mudança meramente industrial é desejável, pois é impossível. Mesmo que

fosse abstratamente desejável, é sentimentalmente utópico, apesar de sua lealdade declarada a fatos concretos dos negócios. O que realmente está minando o sistema familiar que foi a base da Antiga China? Os ensinamentos dos alunos retornados? O desejo de um pequeno número de selecionar seus próprios companheiros de vida, quebrando assim a autoridade dos pais; ter educado as mulheres como esposas, revolucionando assim a China mudando o status tradicional das mulheres? Não. Essas coisas são, no máximo, sintomas, não causas. A causa real são precisamente os métodos modernos nascidos da revolução industrial que observadores tímidos introduziriam enquanto sonham em deixar inalteradas as antigas instituições. A ferrovia e o sistema fabril estão prejudicando o sistema familiar. Eles continuarão a fazê-lo, mesmo que todo aluno faça o voto de silêncio eterno.

Aqui está uma vila na província de Chekiang, real, e não imaginária. Por trinta gerações, as mesmas famílias viveram e morreram lá. Elas têm sido os principais espíritos na manutenção da armação, indústria e ordem social e paz. A cidade era um centro de estudiosos e literatos do tipo antigo, digno e descontraído. Havia pouca pobreza e muita prosperidade. Agora, os lares e templos ancestrais estão em estado de decadência. Os líderes, cuja presença garantiu luz, ordem e bem-estar, não estão lá. A agricultura é degenerante. Toda a educação retrocedeu em qualidade e quantidade. As classes mais baixas são mais inquietas e desordenadas, além de mais pobres do que costumavam ser. A influência dos alunos retornados? Precisamente tanto e tão pouco quanto é uma deterioração um tanto semelhante em partes da Nova Inglaterra.

A cidade não tem ferrovias nem fábricas. Mas não fica longe de Hangchow e de Xangai. Os homens mais abertos e mais empreendedores, representantes da solidariedade do antigo sistema familiar, se mudaram para lugares onde há mais vida e oportunidade. Este em Pequim, aquele em Xangai, o outro em Hangchow. Alguns são professores; outros trabalham em bancos; alguns estão interessados no comércio exterior, outros no desenvolvimento de usinas de algodão. Eles estão adotando novas profissões, estabelecendo novos relacionamentos, formando novas famílias em novos lugares.

É difícil ser paciente com a noção de que a revolução industrial pode ocorrer na China sem exercer exatamente as mudanças políticas, morais, domésticas e intelectuais de longo alcance que ocorreu na Europa. A Europa teve seu século XVIII de “iluminação”, seu ataque ao antigo, seu pensamento e ação subversivos. E a China está começando a ter seu século de mudança, envolvendo destruição, até de coisas boas, bem como a introdução de coisas novas e boas. Como devemos considerar os homens que, diante dessa transformação inevitável, conseguem pensar apenas em alguns indivíduos e que atribuem toda a culpa às crenças e atividades pessoais desses poucos?

Mesmo o maior reacionário mal pode esperar introduzir a ferrovia e a técnica mecânica da indústria moderna e, ao mesmo tempo, impedir a introdução de ideias e métodos científicos. Algumas semanas atrás, houve um eclipse total da lua. Foi decorada com a saudação habitual de gongos e foguetes para impedir que o cão avidamente engolisse a lua. Qual é a atitude dos meninos e meninas pequenos que estudaram até a geografia elementar em relação às atividades

dos mais velhos? Eles são jovens normais o suficiente para apreciar a raquete, mas dificilmente aprendem com a cerimônia o respeito pela inteligência e pelas crenças de seus ancestrais. O menino aprende um pouco sobre química elementar, se não na escola, depois na loja moderna. Sua crença em fantasmas, emocional e intelectualmente associada à sua adoração ancestral, é certamente modificada e, com sua modificação, adota menos rigorosa aderência ao código moral tradicional.

Essas coisas são rudimentares. Mas eles influenciam não apenas todo o tópico do chamado movimento estudantil, mas também detalhes tão práticos quanto o controle financeiro estrangeiro. Não é necessário tentar avaliar os respectivos benefícios e males das mudanças que estão ocorrendo. Basta que haja males e perigos que acompanham a transição, com o relaxamento de velhas disciplinas e códigos. Se os esquemas de reforma forem limitados a medidas financeiras e econômicas, esses males e perigos só poderão ser aumentados. Eles podem ser remediados e o equilíbrio cairá fortemente ao lado de um progresso genuíno, apenas quando a reforma financeira for acompanhada de uma renovação intelectual e cultural como a mentira próxima ao coração do movimento estudantil na China.

A reorganização financeira, sob controle internacional, economizará enormes somas de dinheiro. Esses recursos serão destinados principalmente a ferrovias e rodovias, além de fábricas. É preciso um otimista impensado para imaginar que, em conjunto com os benefícios indiscutíveis, não haverá disseminação de novos males, nem afrouxamento adicional de velhos laços. Somente uma ópera cômica pode fazer

justiça ao tema daqueles que dizem “Restaurar a China Antiga” e, quando perguntados como isso deve ser feito, responder: “Construindo ferrovias e introduzindo fábricas”. A decadência do sistema familiar tradicional com as fábricas, a moralidade sexual vai piorar. O respeito pelos velhos e pelos costumes diminuirá. O amor ao dinheiro terá novas oportunidades de expressão. Os homens perderão a principal restrição moral antiga, que veio da vida inteira. Vivendo na presença imediata de membros da família e do clã, aos quais todos os atos pessoais eram públicos e que exerciam pressão incessante de aprovação e reprovação. As dificuldades trabalhistas aumentarão. O trabalho infantil já está aumentando e a retirada de mulheres de casa. Trabalhadores e empregadores tradicionalmente em estreito contato pessoal serão separados e divididos em pensamentos e sentimentos. Todas essas coisas certamente virão com controle internacional eficaz e reforma da administração financeira e o consequente desvio de fundos para novos meios de comunicação e produção.

Esses novos males, com certeza, não impedem novos grandes benefícios ou fornecem motivos para relaxar os esforços de reforma financeira. Mas eles sugerem a total ineptidão de esquemas que dependem totalmente de medidas de reforma financeira, mesmo admitindo que são realizados com completa sabedoria, desinteresse e honestidade, como é claro que não serão. Eles indicam que os líderes do novo movimento cultural na China, interessados em transformações sociais, domésticas e intelectuais, são mais sábios, no meio de toda a sua confusão, incerteza e inevitável confusão, do que os críticos estrangeiros que os aconselham a deixar a

Velha China moral e culturalmente e dedicar suas energias a melhorias técnicas.

A NOVA CULTURA CHINESA¹⁸

I

Um amigo chinês, a quem devo tanto que seria justificado em me prender por roubo intelectual, resumiu para mim os estágios da influência estrangeira na China. A princípio, pensava-se que novos dispositivos militares fossem o segredo do poder ocidental.

Segundo a tradição, as divindades anteriores haviam chegado à China carregadas pelas ondas ou montadas em um cavalo-branco. Alguma divindade deve estar associada a todo poder organizado; e agora “Cristo estava andando de bala de canhão” para a China. Esta não é uma frase literária; era a crença literal do homem comum. Então um arsenal foi construído em Xangai e depois canhoneiras. As armas não disparavam ou explodiam. Os homens de guerra foram afundados pela marinha japonesa na Guerra Chino-Japonesa.

Então, a fraqueza da China foi atribuída à sua forma de governo ultrapassada. A reforma viria por meios políticos. Uma república deveria ser construída em vez de uma marinha, tão facilmente e em tão pouco tempo. Mas a república também não saiu.

Nesse período, alguns estrangeiros se decidiram sobre as ideias chinesas de reforma e nunca mais mudaram de ideia. Eles rotularam esse movimento político de “China Jovem” e continuaram ali. Enquanto isso, o pensamento da

¹⁸Da Ásia; Julho de 1921

China mudou; os representantes desse movimento e seus sucessores agora são quase como lembretes fósseis de um tempo antigo. O período está a apenas dez anos, mas os pensamentos, se não as coisas, mudam com tanta rapidez na China que é difícil acompanhar e, infelizmente, muitos estrangeiros fazem pouco esforço para fazê-lo.

O terceiro período é o de confiar em melhorias técnicas. Afinal, a artilharia e o equipamento naval do Ocidente são devidos à ciência aplicada, à engenharia. Assim, pensava-se que a característica distintiva da civilização ocidental, a ser imitada, não era militar nem política, mas econômica. Engenheiros civis e mecânicos deveriam ser os salvadores do país. Ferrovias, fábricas, vapor e eletricidade permitiriam ao país antigo competir com novas nações em condições uniformes. Mas, de alguma forma, esse movimento se deparou com todo tipo de obstáculos; o progresso foi lento; trouxe novos perigos e males.

Logo, houve uma onda de reforma moral. Milhares de sociedades foram organizadas para a cura disso, daquilo e do outro mal. Era a época das sociedades anti-atadas aos pés, dos movimentos antiópio, das associações antijogo, da remodelação do antigo sistema educacional e assim por diante. Embora a influência cristã tenha contribuído para o início dessas reformas, elas foram realizadas principalmente em um reavivamento confucionista.

Então veio a convicção de que as ideias subjacentes deveriam ser mudadas, que a democracia era uma questão de crenças, de perspectivas sobre a vida, de hábitos mentais, e não apenas uma questão de formas de governo. A democracia claramente exigia educação universal, a extensão das

escolas para todas as pessoas e uma mudança do aprendizado literário para algo relacionado à ação cívica e social. Era a tradição que o que foi escrito deve ser escrito no vocabulário, formas e expressões estimadas de centenas de anos atrás, em um idioma que tem pouca relação com o idioma falado atualmente. Mas o povo nunca poderia ser alcançado até que a linguagem escrita fosse simplificada e tornada mais acessível. E a linguagem da fala também deve ser usada na escrita para que as ideias modernas possam ter expressão adequada. Um estudioso da velha escola comentou comigo em Hangchow, um centro da cultura antiga, que ninguém sabia quantas ideias valiosas haviam sido perdidas na China nos últimos cem anos porque aqueles que as pensavam não poderiam torná-las conhecidas, por falta de domínio da escrita. Então, surgiu, há cerca de dois anos, a chamada revolução literária, uma tentativa de escrever e publicar no vernáculo e também de familiarizar os leitores chineses com o que é distinto na tendência da literatura ocidental moderna, de verso livre a Thomas Hardy, Bernard Shaw, Ibsen e Maeterlinck. Conheço uma escola que criticou seu professor de literatura estrangeiro como não atualizado, porque usou Shakespeare e Dickens enquanto eles queriam H. G. Wells e Strindberg! Eles até sugeriram que ele tirasse férias, fosse para casa e os alcançasse! Diziam que ele se tornara "China-fied"¹⁹ e conservador.

A questão do conteúdo, das ideias, logo se tornou mais importante do que a linguagem e o estilo. As novas ideias foram voltadas contra instituições antigas. O sistema familiar foi alvo de críticas completas, e isso não apenas do

¹⁹Tira gosto chinês, algo sem importância.

ponto de vista da ideia ocidental tradicional da vida familiar, mas também da Casa da Boneca e do pensamento radical ocidental mais avançado. Literatura socialista, anarquismo, Marx e Kropotkin corriam como fogo selvagem através dos círculos de leitura. Tolstoi se tornou talvez o mais lido dos escritores estrangeiros. Assim, desenvolveu-se uma nova fórmula: a China não poderia ser mudada sem uma transformação social baseada em uma transformação de ideias. A revolução política foi um fracasso, porque era externa, formal, tocando o mecanismo da ação social, mas não afetando as concepções de vida, que realmente controlam a sociedade.

E agora há sinais de que a próxima etapa será um interesse no método científico. Reconhece-se que a tecnologia e outros ramos da ciência aplicada dependem da ciência como método de pensamento, observação, registro, crítica, experimento, julgamento e raciocínio. A ideia está ganhando terreno que a real supremacia do Ocidente se baseia, não em algo especificamente ocidental, para ser emprestada e imitada, mas em algo universal, um método de investigação e teste de conhecimento, que o Ocidente encontrou e usou alguns séculos antes do Oriente.

Essas últimas ideias estão subjacentes ao que pode ser traduzido literalmente dos chineses como “o novo movimento cultural”. Concreta e praticamente, está associada à revolta estudantil que começou em 4 de maio de 1919. Alguns estrangeiros pensam nela como simplesmente uma nova forma de movimento político. Eles foram encorajados nessa crença pelos políticos chineses e pelos conservadores, muitos dos quais, sem dúvida, acreditavam que era um mo-

vimento puramente político. Qualquer coisa de natureza cultural e social está muito longe de suas próprias vidas e pensada para ser concebível. Mas, embora dirigisse suas manifestações exteriores contra um grupo de políticos corruptos, e fosse estimulado pelo fracasso das reivindicações chinesas em Versalhes, por conta dos compromissos assumidos por esses políticos, pelo valor recebido pelos japoneses, foi ainda mais profundo aspecto: um protesto contra todos os políticos e contra toda a dependência adicional da política como um meio direto de reforma social. Os professores e escritores que estão guiando o movimento não perdem a oportunidade de ensinar que a regeneração da China deve acontecer por outros meios, que nenhuma reforma política fundamental é agora possível na China e que, quando vier, virá como fruto natural da China. Mudanças intelectuais funcionaram de maneiras sociais, não políticas. E a grande massa do corpo estudentil nas escolas superiores da China está virtualmente comprometida com a abstinência da vida oficial. Sem dúvida, muitos cairão no caminho no futuro. Eles não serão capazes de resistir à atração de uma vida fácil e de poder. Mas o viés antipolítico está bem estabelecido.

II

Esse esboço, apressado e superficial, sugere vários comentários. Em primeiro lugar, o movimento, embora instigado por contatos estrangeiros, que é apenas para dizer, afinal, por contatos com o mundo distintamente moderno, tornou-se cada vez mais característico chinês. O movimento de 4 de maio foi realizado diretamente pelos estudantes chineses,

não apenas sem a instigação dos estudantes retornados, mas contra seus conselhos. Foi espontâneo e nativo. O movimento por uma reforma da língua dificilmente teria sido iniciado sem influência estrangeira, mas é naturalmente um movimento conduzido pelos chineses, com fins especificamente chineses, e sem precedentes na história chinesa. O movimento subsidiário em direção ao roteiro fonético tem sido amplamente incentivado pelos missionários, e assim se ouve mais nos jornais ocidentais. Mesmo o movimento antipolítico, a crença de que a reforma está condicionada a mudanças científicas e sociais, é de certa forma um retorno aos modos de pensar chineses, uma recuperação de uma antiga ideia chinesa, além de uma afirmação de que o poder dessa ideia não era exausto e encerrado pelo confucionismo. Agora, ele deve ser trabalhado em adaptação a novas condições, mesmo que envolva a derrubada de formas confucionistas de crença e conduta. Outra característica óbvia da evolução é que ela mostra um progresso constante do superficial ao fundamental.

Os comentários que acabamos de fazer levam o movimento da melhor forma possível, em seu espírito. Do ponto de vista dos resultados alcançados concretamente, envolvem uma idealização indiscutível de seu desenvolvimento. Cada estágio antigo deixou para trás um depósito, uma estratificação. "China Jovem" é, na melhor das hipóteses, um termo ambíguo. Ele se agrupa em uma única massa representante de cada uma das fases descritas militar, política, econômica, tecnológica, ética, literária, social, etc. Ao selecionar certos indivíduos de cada um desses estratos, é possível, com algum grau de verdade, trazer quase qualquer acusação contra

a "China Jovem". Naturalmente, em outras palavras, há confusão, incerteza, crítica mútua e hostilidade entre as várias tendências. A maioria dos estudantes retornados de alguns anos atrás se opõe ao atual movimento antipolítico e à revolução literária. Muitos ainda estão em um estágio nacionalista em que confiam em alguma mudança a ser realizada milagrosamente no exército e no governo. Há mais distintamente no estágio técnico, acreditando que, se pudessem conseguir os trabalhos de engenharia para os quais se treinaram, a China começaria a se mover como seria, sem dúvida, até certo ponto.

Mais uma discriminação deve ser feita. Embora japoneses cultivados e políticos como o marquês Okuma tenham proclamado o direito e o dever do Japão de liderar a China, como o mediador na introdução da cultura ocidental na Ásia (incluindo a Índia, em que consideram os ingleses como intrusos alienígenas), poucos americanos levaram a sério a dependência da China e do Japão dessa maneira. Vi livros sobre o desenvolvimento da educação chinesa moderna que não mencionam o Japão, que atribuem a renovação do sistema chinês à influência americana e que deixam a impressão de que ele é modelado no sistema escolar americano comum. De fato, ele é modelado administrativamente totalmente após o sistema japonês, que, até onde a influência ocidental entra, é baseado no sistema alemão, com fatores emprestados da centralização francesa. Eu visitei nove províncias e vi os líderes educacionais nas capitais onde as escolas superiores estão concentradas. Existem apenas duas cidades, Pequim e Nanquim, onde, nas escolas do governo, a influência ocidental direta começa a se aproximar dos japone-

ses, seja em métodos ou em pessoal. Falar sobre os alunos retornados e não discriminar entre os do Japão e os da Europa e América é confundir tudo o que foi tocado pela discussão.

Isso não é dito como forma de crítica aos estudantes retornados treinados no Japão. Acredito que, apesar da rivalidade muito amarga entre eles e outros estudantes chineses educados no exterior (em parte uma questão sempre presente da questão “tigela de arroz”), a grande massa de estudantes treinados no Japão está fazendo o melhor que pode, de acordo com a luz deles, para a China. As exceções são enormes, pois incluem alguns dos políticos e militares que fizeram o pior nos últimos anos pela China e que provocaram grande parte da condenação universal atual do Japão e coisas japonesas.

O ponto é que as ideias ocidentais do próprio Ocidente e o Japão são duas coisas tão diferentes que só ocorre confusão quando os representantes de ambas as escolas são reunidos, como Bland constantemente os combina, sob o nome de “China Jovem”.

A derrota da Rússia pelo Japão criou uma moda para o Japão que nenhum país ocidental jamais começou a tocar. Ali estava outra nação oriental, usando caracteres chineses e derivando sua civilização da China, que havia conquistado o temido inimigo, o Ocidente, na pessoa da poderosa Rússia. Não é de admirar que milhares de pessoas tenham ido ao Japão para estudar e a maioria dos reformadores tirou seus modelos deste país. De longe, o maior número de líderes revolucionários que formaram a República eram japoneses ou viveram no Japão como refugiados e absorveram sua cultu-

ra, pois nunca assimilaram a do Ocidente. A dinastia Manchú estava condenada em qualquer caso. Cinquenta anos antes da Revolução, a rebelião de Taiping provavelmente acabaria com ela, se a ajuda externa não tivesse chegado ao apoio do trono. A causa direta de sua queda final foi a derrota da Rússia pelo Japão. O paralelo histórico é a derrubada do xogunato de Tokugawa no Japão e a restauração imperial. Por um acidente, historicamente falando, a mudança na China ocorreu em uma república. Seu principal objetivo, além de se livrar de uma dinastia estrangeira, era modernizar a China como o Japão havia sido modernizado. A “China Jovem” nesse período significava chineses japoneses.

O que os novos líderes trouxeram para a situação foram as ideias ocidentais via utilização japonesa. E isso significava, na verdade, não uma nova cultura, mas uma utilização da técnica ocidental em assuntos militares, tecnológicos e administrativos, no interesse da cultura antiga. Os japoneses ensinaram persistentemente, sem dúvida sinceramente, que a civilização ocidental é essencialmente materialista, enquanto a cultura oriental é idealista e espiritual em bases e objetivos. Eles sustentaram que o Ocidente obteve sua supremacia temporária apenas com artilharia e máquinas. Por isso, deve ser combatido pela adoção de seus próprios dispositivos, enquanto as antigas ideias e ideais orientais são mantidos intactos. A maioria dos chineses que estudaram no Japão retornou à China com essa ideia da natureza materialista e tecnológica da civilização ocidental firmemente fixada em suas cabeças. Ele se encaixava na presunção de sua própria superioridade, tão comum e divertida em todas as relações anteriores do Ocidente com o Oriente. Tudo o que a China pre-

cisava aprender com os Estados Unidos e a Europa era ciência técnica e suas aplicações.

III

A China Jovem "é, portanto, um termo diversificado e fluente. Entre aqueles popularmente rotulados com esse nome pelos escritores ocidentais, em que existem todos os tipos de aspirações contraditórias. Mas, as duas coisas que hoje se destacam como características ativas e dominantes da situação são a necessidade de reforma da cultura como antecedente de outras reformas, e uma tendência para a liderança reverter para aqueles que são distintamente chineses em suas atitudes, em oposição aos que introduziriam e copiaríamos métodos estrangeiros, seja do Ocidente ou do Japão.

Os dois traços parecem contradizer um ao outro. Como a reversão à liderança chinesa pode coincidir com o ataque aos costumes e hábitos mentais chineses? Como isso pode coincidir com uma percepção de que a verdadeira fonte de superioridade ocidental é encontrado, não na técnica externa, mas em questões intelectuais e morais? Bem, a história nunca é lógica e muitos movimentos são praticamente eficazes em proporção à sua inconsistência lógica. Mas, na medida em que existe uma resposta, é encontrado no fato, já mencionado, que a ideia da supremacia dos fatores intelectuais e morais sobre todos os outros é em si uma ideia chinesa nativa. É muito mais chinês do que a ideia de que a salvação pode ser encontrada através da introdução de armas e fábricas e melhorias técnicas administrativas. Implica também que o verdadeiro colapso na vida nacional chinesa é

moral e intelectual. Implica uma demanda por novas formas de pensar. Alguns dos novos líderes podem afirmar que são mais fiéis ao confucionismo em atacá-lo, como geralmente fazem do que outros em se apegar a ele. Para a ideia real, a ideia vital em Confúcio, eles podem dizer, é a crença na primazia das ideias, no conhecimento e na influência da educação para espalhar essas ideias. Mas as ideias que agora são petrificadas no confucionismo não se ajustam às condições modernas. O colapso do nacionalismo chinês é prova de sua ineficácia de acordo com o padrão do próprio confucionismo. E a educação confucionista havia se tornado aristocrática, apenas para poucos. Daí a necessidade de uma nova cultura, na qual o melhor do pensamento ocidental seja adotado livremente, mas adaptado às condições chinesas, empregado como instrumento para a construção de uma cultura chinesa rejuvenescida.

O programa é ambicioso. Pode parecer muito mais pretensioso, muito menos esperançoso do que uma tentativa de emprestar do ocidente emprestar dispositivos específicos do Ocidente. Para muitos estrangeiros, certamente parece um desvio do caminho real da reforma chinesa, que eles consideram a adoção do cristianismo. Mas sua relação com o cristianismo confirma a explicação aqui dada. Alguns de seus líderes são tão não-cristãos quanto anti-confucionistas. Eles não atacam o cristianismo. Eles são meramente indiferentes a isso. Outros, especialmente no trabalho educacional ativo, são cristãos. Mas geralmente descobri que esses homens são profundamente indiferentes não apenas ao cristianismo denominacional e dogmático, mas a tudo, exceto o aspecto social do cristianismo. Eles nem se dão ao trabalho

de se chamar liberais na crença religiosa. Eles abordam o cristianismo de tal ângulo que são indiferentes à distinção entre crença conservadora e liberal. Com efeito, afirmam que pretendem desenvolver um cristianismo distintamente chinês. E embora o movimento em direção a uma Igreja chinesa independente ainda não tenha ido longe, é provável que seja uma grande característica do futuro.

Seria tolice dizer que qualquer grande número de estudantes, professores e professores influenciados pelos novos movimentos culturais estão totalmente conscientes da filosofia subjacente que acaba de ser exposta. Isso ainda está confinado a um pequeno grupo de líderes. O movimento é na maior parte ainda um sentimento em vez de uma ideia. É também acompanhado pelo extravio, indícios e confusão, a mistura não digerida de sabedoria e absurdo que inevitavelmente marca um movimento tão ambicioso em seus estágios iniciais. Ao fazer uma seleção inteligente de extratos dos escritos apresentados em seu nome poderiam facilmente sustentar todo o movimento para ridicularizar, com menos de metade do valor, como uma mistura acrítica e mais ou menos histérica de ideias não relacionadas e peças diversas da ciência e do pensamento ocidental. Ou poderia ser feita uma seleção de escritos que mostrassem ser perigoso para a sociedade, para a paz do mundo. Os escritores japoneses que prestaram atenção a ele o consideraram um radicalismo subversivo e o atribuíram à propaganda bolchevista. Contudo, nas nove províncias que visitei, ainda não encontrei um único vestígio de influência direta da Rússia. Indiretamente, a revolta russa teve uma tremenda influência como fermento, mas muito subordinada à da Guerra Mundial e até as ideias

de democracia e autodeterminação do presidente Wilson. O novo movimento cultural, embora não se importe com o que é educadamente chamado de república na China atual, é entusiasmado com os ideais democráticos e começa com a premissa de que a democracia deve ser realizada na educação e na indústria antes que possa ser politicamente realizada. Para o bolchevismo, no sentido técnico, não há preparação nem aptidão na China. Mas é concebível que o desregramento militar, a opressão e a corrupção se continuarem até tocarem diretamente os camponeses, produzam um caos de rebelião que os adeptos da ordem existente certamente rotularão de bolchevismo.

Seria tolice dizer que qualquer grande número de alunos e professores influenciados pelos novos movimentos de cultura é totalmente consciente da filosofia subjacente que tem sido exposta. Isto se limita ainda a um pequeno grupo de líderes. A maior parte do movimento ainda é um sentimento, em vez de uma ideia. Também é acompanhado pelas extravagâncias e confusões, a mistura não digerida de sabedoria e tolice que inevitavelmente marcam um movimento tão ambicioso em seus estágios iniciais. Fazendo uma seleção inteligente de extratos das obras apresentadas em seu nome, poderia facilmente esperar todo o movimento ao ridículo, como menor do que meia-boca, como uma mistura mais ou menos histórica e acrítica de ideias independentes e diversos pedaços de ciência ocidental e o pensamento. Ou uma seleção de escritos poderia ser feita para mostrar que é perigoso para a sociedade, para a paz no mundo. Escritores japoneses que têm dado atenção a ele principalmente para segurá-lo como um radicalismo subversivo o atribui a propa-

ganda bolchevique. Mas nas nove províncias que visitei, ainda tenho que encontrar um único vestígio de influência direta da Rússia. Indiretamente a agitação russa teve uma enorme influência como um fermento, mas longe de subordinar à guerra mundial e até mesmo ideias do Presidente Wilson de democracia e da autodeterminação. Para o novo movimento de cultura, embora esteja ligado para o que se chama educadamente uma República na China atual, com entusiasmo é agitado por ideais democráticas e está começando com a premissa de que a democracia deve ser realizada na educação e na indústria antes que possa ser realizada politicamente. Para o bolchevismo no sentido técnico não há nenhuma preparação e nenhuma aptidão na China. Mas é concebível que corrupção, opressão e desgoverno militar, se eles continuarem até tocarem diretamente os camponeses, produzirá um caos de rebelião que adeptos da ordem existente certamente rotulará de bolchevismo.

IV

Após a revolta de 4 de maio, os sindicatos estudantis começaram a se reunir em toda a China. É significativo que, neste momento do auge da revolta contra funcionários corruptos e traidores e também do boicote japonês, esses tópicos fossem secundários nos diários dos estudantes. Os diários foram escritos em Pei-wha, o vernáculo já mencionado, e foram fervorosos na defesa de seu uso. O ônus deles era a necessidade de mudança educacional; ataques ao sistema familiar; discussão do socialismo; de ideias democráticas; de todos os tipos de utopias, como tirar os filhos de seus pais e

entregá-los às autoridades públicas para serem criados, a abolição de todos os governos nacionais e até provinciais e a redução da China a um Estado de comunas autônomas. Naturalmente houve muita efervescência junto com a sua fermentação. Sem um histórico definido de experiência, os estudantes pensaram de maneira semelhante todas as ideias e propostas, desde que fossem novas e envolvidas em se afastar dos velhos costumes e tradições.

Em uma importante cidade da província, alguns professores de uma escola normal escola se juntaram a um jovem de dezessete anos na defesa da liberdade e o amor como remédio para substituir do sistema familiar, educação comunitária dos filhos, abolição de toda a propriedade privada, eleição de professores pelos alunos como forma de democracia, abolição dos exames como relíquia da autocracia. Como os artigos foram escritos no vernáculo, um governador provincial alarmado, assustado com o barulho produzido por esse vapor de vapor, fechou a escola e escreveu a Pequim, exigindo que o uso futuro do vernáculo fosse proibido por lei. Mas algum funcionário teve o suficiente da graça salvadora de senso comum para observar que esses pensamentos perigosos seriam então escritos na antiga linguagem literária e, então, seria necessário, de maneira consistente, proibir também o seu uso. Na prática, essas ideias eram tão perigosas quanto as expostas para meninos de 7 anos em qualquer escola do país. No entanto, são sintomas importantes e potencialmente envolvem uma ameaça, não para a paz da sociedade, mas para aqueles que lucram com os males da ordem estabelecida. É significativo que em toda a minha experiência eu não encontrei um desses extremistas que ti-

nham treinado na América ou na Inglaterra. Eles, quase sem exceção, foram educados na China e falam e leem apenas mandarim. Eles podem facilmente citar sanções por suas ideias extremas de antigos escritos e lendas chinesas. As poucas exceções foram estudantes treinados na França, que haviam adotado como agradável à veia anarquista do pensamento chinês, certas ideias provenientes da Revolução Francesa.

Em Nanquim, na primavera passada, alguns estudantes tiveram a gentileza de fazer para mim uma lista de periódicos, a maioria fundada no ano e meio anterior, para defender os princípios da nova cultura. Uma leitura superficial dos títulos e objetos professados desses periódicos confirma o que foi dito. O órgão deste grupo particular de estudantes dá a nota chave do todo o empreendimento. A revista se chama Juventude e Sociedade. Seu lema, com o verdadeiro equilíbrio chinês de fraseado, é: “Fazer sociedade jovem e social da juventude.” The Dawn, New Voice of Sociedade, O novo indivíduo, O cidadão, A maré quente, China Jovem, O Mundo Jovem, O Novo Grupo, A Novo Vida, Ascendente, Construção, Aprendizado, Trabalho e Verdade são outros nomes típicos. E entre os objetos professados ocorrem quase com monotonia frases como “para reformar a nação e sociedade, física e socialmente”; “investigar sociedade”; “estudar problemas sociais e econômicos e criar ideias”; “introduzir novas ideias ao cidadão e elevar sua personalidade ao promover indústrias domésticas” a última frase, é claro, um eco do boicote; “para despertar sociedade operária e reformadora”; “promover a popularização educação e salvar a sociedade”, isso por uma revista chamada “Save the Country”;

“para promover a nova cultura e desenvolver o pensamento e ciência pura”; “promover o desenvolvimento da aprendizagem de modo a aplicar a ideia de pesquisa e crítica à reforma da sociedade”; “estudar a sociedade e introduzir ideias ocidentais”; “reformatar a sociedade à luz das ideias científicas”; “introduzir novos pensamentos ao mundo e aplique uma atitude otimista, mas crítica, à reconstrução da sociedade.” Muitos desses documentos eram obviamente tão efêmeros quanto ambiciosos. Mas ilustram o espírito do movimento como dificilmente qualquer outra coisa poderia. A lista não estaria completa sem a menção de revistas como “The New Woman”, cujo objetivo é “despertar as mulheres como um meio de reformatar a sociedade” e The Woman's Bell, cujo objetivo é “educar as mulheres e permitir que elas participem do progresso da sociedade”. “De fato, nos periódicos como um todo, os três tópicos mais discutidos são a reforma do sistema familiar, a emancipação da mulher e a questão trabalhista, todos relacionados à reforma educacional. Os três periódicos pais, que continuam exercitar a influência atestada, assim como os órgãos do novo movimento cultural, são chamados de Juventude, Renascença, Emancipação e Reconstrução.

Não se deve concluir que toda a atividade tenha sido literária e teórica. Pela primeira vez na história chinesa, os jovens instruídos se dedicaram ao que em casa chamamos de serviço social.

Suponho que a maioria dos estrangeiros aborda a China com um antecedente em seu conservadorismo essencial e sua aversão à mudança. O conservadorismo está inquestionavelmente lá. Mas também há uma predileção por

mudanças. E a cena muda com tanta frequência que é vertiginoso de observar. Professores se queixam da insubordinação dos “arrogantes” estudantes, algo que não é novo na China, onde os estudantes têm prerrogativas em relação à sua própria disciplina, algo desconcertante para os visitantes da América livre. Eles se queixam também da instabilidade emocional, o que leva os alunos a se precipitarem entusiasmadamente em uma nova causa em apenas alguns meses para depois perder o interesse e recorrer a algo mais novo. O sintoma é característico de condições fora das escolas. É para se arrepender. Mas é uma evidência genuína de um estado geral de transição, com a hesitação, incerteza e abertura a novos estímulos que tais períodos são obrigados a exhibir. Por outro lado, há uma maturidade de interesse muito além daquela que marca estudantes americanos dos mesmos anos. Meninos e Meninas do ensino médio ouvem com sobriedade e inteligência palestras sobre assuntos que criariam nada mais do que inquietação entediada em uma escola americana. Há uma sede ansiosa de ideias além de qualquer coisa que existe. Acredito na juventude de qualquer outro país na terra. Atualmente, zelo por ideias que persistam na obtenção de conhecimento, algo com uma vitalidade extraordinária ao desejo crescente pelo conhecimento e método científico. Isso significa que o conhecimento está sendo adquirido, não como um dispositivo técnico, nem como um distintivo internacional da cultura, mas para aplicação social. Se um aluno pergunta aos alunos de qualquer escola superior da China os motivos de seguir um curso específico, maior número responderá, “Ajudar nosso país” ou “Promover a reforma da sociedade”. Descontando a superficialidade das respostas de

muitos, ainda resta uma base substancial de esperança para o futuro, uma base substancial.

V

Depois de alguns meses na China, um visitante fará um juramento, se for sábio, de nunca se entregar à previsão. Pois a profecia é certamente ditada por esperança ou medo, e não por fatos adequados.

A carne é fraca, no entanto, adora transmitir o presente em termos do futuro. O observador, consequentemente, cairá nos vícios da mentira, como ocasionalmente cometi por conta própria. No entanto, movendo-se entre o fino, mas emocionante, gelo da previsão e o terreno seguro e sem graça da certeza, podemos afirmar que, com todas as suas crueldades e vacilações, o novo movimento cultural fornece uma das bases mais firmes de esperança para o futuro da China. Não pode substituir os melhores meios de comunicação ferroviárias e rodovias sem qual o país não será unificado e, portanto, não será Forte. Mas na China também há necessidade de um pensamento unificado, e isso é impossível sem o novo movimento intelectual. Também faz muita diferença se a mentalidade, quando unificada, olha para o passado ou simpatiza com o pensamento moderno no resto do mundo. Uma China unificada de acordo com o esquema adotado com sucesso pelo Japão não seria menos isolada do que o Japão se mostrou, e mais ameaçadora para o mundo. A China precisa de escolas; precisa, e precisa muito, do ensino fundamental universal. Mas faz muita diferença o que essas

escolas ensinam e qual é o seu espírito e objetivo, como provam a educação universal alemã e japonesa.

Os jovens com educação chinesa não podem renunciar permanentemente ao seu interesse em agir na política direta. Sua atenção precisa ser dedicada mais do que tem sido às questões econômicas práticas e detalhadas, à reforma da moeda, às finanças públicas e aos problemas tributários, aos empréstimos estrangeiros e ao Consórcio. Encontra-se escolas em que estudantes com formação estrangeira ensinam economia política teórica a partir de livros baseados no pressuposto de competição, produção de máquinas e acumulação capitalista, que não têm mais nada a ver com a indústria ao redor estritamente local como ela é e executada manualmente, trabalhando de acordo com os costumes e para um mercado mais estático do que a astronomia lunar. Ou encontra-se o interesse centrado no socialismo, mesmo quando não há quase nenhum problema de distribuição de riqueza (exceto verificar a rapidez da autoridade) e quando o problema de maior produtividade do trabalho é agudo. Afinal, a China está no estágio inicial da revolução industrial e, para não repetir a experiência do resto do mundo, com todos os males e perigos da guerra de capital e trabalho, com indústrias suadas, crianças e trabalho das mulheres, opressão pelo capital e sabotagem pelo trabalhador, se vai beneficiar com a experiência do século XIX no resto do mundo, tem que chegar ao problema preparado. E nem mesmo as especulações mais extravagantes do presente, quando trazidas à terra pelas exigências feitas pelas condições reais, se mostram totalmente inúteis como equipamento preparatório.

As alternativas da China são perecer, perturbando o mundo e a si mesma, ou de reduzir em um século mais ou menos o progresso intelectual, científico, industrial, político e religioso pelo qual o resto do mundo levou vários séculos. Ela não pode, como os Estados Unidos, fazer a mudança com elevado espaço de tempo, mas deve realizá-la em uma civilização cheia de tradições e superstições. A China jovem, especialmente a China mais jovem, mostra uma apreciação desse fato. Há horas em que, estimulado pelo contato com o que há de melhor no movimento, estou disposto a prever que terá sucesso e, ao ter sucesso com seus próprios problemas, também dará ao mundo coisas de valor novo e permanente. Há outros momentos em que, após o contato com as características mais sombrias da situação, fico imaginando que nem todos os partidários da causa perdem a esperança e se rendem ao pessimismo. É fácil perceber por que alguns desistem de se esforçar e se dedicam a tirar o melhor proveito de uma situação ruim, embelezando seus próprios ninhos. No final, volta-se à sobriedade, à indústria, à solidez fundamental do homem comum. Essas qualidades resistiram a muitas tempestades anteriores. Eles vão impulsionar a China se forem redirecionados de acordo com as demandas e condições do mundo moderno que se lançou de maneira tão irresistível e perturbadora sobre a China. O novo movimento cultural é uma fase significativa da tentativa de fornecer a direção tão profundamente necessária.

A TRANSFORMAÇÃO DA MENTALIDADE CHINESA

O início da era moderna na China data desse episódio sangrento, a convulsão do pugilista. Seu surto sinalizou o esforço supremo da China antiga de ter feito de uma vez por todas intruso indesejável, para que ele possa retornar sua autossuficiência. Seu fechamento marcou o reconhecimento de que a antiga China estava condenada e que, a partir de agora, a China deve viver sua vida na presença das forças da vida ocidental, forças intelectuais, morais, econômicas, financeiras, políticas. Com sua paciência habitual, a China começou a se adaptar ao inevitável.

Mas, neste caso, algo mais do que a passividade do paciente era necessário. A China soube em 1900 que tinha que se ajustar às exigências impostas pelas atividades dos povos ocidentais. Todos os anos, desde então, ela aprende que esse ajuste só pode ser efetuado mediante um reajuste de seus próprios costumes antigos, que ela precisa mudar sua mentalidade histórica e não apenas algumas de suas práticas. Vinte anos se passaram e o drama não parece avançar. A China parece estar parada no tempo. Como no drama da cena chinesa, a história principal está aparentemente perdida em uma massa de incidentes e emoções que não têm movimento, clímax e enredo.

Mas o intérprete estrangeiro entra em cena com uma mentalidade adaptada ao ritmo rápido do Ocidente. Ele espera ver um drama se desenrola após o padrão do filme. Ele não está acostumado à história promulgada na escala da

China. Quando ele conclui às pressas que nada está fazendo, ou melhor, que embora algo novo e inesperado aconteça todos os dias, tudo esteja se movendo em um círculo sem objetivo, ele esquece que vinte anos são apenas um momento passageiro em uma história que já ocupou seus quatro mil anos. Como pode uma civilização que demorou quatro mil anos para evoluir, que se arrastou e absorveu todos os obstáculos encontrados até agora, que tem inúmeras dobras internas da experiência acumulada dentro de si, rapidamente encontrar-se em novos cursos? Desembaraçadamente falamos sobre a importância do problema do Pacífico, e até mesmo um estudante poder citar Seward, Feno e Taft. Mas o que supomos ser esse problema? Um que diz respeito a um desperdício superficial? Não, o verdadeiro problema do Pacífico é o problema da transformação da mentalidade da China, da capacidade da civilização mais antiga e complicada do mundo de se refazer nas novas formas exigidas pelo impacto de imensas forças estrangeiras.

As analogias, especialmente quando são óbvias, são tão enganosas no campo do pensamento político, como há muito provaram as ciências naturais. A tentadora comparação do futuro em sua reação às ideias e instituições ocidentais, o registro do Japão é enganoso. A diferença de escala entre uma pequena ilha e um vasto território continental impossibilita a correspondência. A China emergiu do feudalismo há dois mil anos, sem ao mesmo tempo se tornar um Estado nacional no sentido familiar para nós. O surgimento do Japão coincidiu com a sua abertura para o Ocidente, de modo que sua condição interna e a pressão externa de outras nações permitiram que ele assumisse a forma de um Es-

tado absoluto (com certas guarnições constitucionais) externamente semelhante aos Estados produzidos na evolução do feudalismo. O desenvolvimento de um Estado centralizado forte, com administração unificada e proteção militarista, foi tão fácil para o Japão quanto difícil para a China. Mais fundamental é a diferença na psicologia nacional. Há mais de mil anos, o Japão assimilou a civilização chinesa via Coreia e, no entanto, permaneceu essencialmente japonês. Nos últimos sessenta anos, a civilização ocidental foi assumida. No entanto, os escritores e pensadores mais caracteristicamente japoneses dizem que o Japão não é ocidentalizado de coração ou mente. Embora empreste a técnica ocidental de atacado em ciência, indústria, administração, guerra e diplomacia, empresta-as com a intenção deliberada de fortalecer, assim, o poder de resistência de suas próprias políticas tradicionais.

Reconhece sem reservas a superioridade dos métodos, mas esses métodos superiores devem ser usados para manter ideais orientais intrinsecamente superiores aos estrangeiros. Isso pode parecer ao estrangeiro uma evidência da presunção frequentemente associada ao Japão, mas a resposta é fácil: a convicção complacente europeia de superioridade é algo mais do que a presunção de preconceito? De qualquer forma, essa duplicidade da vida japonesa, sua combinação de objetivos tradicionais e modos morais com os aspectos externos da habilidade estrangeira e do conhecimento especializado, explica a impressão de duplicidade que muitos afastam do contato com o Japão contemporâneo.

É duvidoso que tal dualismo, tal inconsistência da vida interior e exterior, possa ser mantida por muito tempo.

No entanto, suas realizações bem sucedidas marcam o recorde do Japão em sua relação com a civilização ocidental. E é precisamente esse tipo de coisa que não pode acontecer na China. Ela evoluiu para não emprestar sua civilização. Ela não tem grande talento para empréstimos bem-sucedidos. O problema dela é de transformação, de renovação por dentro. O chinês instruído já lhe dirá que, se você deseja a sobrevivência intacta da China antiga, deve ir ao Japão e o japonês lhe dizer a mesma coisa, embora com um sotaque diferente. O visitante fica impressionado com o fato de que são nos prédios e escolas públicas do Japão, não da China, que os olhos veem em todos os lugares os antigos lemas confucionistas, especialmente os do tipo reacionário e autoritário. A China, com todo o seu atraso, confusão e fraqueza, é hoje mais permeada pelo pensamento contemporâneo ocidental do que o Japão. Há algum significado no fato de que, embora a circulação dos discursos de guerra do Presidente Wilson tenha sido legalmente proibida no Japão, eles forneceram nos últimos dois anos o best-seller da China. A história contada é que a decadência da China se dá porque ela permitiu a infiltração de ideais e ideias estranhos e consequentemente destrutivos. Isso pode ser verdade. Não estou aqui preocupado em negar. De qualquer forma, ilustra nossa proposição: a China deve seguir um curso radicalmente diferente do do Japão

Haverá decadência e desintegração, ou profunda transformação interna. Não haverá adoção de métodos externos ocidentais para fins práticos imediatos, porque o gênio chinês não está nessa direção.

A influência do Japão sobre a China tem sido enorme. O ocidental que não estudou a situação desconhece até que ponto a China após a guerra russo-japonesa, em particular, assumiu a administração administrativa e educacional japonesa. Mas, já é óbvio que eles não estão trabalhando aqui como trabalharam no Japão. Uma grande parte da atual crise intelectual e moral na China se deve à reação contra esse fator na vida chinesa. Sem dúvida, agora é artificialmente fortalecido por causas políticas imediatas. Mas sob essa superfície existe um fermento intelectual geral e a crença de que a China deve recorrer não a cópias japonesas das formas ocidentais, mas às fontes originais de inspiração moral e intelectual ocidental. E o recurso não é para fazer com que os modelos se padronizem, mas para obter ideias, capital intelectual, com o qual renovar suas próprias instituições.

Presunção e vaidade nacional são um livro selado para quem está de fora. Temos certeza de que é apenas orgulho e respeito próprio, e que o estrangeiro é ridículo ou uma marca de desprezo ofensivo e hostilidade perigosa aos nossos próprios modos de vida. Por mais duvidosa que seja a generalização de tais assuntos, alguém se impressiona com certas diferenças na autoconsciência do grupo no Japão e na China. Talvez sua qualidade seja sugerida em certos comentários que eles não transmitem com pouca frequência. Um japonês lhe dirá que os chineses não se importam com o que as outras pessoas pensam deles. Um chinês diz que o Japão não tem noção de sua “face”. As duas críticas são suficientes para serem intrigantes. Mas pode ser sugerido na explicação que a complacência chinesa é a mais profunda e, portanto,

não é tão aguda. É fundamental e é um dado adquirido. Não precisa ser afirmado em instâncias especiais.

Enquanto os chineses mantiverem intacto o seu próprio julgamento de si mesmos, sua própria reputação consigo mesmo, o que os outros pensam ser insignificante. Por outro lado, é humilhante para eles pedirem empréstimos como o Japão. Seria uma confissão de ausência de recursos internos. Quando o Japão contrata especialistas estrangeiros, ele se interessa por resultados e, portanto, oferece uma mão livre para aprender o que devem dar. A China envolve o especialista estrangeiro e, em seguida, o protege com cortesia. A diferença é típica de uma diferença de atitude em relação à vida ocidental. É uma grande parte da causa do rápido progresso do Japão e do atraso da China. O japonês naturalmente se coloca no lugar do espectador ocidental e está profundamente consciente das críticas que o espectador pode transmitir ao que vê. Ele tenta recuperar o espetáculo para satisfazer as demandas do espectador ocidental. Ele reserva seu orgulho mais profundo por seus ideais nacionais. Os chineses mal se importam com o que o estrangeiro pode pensar com o que vê.

Ele até traz os esqueletos em seu armário alegremente para a frente para o visitante olhar. A complacência ou presunção envolvida nessa atitude retardou enormemente o avanço da China. Foi um abraço conservador da tradição antiga e uma crença na superioridade inerente da civilização chinesa em todos os aspectos à dos bárbaros estrangeiros. Mas também gerou um poder de crítica objetiva e autoanálise que raramente é encontrada no Japão. O chinês educado que dissecas as instituições e costumes de seu próprio país faz

isso com uma objetividade calma que é insuperável. E a razão básica, eu acho, é o mesmo orgulho nacional. Suas instituições podem não suportar muito bem as críticas, mas as pessoas que as produziram são intrinsecamente invulneráveis. Eles os produziram e, quando chegarem lá, criarão novos, melhores adaptadas às condições da vida atual.

A fé dos chineses no resultado final de seu país, não importa qual seja o desespero sobre o estado atual das coisas, lembra um americano de uma fé semelhante abundante no próprio país.

Somos levados à nossa disputa principal. A negligência da China em relação ao empréstimo da técnica do Ocidente na administração civil, saneamento público, tributação, educação, manufatura, etc., é compatível com um esforço de sua parte para provocar uma transformação profunda de suas instituições por meio do contato com a civilização ocidental. Nesta refilmagem, ela se apropriará mais do que emprestará. Ela tentará penetrar nos princípios, nas ideias e na inteligência, dos quais emanou o progresso ocidental, e desenvolver sua própria salvação através do uso de sua própria mentalidade nacional renovada e acelerada. A tarefa é enorme. O tempo é a essência da performance. Só porque a tarefa é efetuar uma modificação interna em vez de um ajuste externo, sua execução levará muito tempo. As forças que estão jogando de fora da China, que contemplaram sua desintegração territorial, que desejam dominar suas políticas e explorar, em seu próprio nome, seus recursos naturais, permitirão uma evolução normal? Eles ficarão de prontidão para ajudar ou invadirão, irritarão, desviarão e frustrarão até que haja um clímax final, de que ninguém saiba que catás-

trofe trágica? Estes são alguns dos elementos do grande drama que está ocorrendo agora.

O caráter desconcertante e “misterioso” da China para o Ocidente é genuíno o suficiente. Mas isso não parece ser devido a nenhuma psicologia peculiarmente sombria e sutil. A natureza humana como a encontramos na China parece ser invulgarmente humana, se assim se pode dizer. Há mais em quantidade e é aberto para visualização, não secretado. Mas a mente social, a mente política, foi sujeita por séculos a instituições que não são apenas estrangeiras para apresentar os costumes ocidentais, mas que não têm precedentes históricos. Nem nossa ciência política, nem nossa história fornecem nenhum sistema de classificação para entender os fenômenos mais característicos das instituições chinesas. É esse o fato que torna o funcionamento da mente chinesa inescrutável para o estrangeiro não iniciado e que torna necessário descrever tantas coisas em termos linguísticos contraditórios. A civilização em si não é contraditória, mas em sua própria consistência inclui coisas às quais na vida ocidental se opuseram fortemente. Depois, existem formas intermediárias, elos políticos ausentes que, a nosso alcance, devem ser ilusórios; elas são vagas porque não temos formas comparáveis para defini-las e interpretá-las. No entanto, a mentalidade chinesa pensa, é claro, tão naturalmente em termos de seus costumes e convenções quanto pensamos nos nossos. Simplesmente esquecemos que pensamos em termos de costumes e tradições que a habitação arraigou; imaginamos pensar em termos de mente, puros e simples. Tomando nossos hábitos mentais como normas da mente, achamos os modos de pensar que não se ajustam a ele anormais, misteriosos.

osos e complicados. Só podemos obter a chave das operações mentais estudando antecedentes sociais e meio ambiente, e essa verdade é preeminentemente em uma civilização antiga como a chinesa. Temos que entender crenças e tradições para entender atos, e temos que entender instituições históricas para entender as crenças.

A história das dificuldades que precisavam ser superadas na introdução de ferrovias na China é talvez a mais conhecida de incidentes chineses. Mas vale a pena recontar, porque fornece uma ilustração típica do fato de que o principal obstáculo no contato efetivo do Ocidente e do Oriente é intelectual e moral.

A oposição às ferrovias não era uma questão de conservadorismo rotineiro, oposição lenta e cega ao novo apenas porque era novo. Os chineses têm a quantidade normal de curiosidade e talvez até mais do que a quantidade normal de senso prático da vantagem a ser obtida por uma novidade que não entra em conflito com as crenças tradicionais. Surgiu uma dificuldade em obter um caminho claro para as ferrovias, devido aos túmulos, que, do ponto de vista ocidental, estão espalhados aleatoriamente. Mas, do ponto de vista chinês, eles estão localizados com a máxima ciência, e perturbá-los é desequilibrar todo o sistema de influências ambientais que afetam a saúde e as boas colheitas. Além disso, os túmulos são o centro do sistema de culto ancestral, e esse é o centro da organização cívica. O conto pode ter sido inventado para mostrar quão completamente as forças a serem contadas são intelectuais e morais, e quão completamente estão ligadas à estrutura da vida. Sem uma mudança de opinião

nacional, é inútil supor que a China possa avançar com prosperidade por causa das relações com o Ocidente.

É um empreendimento precipitado formar uma generalização sobre os fatores da psicologia popular chinesa que mais contam, positiva ou negativamente, na tarefa de regenerar China. Mas os pontos fortes de um povo, como de caráter individual, estão próximos dos pontos fracos. Portanto, talvez seja seguro dizer que a promessa do renascimento da China como membro pleno do mundo moderno se encontra em seus hábitos democráticos de vida e pensamento, desde que acrescentemos à afirmação outra: a qualidade peculiar dessa democracia também constitui o maior obstáculo à renovação da China em seu confronto com um mundo que espera, inquieto e ganancioso. Pois enquanto a China é moral e intelectualmente uma democracia de um tipo paternalista, ela não possui os órgãos específicos pelos quais uma democracia sozinha pode efetivamente se sustentar interna ou internacionalmente.

A China está em um dilema cuja seriedade dificilmente pode ser exagerada. Sua descentralização habitual, seus localismos centrífugos operam contra ela se tornar uma entidade nacionalista com instituições de receita pública, ordem pública unitária, defesa, legislação e diplomacia que são imperativamente necessárias. No entanto, suas tradições mais profundas, seus modos mais estabelecidos de sentir e pensar, sua democracia essencial, agrupam-se nas unidades locais, na vila e em seus vizinhos. A sobreposição de um Estado nacional, sem a correspondente transformação das instituições locais (ou melhor, sem a evolução do espírito das democracias locais em âmbito nacional) nos dá exatamente o que te-

mos agora na China: uma república nominal governada por um dique militar, mantida em parte por empréstimos estrangeiros feitos em resposta a uma troca de propriedade e poder nacionais, e em parte por barganhas com líderes provinciais, cujo poder repousa sobre o controle de um exército e a capacidade que esse controle lhes dá de cobrar da indústria e da riqueza. De fato, temos um Estado que, se fosse tomado estaticamente, se fosse congelado, reproduziria os males do antigo despotismo com novos, que só pode ser salvo porque liberou forças populares que contribuem para algo melhor. Mas resta organizar essas forças populares, dar-lhes força, construir para elas canais regulares de operação.

Até o presente pensamento ocidental se limitou ao mais óbvios e estruturais, fatores do problema. Estes são naturalmente os problemas mais familiares da vida política no mundo ocidental. São coisas como o ajuste do poder e autoridade do governo central ao dos governos locais e regionais; o problema das relações das forças executivas e legislativas no governo; a revisão de procedimentos e leis legais para eliminar arbitrariedade e discricção pessoal. Mas, afinal, esses assuntos são sintomas, efeitos. Tentar reorganizar a China começando com eles é como resolver um problema de engenharia através de malabarismo hábil. O verdadeiro problema é como o espírito democrático se manifesta historicamente na ausência de classes, na prevalência da igualdade social e civil, no controle de indivíduos e grupos pela força moral, e não física, que é, por instrução, conselho e opinião pública, e não por leis legais definitivas. Métodos podem encontrar uma expressão organizada de si mesmo. E o problema, repito, é extraordinariamente difícil porque, tradicionalmente,

nos hábitos das crenças e da ação, essas forças das quais a transformação da China deve crescer se opõem à organização em escala nacional.

Tome um exemplo conspícuo. Para se manter como uma nação entre outras nações do mundo contemporâneo, a China precisa de um sistema financeiro nacional, tributação e receita nacional. Mas o esforço para instituir tal sistema não cumpre apenas um vazio. Ele precisa atender a costumes locais profundamente arraigados, tão firmemente estabelecidos que interferir com eles pode significar a derrubada de todo governo central. Para colocar em vigor outro sistema de tributação, é necessário o funcionamento de órgãos nacionais que dependem de um sistema nacional de receita pública. Este é um exemplo justo dos círculos viciosos que circunscrevem todos os sistemas de reforma de atalho no China. É outra evidência de que o desenvolvimento deve ser um crescimento transformador a partir de dentro, e não uma sobreposição externa ou um empréstimo de fontes estrangeiras.

Há muitos, inclusive um número bastante surpreendente de chineses e estrangeiros, que pensam que a China pode se pôr de pé e se tornar capaz de se mover sozinha apenas passando por um período de tutela ou tutela estrangeira. O sentimento é seduzido por algumas pessoas em uma ilha vizinha e há uma resposta indubitável na China, embora muito menos do que seria se o ponto de vista não tivesse sido indevidamente identificado com o ponto de uma baioneta. Há quem busque alguma democracia ocidental ou a Liga das Nações para exercer a tutela necessária. Nós podemos renunciar à questão de saber se, atualmente, existe no

mundo uma quantidade suficiente de inteligência desinteressada para realizar esse trabalho de curadoria. Permaneceremos em terreno seguro se nos limitarmos a dizer que, para ser bem-sucedido, esse guardião teria que limitar seus esforços para estimular, incentivar e acelerar as forças democráticas que atuam de dentro para fora. E como essa tarefa é quase inteiramente intelectual e moral, a tutela não é necessária, desde que a China possa ter um tempo de crescimento garantido e protegido de tentativas externas de desintegração. Tudo o que é necessário é uma decência internacional suficiente e um egoísmo esclarecido suficiente para dar à China a proteção provisória. Ela pode ter que afundar ainda mais no pântano da confusão antes que possa entrar em terreno firme e se mover livremente. Só há mal em subestimar a seriedade da tarefa.

A evolução do Japão, como já disse, não oferece um precedente justo. O problema é ainda mais desconcertante do que o da mudança do feudal para a Europa moderna. Pois a Europa medieval não era civilizada no sentido em que a China antiga é civilizada. Não havia a inércia e o peso das instituições envolvidas nos sentimentos mais profundos e nos pensamentos mais profundos das pessoas encontradas na China. Além disso, a transição europeia pode levar um tempo para se resolver.

O da China deve ser realizado diante do impaciente mundo ocidental móvel, que, se traz ajuda, também traz um apetite voraz. Para o olhar externo que procura o romântico e o pitoresco, a China provavelmente se mostrará decepcionada. Para os olhos da mente, apresenta o drama mais fascinante agora em qualquer lugar.

OS ESTADOS UNIDOS E A CHINA²⁰

I

O americano médio provavelmente considera complacente o curso passado dos Estados Unidos na China e imagina que conquistamos uma admiração semelhante por parte dos chineses. Até o casual leitor de jornal conhece o retorno da indenização do Boxer e supõe, de maneira nebulosa, que nossa declaração em nome da abertura conseguiu impedir a divisão da China. O leitor mais bem informado se orgulha da diplomacia consistentemente iluminada dos Estados Unidos, exemplificada em Gushing, Burlinghame e Hay, e a insistência em medidas comparativamente leves depois que a revolta dos Boxers foi abatida. Todo o nosso curso, imaginamos prontamente, é aquele que garantiu para nós a gratidão e o respeito dos chineses. Nosso tratamento para os imigrantes chineses na costa do Pacífico e nosso ato de exclusão podem nos ocorrer, mas rapidamente esquecemos pensamentos tão desagradáveis quanto a história passada

Vale a pena perguntar até que ponto nossa noção da atitude chinesa em relação a nós corresponde aos fatos. Ou se essa maneira de colocar o assunto implica uma falsa suposição sobre a universalidade da opinião pública na China, então qual é a atitude de uma seção influente de homens públicos, e em que bases se baseia? O resultado da investigação, mesmo que pouco lisonjeiro, será uma preliminar necessária à concepção de uma política adequada para o futuro

²⁰From The New Republic, 3 de dezembro de 1919; publicado sob o título A oportunidade americana na China

ro. Para dar a resposta descomplicada em poucas palavras, nosso comportamento anterior deixou muitos chineses, especialmente aqueles que não estiveram nos Estados Unidos, a impressão de que não somos, em nossos negócios no exterior, um povo muito prático; que nos falta atenção, rapidez de decisão em emergências, rapidez de ação e, principalmente, persistência. E tudo isso mesmo onde nossos próprios interesses estão em jogo. Somos considerados como um todo um povo bem-disposto, mas um tanto ineficaz em ação. Até mesmo a gratidão por nossa recusa em entrar no jogo de conquistar a China é colorida por uma suspeita de que talvez não tenhamos energia e habilidade para participar com sucesso do jogo.

O contexto imediato desse sentimento está relacionado à disputa do Japão e dos Estados Unidos nos últimos dois anos e meio por prestígio e autoridade moral, uma disputa bastante passiva, com certeza, no que diz respeito aos Estados Unidos.

Algumas partes do registro têm uma influência definitiva sobre os obstáculos que impedem uma política americana bem-sucedida no Extremo Oriente. Os objetivos e ideais expressos dos Estados Unidos. Ao entrar na guerra e o vigor com o qual entramos, despertou o maior entusiasmo em uma certa seção de homens públicos chineses. Por um tempo, parecia que haveria um partido liberal poderoso com pró-americanismo para uma das pranchas mais importantes de sua plataforma. O entusiasmo pela causa aliada era alto. Até os militaristas que agora estão no controle eram anti-japoneses nos primeiros meses de 1917. Um testemunho eloquente é dado pelo fato de que as relações diplomáticas

foram interrompidas com a Alemanha sem consulta a nenhum representante japonês. De fato, o ministro japonês estava fora da China naquela época, o Japão não sabia do evento até que fosse um fato consumado. Havia então muito zelo pela participação ativa das tropas chinesas na frente ocidental. Os militaristas queriam isso por causa do treinamento que o exército receberia; os liberais porque eram pró-aliados e pró-democracia; tudo porque viram a vantagem de uma parte para a China nas negociações internacionais no final da guerra. Foram feitos planos para usar os navios alemães apreendidos internados para o transporte de tropas. Mas os Aliados estavam com falta de transporte e dividiram os próprios navios. Se a diplomacia americana fez algum esforço para ajudar os chineses a elaborar seus próprios planos, foi derrotada ou nenhum conhecimento do esforço chegou aos ouvidos dos chineses.

Então, a China precisava muito de dinheiro não apenas para a reorganização interna, mas também para participar ativamente da guerra. Os Estados Unidos estavam fazendo avanços regulares para os outros aliados. A China queria um empréstimo e não recebeu nada. Os japoneses a sobrecarregaram com argumentos financeiros. A fofoca atual insiste em que mais ou menos dos fundos estão nos bolsos das autoridades chinesas corruptas. Mas, no sentido mais amplo, a precisão dessa alegação é insignificante.

O fato marcante é que o Japão avançou e os Estados Unidos não. A partir desse momento, o Japão domina os círculos oficiais chineses. Outro fato esfriou o ardor até do pessoal militar por uma participação ativa na guerra. Depois de agosto de 1917, a fortuna militar dos Aliados afundou ao

mínimo. Muitos líderes japoneses ficaram convencidos de que a vitória alemã era inevitável ou que a guerra terminaria em um impasse que seria quase equivalente à vitória alemã. Estadistas responsáveis, homens que haviam sido primeiros-ministros e chefes do Ministério das Relações Exteriores, declararam publicamente que, embora o Japão fosse fiel a seus aliados durante a guerra, um realinhamento internacional era quase certo. O Japão já havia feito a necessária reaproximação com a Rússia, obviamente realizada em parte tendo em vista resistir ao crescimento da influência americana no Extremo Oriente. Onde estaria a China após a guerra no caso de uma aliança ofensiva e defensiva entre o Japão, a Rússia e a Alemanha? Era prudência óbvia para ela pisar suavemente e não ofender as potências que em um futuro próximo provavelmente dominariam o Extremo Oriente. Estou convencido de que é impossível exagerar a influência desse fator na determinação da posição atual das forças. Embora a previsão não tenha saído de acordo com as especificações, entretanto foi criada uma situação pró-japonesa e indiferente à América. Mesmo recentemente, o homem que é creditado como chefe do partido militar pró-japonês nos círculos governamentais (e conhecido como um homem incorruptível) disse que a China tinha que ser pró-japonesa, porque o Japão tinha um exército e uma marinha poderosos.

Este é o contexto concreto sobre o qual projetar considerações mais gerais sobre a opinião chinesa da América política. Enquanto os americanos começam sua conta com, digamos, o retorno benevolente da indenização do Boxer, é provável que os chineses lembrem que, como uma força po-

sitiva, os Estados Unidos abriram sua carreira no Extremo Oriente com propostas para a neutralização das ferrovias da Manchúria e depois encontrariam derrota nas mãos da Rússia e do Japão. Isso por si só não era nada muito importante. Todos os países recebem cheques diplomáticos. Mas, para os chineses, depois de propor um grande esquema e atender às rejeições iniciais, o governo norte-americano não fez uso de seu cheque para garantir um adiantamento compensador em outro lugar, nem tentou outros meios de manter o princípio estabelecido.

O caso da ferrovia Hankow-Peking também os impressiona como um exemplo da tendência do governo americano a conceber esquemas grandiosos e depois cair ou se perder quando houver resistência. Através dos americanos foi feito um trabalho valioso da Cruz Vermelha para alívio das enchentes. Mas havia também um grande plano de engenharia para a regulamentação dos cursos d'água. Depois de um floreio original, isso também se dissolveu. Os projetos ferroviários de Siems-Carey podem não ser um exemplo, pois podem estar em um estado de animação suspensa e não de morte. Mas o fato é que os Estados Unidos são a única grande potência que nada tem a mostrar na China em grande escala. Ou melhor, nossa única conquista decidida é na linha educacional, onde confessadamente estamos muito à frente. Mas esse sucesso não é impressionante para determinar os assuntos internacionais. Os casos apresentados devem servir de exemplo dos fatos que levaram os chineses instruídos e influentes a sentir que os EUA não poderiam ser seriamente contados. Os chineses não, como algumas outras nações, nos colocaram como blefes. Mas, os casos mencio-

nados, somado a nossa falha em fazer muito, exceto palavras proferidas em nome do "Open Door", levaram à sensação de que emitimos prontamente grandes e bons esquemas, mas são ineficazes quando se trata do teste de ação. Os chineses não carregam sentimentos em questões práticas, pois julgam pelos resultados, não pelas intenções.

O caso da ferrovia Hankow-Pequim é um exemplo da tendência do governo americano para conceber esquemas bastante grandiosos e, em seguida, cair ou retirar quando resistência. Um trabalho valioso com a Cruz Vermelha americana foi feito. Mas havia também um grande plano de engenharia para a regulação das vias navegáveis. Após um floreio original, também foi dissolvido. Os projetos da ferrovia SI-EMSA-Carey podem não ser um caso, pois podem estar em um estado de animação suspensa, em vez da morte. Mas o fato é que os Estados Unidos são o único grande poder que não tem nada para mostrar na China em grande escala. Ou melhor, nossa realização decidiu que é na linha educacional em que confessadamente estamos muito à frente. Mas este sucesso não é um tipo de ser impressionante, quando se trata de determinação de assuntos internacionais. Os casos dados devem ficar como amostras dos fatos que levaram os chineses educados e influentes para sentir que a América não poderia ser seriamente contabilizada. Os chineses não têm, como alguns outros países, nos colocar como *bluffers*. Mas os casos mencionados somado à nossa incapacidade de fazer muito, exceto palavras absolutas em prol da “porta aberta” têm levado ao sentimento que nós prontamente emitimos regimes de grandes e boas intenções, mas ineficazes quando se trata do teste de ação. Os chineses não carregam

sentimento em questões práticas. Eles julgam por resultados não pelas intenções. Em contraste conosco, eles encontraram os japoneses constantemente no trabalho, nunca permitindo que qualquer coisa sobrevivesse, aproveitando todas as aberturas, estimuladas por obstáculos apenas ao esforço renovado ou redirecionado, rápido, paciente, persistente, perseverante. Se o Japão não havia falhado em estimar o sentimento nacional chinês, a China já poderia ter colocado suas políticas externas principalmente em suas mãos. Mas, se a China tem que depender de alguns fora do poder, não havia muito o que dizer para confiar, mesmo com um grande custo para si mesmo, em cima de uma nação que era aguda, vigorosa, vigilante, e que nunca abandonou um plano de ação.

Agora, é claro, é fácil responder a tudo isso do ponto de vista americano. Nunca tivemos grandes interesses no Extremo Oriente. Além da Doutrina Monroe, nunca adotamos uma política externa contínua, assim como outras grandes potências. Tivemos tantas outras maneiras lucrativas de investir capital que era melhor mudar para qualquer outro esquema do que se preocupar em passar por uma ferrovia ou outro plano em face de obstáculos irritantes e retardadores constantes. Além disso, é do nosso crédito que nunca tivemos a estreita aliança entre empresa comercial e ação governamental que caracterizou a política de qualquer outra grande potência no trato com países economicamente atrasados e com a China. Do ponto de vista americano, boas desculpas são tantas quanto amoras. Afinal, como foi indicado, justificativas e razões não dizem respeito aos chineses no que diz respeito à formulação de políticas nas relações externas.

Eles estão interessados nos resultados passados, no resultado real, como um meio de prever o curso provável do futuro.

A guerra agora demonstrou conclusivamente que os Estados Unidos podem agir com rapidez, eficiência e em larga escala em seus assuntos externos. Infelizmente, o contraste entre as palavras do Presidente Wilson e os resultados concretos da Conferência de Paz, um contraste que as circunstâncias tornam flagrantemente visível na China tende a restaurar a ideia mais antiga sobre os Estados Unidos. No entanto, não totalmente; há um novo interesse e uma nova expectativa por parte de líderes importantes, enquanto as massas de pessoas olham pateticamente para nós em busca de sua redenção.

A cordialidade histórica do sentimento em relação aos Estados Unidos é tão reforçada que é um ativo de grande potencialidade. O problema é a praticidade de torná-lo responsável por uma política construtiva em ação. Não se pode dizer que exista qualquer ato político específico absolutamente indispensável.

Mas há uma linha de ação que seria fatal, pelo menos por um tempo considerável. Depois de tanta conversa sobre Shantung, permitir que as coisas passem por padrão, ou permitir que se desviem, seria confirmar as piores opiniões sobre a instabilidade e futilidade de nossas políticas. Algum tipo de curso definido, seguido persistentemente, é uma necessidade, a menos que a China caia em vassalagem prática para outra nação. Enquanto o acordo de paz tornou a questão política internacional mais aguda no momento, a questão financeira e industrial é a mais importante a longo prazo. Aqui reside a grande chance dos Estados Unidos.

A introdução de um sistema monetário e um sistema ferroviário abrangente unificado, portos modernos melhorados e instalações terminais, a reconstrução do sistema fluvial para melhorar o transporte e evitar inundações destrutivas, são exemplos das tarefas importantes que devem ser realizadas. Atualmente, os Estados Unidos são o único país que combina o capital necessário, a capacidade de engenharia e o talento executivo

O importante é que, empreendendo grandes coisas em larga escala, os Estados Unidos contornem boa parte da competição que gera irritação e suspeita. Se a balança for grande o suficiente, não haverá concorrência. O Japão não está preparado para lidar com esses assuntos em larga escala. Uma política negativa que pode ser interpretada como colocando obstáculos no caminho do desenvolvimento legítimo do Japão está repleta de perigos. Concentrar-se em grandes empresas de maneira construtiva deixará o Japão com muitas oportunidades, e de uma vez por todas evitará a possibilidade de tornar a China um sujeito virtual do Japão, um perigo que os melhores amigos japoneses devem admitir ser real enquanto o elemento militarista-burocrático continua a dominar suas políticas. A fonte séria do mal na situação atual é a probabilidade de os Estados Unidos terem interesse suficiente no Extremo Oriente para falar bastante, agir de maneiras menores, mas no geral de maneiras que possam ser interpretadas com mais ou menos justiça, como tendo como objetivo principal frustrar as ambições de outros países, especialmente o Japão.

Não é necessário dizer que os próximos anos são cruciais. Na China, como em outros lugares, a reconstrução é

iminente, mas por enquanto as coisas estão em solução. A distância tem suas desvantagens em todas as relações menores. Mas isso pode ser uma vantagem se a atenção da América for fixada em empresas de grande porte. Uma parte considerável do atrito passado em realizar coisas sob direção estrangeira na China se deve ao fracasso em garantir a cooperação administrativa dos chineses. As empresas americanas devem estar razoavelmente livres da tentação de preencher essas posições com saqueadores econômicos.

Os estudantes chineses que estudaram e estudam na América fornecem um núcleo definido para a cooperação administrativa. Se não houver pessoas treinadas em número suficiente entre os chineses, os planos de negócios devem incluir uma extensão das instalações educacionais para treinar o número necessário. A grande pedra de tropeço do passado, a falta de aliança ativa entre interesses comerciais e autoridade política do governo, também pode ser convertida em um ativo positivo. Os chineses, como os americanos, têm a tradição de autoajuda industrial; são constitucionalmente avessos às atividades governamentais. Contornar o governo, com suas tradições quase inquebráveis de procrastinação, obstrução e corrupção, é um passo à frente. E isso pode ser amplamente efetuado com a cooperação do voluntariado chinês. No entanto, isso não pode ser feito enviando subordinados para executar planos feitos sem a consulta chinesa. Devem vir os líderes que os líderes chineses reconhecem como iguais e que estão intelectualmente preparados para lidar em igualdade com os líderes chineses. E os planos devem estar em tal escala que seja evidente, enquanto ampla segurança e lucro razoável são dados aos investidores estran-

geiros, o resultado será tornar a China a amante de seus próprios destinos econômicos. Quando isso for feito, ela não terá dificuldade em se cuidar politicamente. Só porque o fator de controle nas políticas de outras nações foi o cultivo da sujeição econômica da China, os Estados Unidos têm uma oportunidade sem paralelo de seguir o caminho oposto. Tem a imaginação e a energia?

II

Um estudante chinês que agora está neste país e que era um líder ativo na Revolta dos Estudantes em 1918 em Pequim, recentemente comentou comigo que a conduta da delegação oficial chinesa em Washington o levou a refletir sobre o ensino superior chinês. Ou melhor, ele pensou que o curso deles era um reflexo da educação chinesa em algumas de suas fases. Ele considerou a delegação como tendo falhado essencialmente em sua tarefa. Reconheceu que as condições na China e também as exigências da política americana, ou o que os representantes americanos consideravam ser tais, tinham uma grande participação no fracasso da China em atingir seus objetivos. Mas disse que havia outra edição de *The New Republic*, 1 de março de 1922; publicado sob o título *America and Chinese Education*.

Fracasso pelo qual os delegados chineses eram responsáveis: em Washington não houve manifestação expressiva do sentimento nacional chinês. Certas falhas práticas podem ser consideradas inevitáveis; mas havia apenas uma explicação para o fracasso em expressar a atitude contemporâ-

nea ativa do povo chinês, que foi encontrada em qualidades não representativas nos delegados.

Até agora, sua visão da situação é primordial e prática interesse para os chineses. Diz respeito apenas aos americanos, pois simpatizam com a China e desejam ver suas justas aspirações adequadamente expressas. Mas a conexão do fato que ele cita, se é fato com o estado do ensino superior dos chineses, nos toca de perto. Todos os três delegados são norte-americanos; dois deles estudaram em instituições missionárias conduzidas por americanos na China antes de vi-rem para a América para estudar. E esses dois diplomatas da delegação são aqueles cujos métodos têm sido mais insatisfatórios para os chineses em casa e neste país. O terceiro membro, aquele que não havia estado sob os auspícios missionários em sua educação preparatória na China, é aquele que é considerado o mais representativo da atual China.

Agora a conclusão educacional que tinha desenhado o líder estudantil foi que o ensino missionário americano foi capaz de desenvolver o pensamento independente, enérgico e personagem entre até seus mais ilustres licenciados. Produziu-se um tipo intelectual subserviente que se caracteriza por servil.

A correção literal de suas premissas e conclusões não precisam ser categoricamente afirmadas. É fácil negar as premissas ou sustentar que elas são pequenas demais para suportar o ônus da conclusão. Não há muitos não chineses que sabem o suficiente para julgar a situação e eu não estou entre eles. Mas uma coisa pode ser afirmada positivamente. A visão em questão expressa uma crença que cada vez mais mantida na China. Ele contém elementos que são de primor-

dial importância. Sugere a atitude da China jovem de hoje como distinta daquela China jovem que figuras nos escritos de homens como o Sr. J. O. P. Bland, que, se não for importante em si mesmo, é importante como porta-voz de uma classe definida de estrangeiros na China, que foram as pessoas mais influentes na divulgação de informações e na formação de opinião estrangeira sobre a China.

A China Jovem, de que fala a Escola Bland, consiste de um grupo de homens estrangeiros formados, dos quais os dois diplomatas da delegação oficial na Conferência de Washington são bons representantes. A China jovem, vista desse ângulo, significa homens que entraram na política, doméstica e diplomática, com preconceitos ocidentais, geralmente americanos, e que tentaram forçar concepções e métodos políticos ocidentais, geralmente americanos, sobre a China. Dizem que fracassaram, fracassaram tragicamente, devido à inaptidão intrínseca de suas concepções e métodos para mudar tradições e costumes imemoriais e traços raciais arraigados do povo chinês: imemorial, atávico e racial são os slogans literários dessa escola de comentaristas estrangeiros na China. O fracasso remonta aos esforços bem-intencionados de missionários que estragaram por causa de suas tentativas ignorantes de impor maneiras estranhas de pensamento e de ação política sobre a China. Com esta condenação da China Jovem e de seus patrocinadores estrangeiros, há uma condenação de todas as tentativas da China de se tornar republicana no governo e de transformar sua cultura.

Não sei até que ponto esse quadro realmente representou uma China jovem. Mas os eventos acontecem rapidamente na China, e certamente a China Jovem de hoje não

tem nada em comum com esta foto. A Jovem China atual está empenhada em uma verdadeira transformação da cultura chinesa às vezes uma ruptura revolucionária com o passado, mas em qualquer caso uma transformação. É democrático, mas sua democracia é social e industrial; há pouca fé na ação política e pouco interesse nas mudanças governamentais, exceto porque elas podem refletir naturalmente mudanças nos hábitos da mente. Há pouca simpatia pelos esforços missionários, não porque eles representam o Ocidente, mas porque se acredita que eles não representam o que a China mais precisa do Ocidente a saber: método científico, liberdade agressiva e independência de investigação, crítica e ação .

Daí a observação citada anteriormente sobre a causa do fracasso da diplomacia chinesa em Washington e sua raiz na fraqueza da educação dada pelos americanos na China.

Ao querer uma transformação de seu país, os jovens chineses não pensam em uma China ocidentalizada, uma China que repete e imita a Europa ou a América. Eles querem conhecimento e métodos ocidentais que eles mesmos podem empregar de forma independente para desenvolver e sustentar uma China que é ela mesma e não uma cópia de outra coisa. Eles são muito gratos a qualquer estrangeiro que dê qualquer coisa que possa ser interpretada como ajuda nesse processo. Sentem-se profundamente ressentidos com todos os esforços que condescendentemente sustentam instituições ocidentais, políticas, religiosas, educacionais, como modelos a serem humildemente aceitos e repetidos de forma submissa. Eles têm plena consciência de que o espírito de imitação à custa da iniciativa e da independência do pensamento tem sido a principal causa do retrocesso da China e

não se propõem a mudar o modelo; eles pretendem transformar o espírito.

Nada se ouve com tanta frequência dos lábios dos representantes da China jovem de hoje em dia que a educação é o único meio de reconstruir a China. Não há outro tópico que seja tão discutido. Existe um enorme interesse em superar o sistema familiar tradicional, em derrubar o militarismo, em extensão do autogoverno local, mas sempre a discussão volta à educação, aos professores e aos alunos, como a agência central na promoção de outras reformas.

Esse fato coloca a questão da qualidade e direção da influência americana na educação chinesa é mais do que uma preocupação acadêmica. As dificuldades no caminho de uma prática a extensão e a regeneração da educação chinesa são praticamente insuperáveis. A discussão geralmente termina em um impasse: nenhuma reforma política da China sem educação; mas nenhum desenvolvimento das escolas, desde que militares e oficiais corruptos desviem fundos e se oponham às escolas de motivos de interesse próprio. Aqui estão todos os materiais de uma tragédia de primeira magnitude.

À parte a questão da educação, o que é feito e o que não é feito em Washington é de momento secundário. Isso torna vital a questão da influência americana. Há um ótimo e crescente interesse filantrópico na América pela China. Mostra-se em apoio a esquemas educacionais e em fundos generosos de assistência. Não é motivado de maneira considerável por considerações econômicas, expectativas de lucros comerciais ou expedições políticas. É motivado em grande parte por considerações religiosas. É bem menciona-

do, mas as intenções nem sempre são esclarecidas na concepção nem na execução. Não foi um estrangeiro descontente nem um chinês ciumento e anti-estrangeiro que me disse que as faculdades missionárias americanas na China haviam simplesmente transplantado o currículo universitário americano e as concepções americanas de “disciplina”; e que, em vez de formar graduados que poderiam se tornar líderes no desenvolvimento das indústrias da China em uma base chinesa independente, havia homens que, quando ingressaram na Indústria, assumiram posições subordinadas nas indústrias estrangeiras administradas, por causa de seu treinamento especialmente na língua inglesa. Não há diferença de efeito entre esta declaração e a citada no início deste artigo sobre a promoção do dependente, do servil, mente e caráter. E um missionário envolvido ativamente no trabalho educacional foi seu autor. A influência americana na educação chinesa deveria ter algo melhor a fazer do que treinar compradores comerciais, políticos e religiosos.

Algo pode ser feito incentivando instituições gerenciadas americanas que estão tentando desenvolver um melhor tipo de escola; libertando aqueles homens que, contra a mesquinha oposição e a irritação que agora encontram de reacionários, estão adaptando seus currículos e métodos às condições chinesas. Existem algumas instituições na China onde os membros chineses do corpo docente são colocados no mesmo plano salarial, de dignidade social e importância administrativa que os estrangeiros. Deixe-se inclinar-se fisicamente, cuja filantropia é algo mais do que um manto de intromissão fanática ou egoísmo, selecione essas instituições para obter ajuda. Muitos não sabem que, atualmente, mi-

lhões de dólares americanos de um fundo especial estão sendo gastos na China para converter almas; que vão apenas para aqueles que têm os pontos de vista teológicos mais dogmáticos e reacionários, e que a pressão desses fundos é usada para reprimir o elemento liberal e colocar as instituições liberais em má reputação e também em dificuldades financeiras. Esse é um negócio vergonhoso de qualquer ponto de vista, e deve ser tratado por um negócio generoso e sábio. A China não precisa de cópias de faculdades americanas, mas ainda precisa de faculdades apoiadas por fundos estrangeiros e, em parte, administradas por estrangeiros bem treinados, que são capazes de entender as necessidades chinesas, alertas, ágeis e solidários em seus esforços para atendê-las.

Mas é claro que o trabalho principal deve ser realizado em instituições distintamente chinesas, com pessoal principalmente e administrado inteiramente por chineses. Em vez de se importar com os missionários, devemos lembrar que eles eram quase os únicos no passado com uma força motriz forte o suficiente para levá-los a ter um interesse ativo na educação chinesa. Parece que havia chegado o momento em que existem pessoas de meios cujo interesse social e humano, independente de considerações religiosas, possa se mostrar nas escolas nativas edificantes. Acima de tudo, essas escolas precisam de laboratórios e bibliotecas modernas e homens bem treinados de primeira categoria que possam treinar mandarim no local para o uso dos melhores métodos nas artes sociais e nas ciências naturais e matemáticas. Tais homens poderiam treinar não apenas estudantes, mas também professores mais jovens que ainda não estão completamente equipados e que, com muita frequência, sofrem de

falta de contato intelectual. Os homens de primeira classe que vão à China nesse espírito sem nada para “substituir”, exceto seu conhecimento, seus métodos e suas habilidades, terão uma resposta maravilhosa.

Em algum lugar da América, deve haver homens de recursos que possam dar seu dinheiro e homens de ciência que possam contribuir com seus serviços nesse espírito. Seu trabalho não será realizado por causa do prestígio ou do comércio dos Estados Unidos, mas isso será feito em prol daquele mundo conturbado do qual a China e os Estados Unidos são parte integrante. Construir uma China de homens e mulheres com pensamento e caráter independentes treinados, diminuirá os “problemas” do Extremo Oriente como agora nos atormentam; não haverá necessidade de conferências para discutir e disfarçar os “Problemas do Pacífico”. A influência americana na educação chinesa será então um bem real, em vez de uma bênção mista e duvidosa.

III

Durante a grande fome, eu estava presente quando vários americanos em Pequim estavam discutindo as relações dos Estados Unidos e da China. Um deles, um homem de negócios, estava reclamando da grande dificuldade de conseguir que os americanos investissem seu dinheiro na China para fins industriais e comerciais. Ele partiu do fato de que um esquema de engenharia que teria um benefício indiscutível para a China, uma vez que envolvia um projeto de recuperação que evitaria inundações, fracassou por causa da recusa dos americanos em investir seu dinheiro, embora um

retorno justo tivesse foi assegurado. Ele contrastou esse impedimento com a quantidade de dinheiro que acabara de ser voluntariamente contribuído pela benevolência para o alívio da fome. O montante dado foi vários milhões a mais do que o montante que havia sido recusado como empréstimo. Ele afirmou, e não totalmente com um espírito caprichoso, que a única maneira de financiar as necessidades da China nos Estados Unidos era apelar para as igrejas e pessoas filantrópicas com base na benevolência, não no lucro. Muitas vezes pensei que suas observações forneceram, de certa forma, um símbolo das relações subjacentes dos dois países. Claro que existem relações comerciais americanas com a China, e alguns deles têm muito em jogo. E, no entanto, eles dificilmente são típicos da situação. No verdadeiro sentido, nossa preocupação com a China é mais parental do que econômica. Todos os sentimentos dos pais são um tanto confusos: geralmente contêm um fator econômico; existe a esperança de que as crianças possam ajudar mais tarde. No entanto, a expectativa de ganho financeiro não é a essência do sentimento dos pais.

O capital da China estão em missões, educação e filantropia. Os europeus, acostumados aos métodos continentais, geralmente consideram natural que esses desenvolvimentos foram feitos com fins comerciais ou políticos em vista. De fato, os americanos não são raramente elogiados pelos europeus pela astúcia perspicaz com que nosso país estabeleceu seus planos no Extremo Oriente. Para quem conhece a história real dos eventos, essa implicação é absurda. No entanto, uma situação definida foi criada; nossas relações com a China são principalmente culturais. Nós fomos lá com

ideias e ideais, com sentimentos e aspirações; apresentamos um certo tipo de cultura à China como modelo a ser imitado.

Até onde chegamos, fomos *in loco parentis*, com conselhos, com instruções, com exemplo e preceito. Como uma boa mãe, teríamos trazido a China da maneira que ela deveria seguir. Há um aspecto genial e generoso nisso tudo. No entanto, criou uma situação repleta de perigos. Nosso papel diplomático e político tem sido amplamente paterno.

Desde a época de Burlinghame, temos sido, até certo ponto, protetores. A doutrina da Porta Aberta, de manter a integridade territorial da China, corria com nossos próprios interesses. A remissão da indenização do Boxer para fins educacionais é do conhecimento de todos, mas John Hay, sem dúvida, prestou um serviço maior à China ao limitar as reivindicações e exações das nações europeias. Não fizemos tanto positivamente quanto nos orgulhamos; mas do lado negativo, pela ausência de agressão, suavizando as coisas quando poderíamos sem grandes problemas desempenhamos um papel paterno.

Essa parte suscita expectativas que nem sempre devem ser atendidas. As expectativas podem não ser razoáveis e, no entanto, não serem atendidas podem provocar decepções e ressentimentos. Há algo desse tipo no temperamento da China em relação a nós hoje: um sentimento de que despertamos falsas esperanças apenas para negligenciar o cumprimento das obrigações envolvidas na excitação.

Por outro lado, os pais raramente conseguem se libertar da noção de que a gratidão lhes é devida; falha em receber passa rapidamente para a raiva e a antipatia. A menos que este país tenha mais do que a quantidade média de

compreensão dos pais, em breve poderá cobrar ingratidão na China.

O perigo mais sério, no entanto, surge do fato de a China crescer rapidamente. No sentimento, se não em ação efetiva, está atingindo a maioria. Doravante, cada vez mais, se ressentirá de qualquer suposição de tutela dos pais, mesmo de um tipo benevolente. Os sinais do ressentimento já são aparentes. Missões e até escolas não são mais bem-vindas se assumirem um ar de superioridade sobre o que têm a oferecer ou sobre sua administração. Os chineses acham que chegou um novo dia e que os estrangeiros, mesmo aqueles com as melhores intenções, devem se acomodar a ele. Eles são livres na imputação de motivos ruins sempre que interesses estrangeiros não respondem. Politicamente também, os chineses não desejam mais nenhuma tutela estrangeira.

Se este país não assumir a liderança no alívio da tutela judicial e tarifária, o que podemos ter feito no passado será rapidamente esquecido.

Há uma crise na maioria das famílias quando aqueles que estão sob cuidados e proteção crescem a ponto de afirmar sua independência. É o mesmo na família das nações. Obviamente, a responsabilidade primária recai sobre os maduros e experientes. Nos próximos dez anos, provavelmente precisaremos de muita paciência, tolerância, compreensão e boa vontade para alterar nossa atitude tradicional dos pais (colorida como tem sido por um temperamento de mecenate, consciente ou inconsciente), em respeito e estima por uma cultura igual. Se não conseguirmos fazer a mudança com sucesso, a relação deste país com todo o Extremo Oriente terá uma virada decidida para pior.

O PERIGO BRANCO²¹

Há um ou dois meses, os relatórios emanados da Alemanha informavam sobre supostas cláusulas secretas no tratado russo-japonês, segundo as quais os dois países haviam feito uma combinação contra a Europa e os Estados Unidos em relação à Ásia em geral e à China em particular. Chegou mesmo a detalhar o número de soldados chineses que deveriam ser treinados para o exército da combinação. Não é difícil imaginar, por trás deste relatório, o desejo de alguns alemães de despertar apreensão em nossas mentes, para que a Alemanha, rejeitada pelos maus-tratos continuados do mundo ocidental, deva finalmente se interessar por uma combinação asiática. A evocação do Perigo Amarelo pelo falecido Kaiser foi recebida, mesmo antes da Guerra, pelo menos na mente de alguns americanos, pelo fantasma de uma combinação alemão-russo-japonesa, muitas vezes com a China lançada, para adicionar volume ao fantasma.

Nos últimos dias, pedágios a cabo foram pagos para nos dar a conhecer o discurso de um homem público francês que profetizou a próxima grande guerra, mais terrível do que qualquer outra que já tivesse acontecido. Essa guerra será entre a Ásia e o resto do mundo, os Estados Unidos enfrentando o peso do ataque. Como o discurso foi feito e relatado exatamente no momento em que, segundo outros relatos, o governo francês estava desaprovando outra conferência de desarmamento de Washington, não é cínico supor que esse

²¹From The New Republic, April 22, 1925; published under the title Highly-Colored White Lies

espetáculo de horror em particular tenha sido pintado para afastar a mente americana do interesse no desarmamento prematuro e sugerir que, no empreendimento, poderemos precisar da ajuda das armas francesas.

Algumas semanas atrás, no debate no Parlamento Inglês sobre a questão da fortificação de Cingapura, um representante do Gabinete, em resposta a uma pergunta de MacDonald, teria dito com efeito que cidadãos dos Estados Unidos provavelmente ficariam favoráveis ao fazer de Singapura uma forte base naval, devido à influência de sua proximidade com as Filipinas em caso de guerra entre os Estados Unidos e o Japão. Considerando a ofensa que tal observação deveria causar ao Japão, o último aliado da Grã-Bretanha, é pouco provável que essa indiscrição tenha como objetivo apenas aplacar o sentimento neste país com relação à medida de Cingapura. O secretário que fez a declaração dificilmente deixaria de saber que a observação seria tomada em toda a Ásia, incluindo a Índia, assim como o Japão e a China, para significar que existe um entendimento ou entente de algum tipo entre a Grã-Bretanha e a América com referência a Assuntos asiáticos. É razoável inferir que essa foi a impressão que ele pretendia criar com sua observação.

Não se pense que estes três países europeus são mais culpados neste assunto do que nós próprios. Representantes de interesses de nossa marinha têm feito sistematicamente o que podem para criar em nossas mentes o medo do Japão. Eles fomentaram todas as suspeitas e alarmes que poderiam se alojar e criar raízes entre nós. Eles também conversaram sobre a possível união do Japão e da Rússia; não hesitaram em tentar perturbar nosso histórico sentimento de amizade

com a China por histórias tolas sobre o bolchevizar da China e sua possível união com os interesses soviéticos contra o resto do mundo. Em particular, se não em público, fazem com que se entenda que os agentes japoneses estão ocupados na Índia, incentivando e subsidiando o movimento nacionalista independente ali com o objetivo de obter a assistência da mão-de-obra da Índia no futuro, com os Estados Unidos.

Algumas semanas atrás, cartoons em um jornal americano mostravam duas cenas alternativas. Ou este país deve se alinhar ativamente com as potências europeias, tendo um interesse responsável em seus assuntos, realmente se unindo a elas na formação de sua política internacional, ou finalmente nos uniremos a eles na escravidão sob o calcanhar de raças amarelas e marrons. É fácil ver os motivos das outras propagandas altamente coloridas. Esse caso em particular parece um ataque gratuito de tolice, já que mesmo o devoto mais fanático de nossa entrada na Liga das Nações dificilmente poderia ter pensado nesse argumento. No entanto, é apenas um dos muitos sinais da tentativa de criar a crença de que em algum momento ou outro e provavelmente razoavelmente breve haverá um conflito armado entre todas as raças coloridas e brancas, ou entre os Estados Unidos e algumas raças coloridas. Uma versão do futuro conflito, que é uma ligeira variação do esquema de cores, é a profecia da união de todos os povos muçulmanos em uma guerra pelo extermínio de um lado ou de outro contra os povos cristãos. Ocasionalmente, é lida-se sobre esse tipo de outorga dos seguidores oficiais de Cristo.

É fácil dizer que pessoas inteligentes não prestam atenção a esses relatórios. É exatamente isso que os torna perigosos. Qualquer um que acompanhe as declarações e os rumores dos quais os citados são apenas amostras casuais ficará surpreso e talvez chocado ao descobrir quão numerosos e variados eles são, e que fluxo constante deles corre na mente dos homens. A própria estupidez que faz com que as pessoas sensíveis as negligenciem ou se desviem com desgosto lhes dá uma entrada nas mentes de muitos cujo conhecimento de assuntos estrangeiros é quase nulo. Não adianta apontar para essas pessoas que os interesses do Japão e da Rússia na Ásia são tão antagônicos como sempre foram, e que mesmo agora as atividades do governo soviético, que reteve o antigo imperialismo do czar, além de uma nova eficiência, está criando atrito com o Japão e a China na Mongólia externa e interna, respectivamente. É inútil ressaltar que a China tem medo histórico e constitucional da Rússia e do Japão e joga um contra o outro, conforme a situação exigir. Não adianta ressaltar que a Índia ficará mais do que ocupada por gerações com seus próprios problemas internos, independentemente de ela permanecer uma dependência britânica ou se tornar independente. E é igualmente inútil salientar que o chamado mundo muçulmano é uma mistura de tribos particularistas e centrífugas, estados mesquinhos e interesses que nada menos que um milagre trará uma aparência de unidade. É igualmente inútil apontar a impotência industrial das pessoas que são combinadas para compor o espantalho. A ignorância é invencível.

Consequentemente, é mais do que inútil salientar que esses relatórios, calculados para despertar o pavor de uma

ameaça asiática em geral e japonesa em particular, vêm de outro lado. Eles são movidos por fontes inconsistentes. Para os poucos que os desconsideram nessa conta, existem milhares que são movidos pelo consenso de seus resultados. Pois todos eles tendem a ter um único resultado na prática, por mais que sejam logicamente contraditórios entre si. A opinião pública está sendo envenenada em sua fonte. Enquanto isso, o mito nórdico e racial coopera para o mesmo resultado. Embora comparativamente insignificante em sua influência direta, por estar confinado a um pequeno grupo de intelectuais profissionais, no entanto, pode ter um peso sério no final, apenas porque reforça os sentimentos preconceituosos de uma massa ignorante.

Possivelmente, por suscitar suspeitas de outro tipo, é mais útil notar que, em toda essa enxurrada de rumores, provenientes de tantas fontes diferentes, são os Estados Unidos que são eleitos para ficar na van do inevitável conflito. O inevitável conflito racial é um mito romântico sem a atração e competitividade da maioria dos romances. Mas suas consequências são definitivas e concretas e os Estados Unidos são os principais sofrendores. Poucos americanos provavelmente até conhecem a decisão da Suprema Corte, tornando impossível para os índios do leste se naturalizarem neste país. Menos ainda se conhecem as atividades de nosso governo, aparentemente sob a instigação especial do patriota Sr. Beck, para tomar a decisão retroativa, cancelando a cidadania do pequeno número anteriormente naturalizado, deixando-as literalmente sem um país. Milhões, no entanto, conhecem o fato na Índia, e nossa influência educacional e outras receberam um tremendo golpe nesse país em consequência.

Nosso Senado, com seu tapa rude no orgulho japonês, impediu que duzentos ou trezentos japoneses por ano migrassem para este país. Em consequência, os interesses comerciais americanos sofreram muito com a perda de contratos no Japão, enquanto, um caso de importância infinitamente maior, o crescimento de ideias democráticas no Japão, a única coisa calculada para aumentar o prestígio americano no país, sofreu seu principal revés, e a influência anti-americana da classe imperialista e burocrática recebeu um reforço que mais acolhe.

É demais dizer que o sentimento chinês ainda se voltou definitivamente contra nós, mas é sabido por todos em contato com as classes educadas chinesas, seja em casa ou entre o corpo discente deste país, que muitos chineses estão começando a perguntar se os Estados Unidos estão voltando à sua política tradicional de desapego amistoso e se aproximando de uma união ou entendimento com as políticas europeias de agressão econômica e política.

Simplemente do ponto de vista do interesse próprio, precisamos perguntar se não é hora de interromper a circulação e a influência desses relatos e profecias tolas. E do ponto de vista mais amplo da influência dos Estados Unidos no mundo na busca da paz e da boa vontade entre as nações, é imperativo dar atenção à questão. Será uma pena trágica se os pensamentos e atividades daqueles entre nós que se concebem de mente internacionalmente especial se fixarem tanto na situação europeia e na importância de combater as políticas isolacionistas naquele trimestre, que se tornem cegos e indiferentes à mudança. Isso está acontecendo constantemente no sentimento americano com referência às nossas re-

lações com o continente asiático. Entre os povos que despertam, existe um campo natural e legítimo para o exercício de tudo o que é sólido nas ideias e ideais históricos americanos: e é aí que o nosso poder para o bem está sendo minado sistematicamente.

II

Se não fosse um fato e um fato mais ou menos familiar, a Conferência agora em solene conclave em Pequim seria incrível. O axioma ortodoxo de toda “ciência política sólida” é a soberania nacional; na prática, nenhuma fase da independência política é mais zelosamente guardada do que o direito de controlar os impostos e cobrar tarifas, seja pela receita ou pela criação de indústrias nascentes. Em sessão em Pequim, estão representantes das três grandes democracias do mundo, Grã-Bretanha, Estados Unidos e França, cada qual professando fé não qualificada no direito das nações independentes ao autogoverno. Além disso, existe uma hostilidade generalizada a tudo o que cheira a “internacionalismo”; pois não são os internacionalistas “vermelhos” e os vermelhos não são uma ameaça?

Destas premissas, dificilmente se concluiria que a Conferência em Pequim seja uma assembleia internacional realizada para participar do governo da China; que arroga para si uma das funções mais “sagradas” da soberania, a de fixar a tarifa sobre mercadorias estrangeiras e que não tem noção de ceder mais ao desejo e propósito expressos da China em relação aos seus próprios assuntos do que deve achar necessário para evitar problemas sérios.

É sem dúvida altamente teórico chamar a atenção para discrepâncias flagrantes entre teoria e prática políticas. Não obstante, pode ser uma maneira de induzir o público americano a visualizar a cena chinesa e perceber que o Departamento de Estado dos Estados Unidos logo decidirá se continuará se engajando na regulamentação dos assuntos internos da China, ao contrário de a vontade do povo chinês, ou se ele terá a coragem e a iniciativa de agir não apenas de maneira democrática, mas, decente, ao permitir o autogoverno financeiro ao governo chinês.

Não há razão para duvidar dos sentimentos amáveis do Departamento de Estado; com toda a probabilidade, significa bem para a China e suas expressões de boa vontade não são uma camuflagem hipócrita. Mas o Departamento é influenciado pelo precedente, pela rotina, pela etiqueta da diplomacia, que pode mais facilmente temer uma violação de maneiras em relação a outras nações do que uma violação da justiça em relação à China. E também está exposto à influência direta e mais ou menos poderosa de interesses comerciais que desejam, em nome de seus próprios bolsos, manter a tarifa da China sobre mercadorias estrangeiras no ponto mais baixo possível.

É demais esperar que o público em geral tenha uma preocupação ativa nas decisões a serem tomadas e traga maior pressão ao Departamento de Estado para agir de maneira justa, humana e democrática do que o interesse próprio e grupos ocultos trazem na direção oposta? É fútil dar uma palestra ao público em geral sobre suas responsabilidades nesse assunto; está farto de responsabilidades estrangeiras e quer ser deixado em paz. Mas pode não fazer mal afir-

mar com toda a ênfase possível que atualmente o povo americano está sendo julgado na China e que a atitude adotada pelos Estados Unidos em relação à autonomia tarifária determinará por longos anos a atitude dos chineses em relação a nós.

Nossas profissões de boa vontade para com a China são sinceras? Nossas afirmações de maior desinteresse do que anima outras nações são genuínas? Ou eles são uma combinação de farisaísmo, sentimentalismo e conversa fiada? Essa é a questão na maioria dos chineses, e a maneira como o povo americano atende à questão tarifária pode determinar por uma geração o alinhamento moral e político do povo chinês à civilização ocidental em geral e às ideias e instituições americanas em particular.

Escusado será dizer que a posição ilógica de interferência de nações democráticas, elas próprias altamente nacionalistas e principalmente viciadas em tarifas protetoras, com os assuntos internos da China cresceu gradualmente por razões históricas, e assim foi tolerada até que se tornasse familiar e um interesse pessoal.

No início, o povo chinês era indiferente, e é quase correto dizer que o governo chinês convidou a interferência. No passado, não funcionou totalmente mal; um bem considerável veio disso. Se as conferências internacionais para ajudar a regular os assuntos de cada nação eram a regra e não uma exceção confinada a países tão fracos que podem ser confundidos com segurança, pode até haver algo a dizer para continuar a prática na China. Mas o passado não é o presente, e a China atual está empenhada em uma ruptura radical com o passado em tudo o que diz respeito à sua pró-

pria administração de Seus próprios assuntos. O perigo é que os diplomatas não encarem a realidade e a extensão dessa mudança, e palpitam, comprometem-se, refletem sobre os detalhes, fazem o mínimo que podem e confiam nos eventos futuros para conseguir escapar da sua evasão.

Não é exagero dizer que, a menos que a Conferência Internacional tome medidas que visem de maneira definida e declarada a retomada da autonomia tarifária chinesa, não em algum momento vago futuro em que tudo esteja bem com o governo da China, mas em uma data especificada em condições especificadas, a opinião pública na China forçará qualquer governo chinês que possa existir a retomar a autonomia tarifária em desafio às potências, e isso em uma data distante. Para colocar o assunto em seu nível mais baixo, pode ser uma boa virtude tornar-se necessário e, antecipando os eventos, é creditado por um ato justo e sensato.

Entende-se que as potências estão dispostas a permitir à China nivelar as tarefas em até dez ou quinze por cento. É relatado que o Japão surpreendeu ao se voluntariar na primeira reunião para concordar em aumentar até doze por cento e meio. Sente-se incapaz de comentar adequadamente a situação. Se a imaginação apenas funcionar e pensar em uma conferência semelhante convocada para transmitir os assuntos da França ou da Itália, ou dos Estados Unidos, ou mesmo de uma potência europeia de terceira categoria, não haverá necessidade de nenhum comentário; um sentimento de indignação e ressentimento de uma China despertada e do perigo de dar causa ao seu crescimento contínuo cuidará do caso.

Mas é mais do que a quantidade de tarifa que a China deve cobrar que está sendo considerada. Também é proposto decidir para a China o que ela fará com os dinheiros quando eles forem criados. Há uma história de que o consentimento do Japão à proposta americana de uma conferência foi garantido por um acordo tácito de que os Estados Unidos se uniriam ao pedir que os fundos adicionais fossem empregados para pagar os empréstimos de Nishaliara pelo Japão. A história pode muito bem ser falsa, mas também pode ter um certo fato nela. Sem dúvida, a China deve cumprir suas obrigações no exterior. Mas, considerando que esses empréstimos foram feitos no momento em que o partido pró-japonês de Anfu estava no poder em Pequim e são universalmente considerados parte da traição da China a interesses estrangeiros, é óbvio que a popularidade e prestígio de a Conferência não será aumentada por nenhuma dessas propostas.

E essa situação ilustra o perigo que agora se apoia em toda pretensão das potências estrangeiras de decidir os assuntos domésticos da China. Algumas decisões sobre o uso a ser feito pela China de fundos adicionais seriam menos impopulares do que outras, mas qualquer tentativa de decidir e fazer cumprir a decisão, qualquer coisa mais do que conselhos que sejam legítimos na atual condição emaranhada das finanças chinesas criar problemas em vez de aliviar uma situação já problemática.

É banal dizer que, na condição atual do mundo, as nações não podem mais fazer o tipo de coisa que uma vez fizeram com naturalidade e impunidade. Mas esse fato banal é a essência da situação chinesa. A única questão é se ele deve

ser reconhecido apenas por pequenos pedaços, de má vontade, e se rendendo a problemas somente depois de ter rompido, ou se será reconhecido de uma só vez com toda a força e de todo o coração. Se os Estados Unidos mostrarem disposição para comprometer, adiar, dar meio e quarto passo, fugir, depender de fórmulas consagradas pelo tempo que nada têm a ver com a situação atual, o caso, difícil o suficiente na melhor das hipóteses entre os poderes, é perdido com antecedência. Se ele liderar com uma política definida e completa da qual a autonomia financeira da China é uma característica central, algo definitivo será alcançado.

O público americano deve ter em mente que não há dúvida nem do que é chamado de honra e prestígio nacional em jogo. Existe apenas um interesse adquirido. Reduzida aos seus termos mais baixos, a questão para os cidadãos americanos decidirem se deseja que o poder do governo dos Estados Unidos seja usado para promover, às custas da China e das boas relações da China e dos Estados Unidos, os interesses pecuniários de um pequeno grupo de fabricantes, comerciantes, agentes de comissão e exportadores. Sem dúvida, todos são homens entusiasmados e com altas tarifas em casa, mas querem manter um controle fácil e barato sobre os mercados chineses, mantendo a taxa de serviço baixa. No fundo, é disso que trata a solene e digna Conferência Internacional de Pequim, apesar de ser possível sobrepor esse trabalho de base a muitos assuntos importantes, mas irrelevantes. A questão é simples o suficiente para que mesmo pessoas cansadas de questões e políticas estrangeiras possam passar adiante, e o fazem com rapidez e eficácia. Desejamos que a China seja tratada como um povo livre e que respeita a si

próprio, ou como um mercado no qual despejar mercadorias para o lucro pecuniário de um pequeno número?

III

O general Crozier nos forneceu um ensaio interessante sobre as condições na China, que dificultam a criação de um governo unificado, estável e eficiente.

Ele complementou esta conta com um ensaio mais breve sobre a facilidade comparativa com a qual a conquista militar daquele país poderia ser realizada. As duas declarações formam a base para o que, de fato, é um pedido de intervenção na China a ser realizado por ação preferencial de várias grandes potências. Essa intervenção deve ser totalmente altruísta em caráter, com base no desejo de ajudar a China a encontrar sua própria unidade, ajudá-la no desenvolvimento do direito civil e da administração, libertá-la da interferência voraz de militaristas e oficiais e deve terminar na entrega de um governo sem problemas ao povo chinês. Parece um sonho. Se tentado, pode se tornar um pesadelo.

Seu relato de condições na China, mesmo que uma vez substancialmente correto até o momento, deixa de fora um fato fundamentalmente importante. Ele falha em dar peso ao extraordinário *From Current History*, maio de 1928; publicado no título Intervenção um Desafio ao Nacionalismo; sendo uma resposta ao artigo do major-general (aposentado dos EUA) William Crozier na mesma edição.

Ela não consegue dar peso ao desenvolvimento do sentimento nacional nos últimos anos na estimativa da provável recepção de intervenção benevolente pelos chineses.

Eu não deveria ter pensado ser possível para alguém escrever sobre assuntos políticos chineses e fazer tão pouca referência quanto ele fez a esse aspecto da situação. É verdade que o sentimento nacional não é suficientemente forte ou bem organizado para criar um governo unificado. Pode levar anos até que esse objetivo seja alcançado. Mas é poderoso o suficiente para trazer em nada qualquer esquema como o proposto pelo general Crozier.

A probabilidade e a eficácia da resistência organizada a um governo que repousa sobre a força estrangeira são imensamente subestimadas. É verdade que os chineses ainda não têm capacidade de combinação positiva e construtiva. Eles têm, no entanto, uma enorme capacidade de organização negativa, de resistência.

A agitação contra interferências estrangeiras ocorrida nos últimos anos já despertou esse poder para a ação. O aumento da interferência a tornaria uma força irresistível.

Os chineses são faccionais; mas a intervenção estrangeira os fundiria em uma unidade sólida, desde que o estrangeiro estivesse lá. O general Crozier pensa, aparentemente com base nos relatórios de Hong Kong, que eles não poderiam se unir com sucesso nem ao boicote sem a assistência de poderes governamentais, o que naturalmente não poderia ser tido com o governo nas mãos de agentes estrangeiros. Bem, eu estava na China oito anos atrás, quando o boicote contra os japoneses foi iniciado. Foi iniciado por estudantes. Em vez de ter o apoio do governo, este era pró-japonês e pretendia suprimir o movimento pela força. Em poucas semanas, o gabinete foi derrubado; e é comumente entendido que o boicote foi tão prejudicial aos interesses japoneses que

é responsável pela mudança na atitude do Japão em relação à China.

Desde então, as coisas mudaram rápido e longe. Os comerciantes, assim como os estudantes, estão agora organizados, enquanto em todos os centros industriais os trabalhadores são uma potência organizada. À parte os boicotes e os meios de resistência passiva, o esquema de governo proposto seria prejudicado pela não cooperação chinesa. Seu sucesso dependeria do recrutamento de chineses para que eles pudessem ser educados em modernos procedimentos administrativos e legais. Os únicos chineses que prestariam serviço em um governo conduzido por estrangeiros, com apoio armado, seriam dos corruptos, classe egoísta. Estes seriam considerados traidores pelos seus compatriotas. O governo estrangeiro seria uma mera concha. Pode durar anos e os chineses não estão mais próximos do autogoverno do que hoje. De fato, com a irritação e o ódio que isso produziria, e uma união com base na hostilidade ao estrangeiro, o último estado seria pior que o primeiro.

O próprio Crozier declarou com franqueza as dificuldades no caminho da intervenção estrangeira cooperativa e no estabelecimento de um governo honesto e inteligente, realmente gerenciado pelo bem do povo chinês, que não é necessário falar muito sobre essa fase do assunto. Como o general Crozier diz: “A única justificativa que admitimos para fazer uso de nossa força é a defesa de nossos interesses, das vidas e propriedades de nossos nacionais”. Ele considera isso egoísta. Mas é o único terreno reconhecido, e é assim porque o sentido político das nações sabe quão fantástica é a ideia de uma intervenção genuinamente benevolente, abne-

gada e inteligente. Com isso, as intervenções já conduzidas têm sido muitas vezes as causas de agressão predatória e exploração dos povos sujeitos a ela. No mundo em que vivemos, o ideal do general Crozier de uma união de grandes e imperialistas potências com o único objetivo de ajudar outra nação, uma nação tão diferente de costumes e tradições como a China, é um sonho.

Levou séculos para que os países ocidentais emergissem de condições políticas não muito diferentes das da China para nossa aparência atual de autogoverno honesto e eficiente. Vai levar tempo para a China fazer a transição. Ela precisa da nossa ajuda.

Mas isso deve acontecer com paciência, simpatia e esforço educativo, e com os lentos processos de comércio e troca de ideias, e não por um domínio estrangeiro imposto pela força militar.

A obra aqui traduzida resulta das reflexões de John Dewey sobre a China no final dos anos 19 e início dos anos 20 do século XX, período marcado pelo crescimento do imperialismo em nível mundial e seus processos de partilha do mundo em busca de matérias-primas e mercados consumidores.

O que o livro demonstra é um processo de disputas internas e externas à China, algo com o que Dewey denomina como os conflitos e a Antiga e a Nova China. Processos modernizantes entram em conflito com a persistência de uma cultura milenar datada de mais de 4 mil anos. A luta pela construção de uma nova China e choca com preceitos já existentes, colocando aos chineses os desafios de mudança social sem perda de sua identidade.

É nesse sentido que Dewey se esforça em mostrar a China a partir do olhar dos próprios chineses. Suas interpretações culturais são recuperadas como forma de demonstrar suas diferenças com a cultura ocidental, demonstrando que os conflitos internos ali existentes constituem em grande desafio de compreensão para os observadores e interessados internacionais.

Os conflitos entre o novo e o velho se apresentam na luta imposta por novos atores, merecendo destaque o movimento estudantil, em uma denúncia aos processos de corrupção política e institucional imperantes no país e a necessidade veemente de sua superação. A luta pelo novo passaria pela negação do velho sem, contudo, perder a identidade milenar. O novo seria construído tendo como referência as mudanças globais da acumulação do capitalismo em curso no período em questão e a continuidade da soberania da China.

Dewey recupera as forças políticas que estão em disputa no período histórico em questão. As relações conflituosas com o Japão, as disputas com a Rússia e a tentativa de influência dos Estados Unidos e demais nações imperialistas e a resistência dos chineses.

Este livro é um convite ao leitor para a interpretação do conturbado período após o final da Primeira Grande Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes e seus impactos na China.

Carlos Lucena